



A atitude do empresário perante a catástrofe
Investigação efetuada em empresas da região centro de Portugal
afetadas pelos incêndios ocorridos em 2017 e pelo surto
pandémico provocado pela COVID-19 em 2020

Trabalho de dissertação de mestrado, apresentado ao Departamento de Gestão, com vista a obtenção do grau de mestre, no âmbito da realização do ciclo de estudos de Mestrado em Gestão de Negócios.

Autor: Carla Suzana Simões Fernandes

Constituição do júri:

Presidente: Mestre Especialista Cláudio Daniel Nunes
Correia, Professor Adjunto da ESTGOH

Arguente: Mestre Especialista Patrícia Milene
Azinheira Cardoso, Professora Adjunta Convidada da
ESTGOH

Orientador: Doutora Maria Joel Lopes Gonçalves,
Professora Adjunta Convidada da ESTGOH

Data: março de 2021

“Empreendedores são aqueles que entendem que há uma pequena diferença entre obstáculos e oportunidades e são capazes de transformar ambos em vantagem.”

Nicolau Maquiavel

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado foi uma longa caminhada, com bastantes percalços, vitórias e derrotas, tristezas e alegrias, mas finalmente chegou a bom porto.

Para que isso fosse possível foi imprescindível o apoio de algumas pessoas, às quais quero deixar aqui o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar, à minha orientadora Prof. Doutora Maria Joel Lopes Gonçalves, a quem agradeço, incansavelmente, por toda a orientação, compreensão, apoio, paciência, motivação, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e por todo o conhecimento transmitido.

Agradeço à minha família, sobretudo à minha mãe e irmã que sempre me apoiaram nas minhas decisões.

Um agradecimento especial à minha amiga Teresa Mendes, colega de curso, pós graduação e mestrado, pela amizade, pela motivação e pela caminhada que fizemos juntas.

Por último, quero dedicar este trabalho ao meu filho para que o inspire na sua jornada e lhe dê motivação e força para conseguir atingir sempre todos os seus objetivos.

RESUMO

Este trabalho analisa a atitude, características, comportamento e intenções do empresário perante situações de catástrofe, mais precisamente o seu perfil empreendedor, a sua resiliência, a sua capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio num ambiente adverso.

É um trabalho de natureza exploratória, uma vez que é um tema ainda pouco estudado, tendo sido utilizado o método de pesquisa qualitativo, através da análise de conteúdos, aplicando entrevistas a seis empresários da região centro do país que foram afetados pelos incêndios em 2017 e pelo surto pandémico, provocado pela COVID-19, em 2020.

Conseguiu-se concluir que estes empresários possuem determinadas características de personalidade em comum, que podem, eventualmente, constituir um perfil empreendedor para situações de adversidade. Essas características são: resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno e externo, empreendedor e foco regulatório (foco de prevenção). Estes empresários superaram as dificuldades, reconheceram oportunidades de negócio na adversidade e alguns até melhoraram os negócios.

Com este estudo e dadas as conclusões, é possível refletir sobre a resiliência e capacidade empreendedora dos indivíduos para desenvolver planos estratégicos de recuperação perante a adversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Catástrofe; Empreendedorismo; Intenção Empreendedora; Resiliência; Reconhecimento de Oportunidades

ABSTRACT

This paper investigates the attitude, characteristics, behaviour, and intentions of entrepreneurs when faced with calamities, more precisely their entrepreneurial profile, their resilience, their ability to rebuild the company, and their recognition of business opportunities in an adverse environment.

This is a work with an exploratory nature, since it is a subject that has been little studied, and the qualitative research method was used, through content analysis, by interviewing six entrepreneurs in the central region of the country who were affected by the fires in 2017 and by the pandemic outbreak, caused by the covid 19 disease, in 2020.

It was concluded that these entrepreneurs have certain personality characteristics in common, which may possibly constitute an entrepreneurial profile for situations of adversity. These characteristics are: resilience, opportunity recognition, internal and external locus of control, entrepreneurial, and regulatory focus (prevention focus). These entrepreneurs overcame difficulties, recognized business opportunities in adversity, and some even improved their businesses.

With this study and given the findings obtained, it is possible to reflect on the resilience and entrepreneurial capacity of individuals to develop strategic plans for recovery in the face of adversity.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE DE QUADROS.....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE ABREVIATURAS	ix
1 – INTRODUÇÃO	10
2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	12
2.1 CONTEXTO AMBIENTAL.....	12
2.2 REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.2.1 Empreendedor	18
2.2.1.1 Conceito de empreendedor.....	18
2.2.1.2 Características do empreendedor	19
2.2.2 Catástrofe	20
2.2.2.1 Conceito de catástrofe	20
2.2.2.2 Oportunidades de negócio	22
2.2.3 Relação entre o empreendedor e a catástrofe	23
2.2.3.1. Comportamento do empreendedor após a catástrofe.....	23
2.2.4. Intenção empreendedora	23
2.2.4.1. Conceito	23
2.2.4.2. Modelos de intenção empreendedora.....	26
2.2.5 Perfil do empreendedor	26
2.2.5.1. Personalidade e comportamento empreendedor.....	26
2.2.5.2. Conceito de personalidade	27
2.2.5.3. Características de personalidade	28
2.2.5.3.1 Resiliência	29
2.2.5.3.1.1 Conceito de resiliência	29
2.2.5.3.1.2 A resiliência no empreendedorismo	30
2.2.5.3.2 Locus de controlo	31
2.2.5.3.3 Foco regulatório	32
2.2.5.3.4 Tolerância ao risco	34
2.2.5.3.5 Perceção do risco.....	34
2.2.6. Perceção do sucesso do negócio.....	35

3 – ESTUDO DE CASO	39
3.1. OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	39
3.2. OPÇÕES METODOLÓGICAS	41
3.2.1. Instrumento de recolha de dados – a entrevista.....	46
3.2.2 Validação do instrumento de recolha de dados	52
3.2.3 Análise de conteúdo	52
4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	55
5 – CONCLUSÕES.....	80
6 - LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	82
7 - SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
APÊNDICES.....	100

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Papéis organizacionais	18
Quadro 2 - Características do empreendedor	19
Quadro 3 - Escala de classificação para catástrofes	21
Quadro 4 - Eixos fundamentais da intenção empreendedora na literatura	25
Quadro 5 - Modelos de intenção empreendedora por ramos de desenvolvimento.....	26
Quadro 6 - Características pessoais do empreendedor	28
Quadro 7 - Resiliente – características de personalidade	29
Quadro 8 - Fatores de sucesso empresarial	37
Quadro 9 - Variáveis em estudo	40
Quadro 10 - Características do método de pesquisa qualitativo.....	43
Quadro 11 - Resumo dos objetivos, método, amostra e procedimento do estudo.....	49
Quadro 12 - Códigos identificativos das entrevistas	51
Quadro 13 - Caracterização da amostra	51
Quadro 14 - Relação do guião das entrevistas com as questões de investigação e objetivos	54
Quadro 15 - Síntese da análise efetuada às entrevistas - identificação das variáveis.....	79

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Resiliência - dinâmica e estágios da mudança.....	30
Figura 2 - Desenvolvimento da análise de conteúdo.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS

ADN	Ácido desoxirribonucleico
BdP	Banco de Portugal
CCDRC	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
INE	Instituto Nacional de Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
SARS-CoV-2	Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2

1 – INTRODUÇÃO

O tema subjacente a esta dissertação de mestrado é sobre a atitude do empresário perante a ocorrência de catástrofes, que inevitavelmente afetam a estrutura económica, empresarial e social das regiões, prejudicando a produção e o nível de riqueza.

As catástrofes têm-se verificado cada vez com mais frequência, pois, a busca incessante do Homem pelo desenvolvimento e crescimento económico tem provocado cada vez mais danos irreparáveis no planeta Terra. As catástrofes ambientais e o aparecimento de doenças infecciosas são fenómenos provocados por alterações relevantes na atmosfera e nos sistemas naturais, potenciadas por processos de degradação ambiental humano-induzidos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) estas mudanças afetam as atividades económicas, infraestruturas e ecossistemas e ameaçam a saúde humana (Lindahl & Grace, 2015).

No âmbito deste trabalho as catástrofes analisadas são: os incêndios ocorridos em outubro de 2017 e o surto pandémico provocado pela COVID-19 em 2020.

É fundamental reconhecer o impacto que as catástrofes têm nas dimensões de personalidade no que diz respeito às decisões e intenções do empreendedor, pelo que se pretende pesquisar sobre a dimensão dos problemas resultantes das catástrofes e refletir sobre a capacidade empreendedora dos indivíduos para desenvolver atividades de planeamento e estratégias de recuperação. Pretende-se, pois, analisar a atitude, características, comportamento e intenções do empresário perante situações de catástrofe, mais precisamente o seu perfil empreendedor, a sua resiliência, a sua capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio num ambiente adverso.

Decidiu-se desenvolver um estudo de natureza exploratória através da análise de conteúdos para que os empresários pudessem descrever as suas vivências. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdos é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Sendo este estudo do tipo descritivo e exploratório, o instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista, aplicada a empresários que vivenciaram a situação em estudo. Desta forma, foi desenvolvido um guião de entrevista semi-diretiva, de forma a dar liberdade de resposta, tendo sido aplicado a seis empresários.

O trabalho está organizado em sete capítulos: no primeiro consta a introdução, no segundo capítulo o enquadramento teórico (com o ambiente contextual e a revisão da literatura); no terceiro capítulo a descrição da metodologia (apresentamos a problemática em estudo, as questões de investigação e os objetivos e por fim as opções metodológicas adotadas, sendo que se optou pela análise de conteúdos, usando como técnica de recolha de dados a entrevista); no capítulo quatro, a análise e discussão dos dados; no quinto as conclusões; no sexto capítulo as limitações do estudo e por fim, no sétimo apresentam-se sugestões de estudos futuros.

2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 CONTEXTO AMBIENTAL

Em 2017 a região centro do país sofreu uma grande catástrofe causada pelos incêndios que deflagraram em vários pontos. Causaram destruição a nível de perdas de vida, habitações, empresas, terras de cultivo e florestas.

De acordo com o relatório técnico “*Forest Fires in Europe, Middle East and North Africa 2017*”, nesse ano a área queimada foi de 539 921 ha.¹ Foram atingidas zonas de densidade populacional importante, nos distritos de Leiria, Coimbra, Viseu, Guarda e Aveiro.

Segundo o relatório Anual de 2017 “*Análise de Clima e Catástrofes*”, estes incêndios provocaram prejuízos de 708 milhões de euros. Neste relatório aparecem identificados os cinco desastres mais relevantes em toda a Europa, no Médio Oriente e em África, surgindo entre eles os incêndios de outubro em Portugal, tendo sido o país mais afetado e com avultadas perdas económicas.²

De acordo com os dados comunicados à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC), mencionados no relatório “*Avaliação dos incêndios ocorridos entre 14 e 16 de outubro de 2017 em Portugal Continental*”, o território sofreu danos incalculáveis e praticamente irreparáveis. O tecido produtivo e económico foi gravemente afetado, com centenas de postos de trabalho em risco e sem recursos para retomar a produção, provocando um forte impacto na economia regional.³

¹ Retirado do relatório da European Union (2018). *Forest Fires in Europe, Middle East and North Africa 2017*. Technical report. *Joint Research Centre (JRC)*. disponível em https://effis-gwis-cms.s3euwest1.amazonaws.com/effis/reports-and-publications/annualfirereports/Annual_Report_2017_final_print_images_updated.pdf

² Retirado do relatório da Aon Benfield (2017). *Análise de Clima e Catástrofes - Relatório Anual 2017*: 20. Disponível em <https://document.onl/documents/analise-de-clima-e-catastrofes-analise-de-clima-e-catastrofes-relatorio-anual.html>

³ Retirado do relatório final “*Avaliação dos incêndios ocorridos entre 14 e 16 de outubro de 2017 em Portugal Continental*”. Comissão Técnica Independente. Assembleia da República. Lisboa. 274 pp. Disponível em <https://www.parlamento.pt/Documents/2018/Marco/RelatorioCTII90318N.pdf>

O Governo criou um sistema de incentivos com o objetivo de promover o restabelecimento da competitividade e da capacidade empresarial, colocando à disposição das empresas afetadas diversos tipos de apoios, nomeadamente para a manutenção dos postos de trabalho, aquisição de equipamentos e reconstrução dos edifícios, segundo a *Resolução do Conselho de Ministros n.º 167-B/2017*.⁴

Em março de 2020 Portugal e o mundo, enfrentam uma pandemia grave provocada por uma doença, a COVID-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*), que é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), segundo Gorbalenya (2020) e de acordo com informação retirada de BBC News.⁵

A Pandemia de COVID-19 atinge Portugal, oficialmente, a 2 de março de 2020 quando foi reportado que dois homens, testaram positivo ao COVID-19, de acordo com informação da Ministra da Saúde que confirma o primeiro caso positivo em Portugal, segundo noticiado pelo Expresso em 2 de março de 2020.⁶ Até ao dia 5 de julho de 2020, houve 43.897 casos confirmados, com um total de 1.614 mortes e 29.017 já recuperados, segundo dados do *Relatório de Situação n.º 125 da Direção Geral de Saúde*.⁷

Os primeiros casos do novo coronavírus foram anunciados no fim do ano de 2019 em China. A contaminação terá começado num mercado de animais vivos na cidade de Wuhan. No final de janeiro, com a propagação do coronavírus, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto como caso de emergência de saúde pública internacional.

Em Portugal⁸ desencadearam-se medidas de contenção e mitigação da propagação do vírus, nomeadamente o confinamento da população em casa e o encerramento da atividade

⁴ Resolução do Conselho de Ministros n.º 167-B/2017, publicada no Diário da República, 1.ª série N.º 211 – 2 de novembro de 2017

⁵ Retirado de BBC News: Coronavirus disease named Covid-19, em 11/02/2020. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-51466362>

⁶ Retirado de <https://expresso.pt/sociedade/2020-03-02-Ministra-confirma-primeiro-caso-positivo-de-coronavirus-em-Portugal>

⁷ Relatório de Situação n.º 125 da Direção Geral de Saúde, publicado em <https://covid19.min-saude.pt/relatorio-de-situacao/>

⁸ www.noticiasao minuto.com (2020) Covid-19: Evolução da pandemia em Portugal. País ao minuto. Disponível em <https://www.noticiasao minuto.com/pais/1448961/covid-19-evolucao-da-pandemia-em-portugal>

económica quase na totalidade. O setor do turismo foi dos que sofreu uma quebra mais acentuada. A Associação de Hotelaria de Portugal estimou perdas de receitas turísticas entre 500 a 800 milhões de euros, entre 01 de março e 30 de junho. A situação de calamidade, regulada pela Lei de Base da Proteção Civil, foi declarada pela segunda vez, tendo a primeira ocorrido durante os incêndios florestais de 2017.

Após um período de confinamento de 3 meses foram retomadas diversas atividades sociais e económicas, sendo o uso de máscara obrigatório em diversos espaços, como escolas, transportes públicos e espaços comerciais. A pandemia COVID-19 mudou drasticamente a vida das pessoas e das empresas debilitando seriamente a economia mundial.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) e o Banco de Portugal (BdP) lançaram um inquérito sobre os primeiros efeitos da pandemia da COVID -19 na economia nacional entre 6 e 10 de abril de 2020.⁹

O inquérito foi direcionado a um conjunto de empresas de micro, pequena, média e grande dimensão representativas dos diversos setores de atividade económica, sendo a amostra de 8.883 empresas. Foram obtidas 4.793 respostas válidas, representando uma taxa de resposta global de 54%. As empresas inquiridas representam 54% do pessoal ao serviço e 65% do volume de negócios da amostra. Segundo os dados retirados do inquérito 82% das empresas mantêm-se em produção, mesmo que de forma parcial, enquanto que 16% encerraram de forma temporária e 2% encerraram de forma definitiva. A proporção de empresas que fecharam de forma definitiva ou temporária aumenta quanto menor for a dimensão da empresa. 3% das microempresas encerraram definitivamente, enquanto que 24% encerrou de forma temporária. O setor do alojamento e restauração (turismo) é o mais afetado. Apenas 38% das empresas continua em funcionamento, 55% encerrou temporariamente e 7% de forma definitiva. Quanto às grandes empresas a percentagem que encerrou de forma definitiva é inferior a 1% e 86% mantêm-se a funcionar.

O setor menos afetado é o da construção e atividade imobiliária, com 91% em atividade, 8% em encerramento temporário e 1% das empresas encerraram de forma definitiva.

⁹ Inquérito Rápido e Excepcional às Empresas – COVID-19 em 14-04-2020, disponível em https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/documentos-relacionados/iree_20200414.pdf

Apesar da maioria das empresas continuar em funcionamento, quer de forma total ou parcial, a maioria admite que a pandemia da Covid-19 reduziu o volume de negócios.

À semelhança do que aconteceu com os incêndios, o Governo criou várias medidas de apoio ao emprego e às empresas, nomeadamente o incentivo ao teletrabalho, o lay off, o apoio extraordinário à manutenção do contrato de trabalho, conforme se pode verificar no documento “*Covid 19 – Apoios do Governo Português*” da CCR Legal – Sociedade de Advogados.¹⁰

Os efeitos negativos da pandemia COVID-19, que obrigou ao confinamento da população em casa e ao encerramento da atividade económica quase na totalidade, refletem-se nos principais setores da economia e na vida das empresas e colaboradores, que, numa crise sem precedentes, necessitam de medidas de apoio que permitam a sua recuperação e o regresso à atividade.¹¹ No entanto, constata-se que as empresas portuguesas estão a saber adaptar-se à nova realidade e muitas converteram a sua atividade para a produção de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) que escasseiam em Portugal e no mundo.

De acordo com o autor Bussacarini (2020) a recuperação é essencialmente da responsabilidade do empresário, da sua capacidade empreendedora e do reconhecimento das oportunidades, assim como, na forma como enfrenta a catástrofe. Para além, de todos os apoios que o Governo possa colocar à disposição, são a capacidade empreendedora, a capacidade de reconhecer oportunidades e a resiliência dos empresários que poderão representar o fator determinante do sucesso na reconstrução dos negócios.

Surge, desta forma, a necessidade de estudar a atitude dos empresários perante a catástrofe, analisar se determinadas características e traços da sua personalidade são determinantes para ultrapassar as adversidades e para o desempenho, com sucesso, dos negócios, bem como a capacidade para o reconhecimento de oportunidades.

¹⁰ Documento da CCR Legal – Sociedade de Advogados (2020). *Covid 19 – Apoios do Governo Português*. An independent law firm member of PwC’s legal practices. Atualizado em 13-04-2020. Disponível em <http://www.ccrlegal.pt/assets/docs/ccr-covid-19-apoio-governo.pdf>

¹¹ Retirado da revista Portugalglobal, n.º 130, maio 2020. Covid-19 - O impacto na economia e nas empresas. A AICEP no apoio às empresas. Aicep Portugal Global. www.portugalglobal.pt

2.2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, é feito o enquadramento teórico dos conceitos subjacentes a este trabalho. Os conceitos que fazem parte do corpo teórico desta dissertação são: empreendedorismo, empreendedor, resiliência, catástrofe e oportunidades de negócio. Será explorada a relação entre o empreendedor/empreendedorismo e a catástrofe, demonstrando o comportamento do empreendedor perante a catástrofe. Por fim, terminaremos com uma abordagem à percepção do sucesso do negócio.

2.2.1. Empreendedorismo

2.2.1.1. Conceito de empreendedorismo

O empreendedorismo tem vindo a assumir um papel fundamental na sociedade e economia (Low & MacMillan, 1988).

De acordo com Dolabela (1999), empreendedorismo provém da tradução de *entrepreneurship* e é utilizado para qualificar os estudos referentes ao empreendedor, nomeadamente o seu perfil, as suas origens, as suas características e as suas atividades e meio de atuação.

Segundo Valenciano e Barboza (2005) o papel do empreendedor é fundamental nas economias nacionais, para que surjam oportunidades relacionadas com renda e investimentos.

Na perspetiva de Bateman e Snell (2012) o empreendedorismo surge quando um indivíduo, com perfil habilidoso e desafiador, percebe uma oportunidade lucrativa e está disposto a esforçar-se para realizar os seus sonhos e transformá-los em projetos reais.

Desta forma, empreendedorismo é, normalmente, associado à iniciativa, inovação, possibilidade de fazer coisas novas e de forma diferente, assim como à capacidade de assumir riscos. Pressupõe-se que as pessoas empreendedoras estão prontas para agir, desde que existam condições favoráveis e o apoio necessário. São pessoas com capacidade de criar uma

nova forma de uso dos recursos, para realização de uma ideia ou projeto pessoal, assumindo riscos e responsabilidades.¹²

O empreendedorismo pode ser uma fonte de criação de novas empresas, que desperta nos indivíduos o desejo de criar novos negócios e a responsabilidade de desenvolver e proporcionar riqueza à nação, através da sua capacidade de produção de bens e serviços indispensáveis ao bem-estar e sustento da população, ou seja, o empreendedorismo foi e continua a ser essencial para o progresso económico (Oswald, 2017).

No entendimento de Oliveira, Vasconcelos e Jeunon (2015) o empreendedorismo tem sido visto como uma solução para o desenvolvimento de todas as sociedades, bem como fonte geradora de emprego e rendimento. Na verdade, o empreendedorismo capacita os indivíduos para serem audaciosos, criativos, versáteis, autónomos e ousados que procuram a motivação e desejam criar algo.

Segundo os autores Caussi e Scholz (2017), o empreendedorismo atual está relacionado com a identificação de oportunidades, utilização da criatividade para agregar valor a algo existente, aplicação da motivação para superar obstáculos e propensão ao risco.

No entanto, para que aconteçam negócios de sucesso é necessário o envolvimento de pessoas e processos e que, em conjunto, transformem ideias em oportunidades. É a perfeita implementação destas oportunidades que leva à criação de negócios de sucesso (Dornelas, 2008).

O empreendedorismo não se caracteriza somente por inovações e criação de conceitos, mas também pela iniciativa de reunir talentos, ideias, conhecimento e recursos em prol da criação, renovação ou inovação de mecanismos dentro ou fora de uma organização pré-existente (Brancher, Oliveira & Roncon, 2012).

¹² Retirado do estudo Empreendedorismo Jovem – Um Olhar sobre Portugal - IFDEP, 2014, realizado no âmbito do Programa PORTUGAL POSITIVO, desenvolvido pelo IFDEP (Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal), com o apoio do POAT (Programa Operacional de Assistência Técnica). Departamento de Research www.ifdep.pt, Cândida Marinha, Lúcia Silva, Miguel Carreto, Pedro Terrível, Tiago Costa, Novembro de 2014.

2.2.1 Empreendedor

2.2.1.1 Conceito de empreendedor

A palavra “empreendedor” foi utilizada no final do século XVII e início do século XVIII para identificar o indivíduo que criava e conduzia projetos ou empreendimentos (Schmidt & Bohnenberger, 2009).

Para Minello (2014) o empreendedor é o indivíduo com capacidade para inovar, com iniciativa, que se reinventa a fim de transformar recursos e acontecimentos e que aceita o risco ou o fracasso dos seus actos.

Existem dois tipos de empreendedor: o que empreende em relação à oportunidade e aquele que empreende por necessidade, de acordo com Dornelas (2008).

Gerber (2004) distingue três personagens que correspondem a papéis organizacionais, como se pode verificar no quadro seguinte:

Quadro 1 - Papéis organizacionais

Personagem/Papel	Características
O Empreendedor	Visionário, sonhador, vive no futuro, nunca no passado e raramente no presente, reconhece oportunidades em situações comuns, é inovador, tem estratégia, cria novos métodos para conquistar novos mercados.
O Administrador	Pragmático, vive no passado, ambiciona ordem, cria esquemas extremamente organizados para tudo.
O Técnico	Executor, gosta de reparar coisas, vive no presente, fica satisfeito no controle do fluxo de trabalho e é um individualista determinado.

Fonte: Adaptado de Gerber (2004)

Para Schumpeter (1982), o empreendedor é aquele que realiza coisas novas, utilizando o talento para aproveitar oportunidades, deparando-se com o risco e assumindo-o. Assume o empreendedorismo como um traço de personalidade do indivíduo.

Já para Drucker (1987) na sua obra “*Inovação e espírito empreendedor*” os empreendedores criam algo novo, algo diferente, transformando e mudando valores enraizados. Para este autor, contrariamente ao entendimento de Schumpeter (1982) o empreendedorismo não é um

traço de personalidade, mas um comportamento que pode ser adquirido ou aperfeiçoado ao longo da vida de um indivíduo. Não se nasce empreendedor, desenvolve-se como tal.

É cada vez mais evidente que o empreendedorismo pode ser ensinado (Kuratko, 2005). Da mesma forma Drucker (2002) defende que o empreendedorismo não está presente no ADN (ácido desoxirribonucleico) dos indivíduos, mas é uma disciplina que pode ser aprendida, assim como qualquer outra.

2.2.1.2 Características do empreendedor

A busca pela compreensão das características empreendedoras, no sentido de perceber qual a melhor forma de estimular cada vez mais e melhores empreendedores é cada vez maior, pois o empreendedorismo é um fenómeno mundial e está ligado ao crescimento económico.

São diversos os estudos e autores (ver quadro 2) que defendem determinadas características que um empreendedor deve ter, nomeadamente: criatividade, capacidade de organização, responsabilidade, capacidade de liderança, predisposição para assumir riscos calculados, visionário, capacidade para reconhecer e aproveitar as oportunidades, promover a mudança e tolerância ao risco.

Quadro 2 - Características do empreendedor

Características do empreendedor	Autor
Agente de mudança inovador, possuidor de características distintas e de determinadas habilidades que lhe possibilitam desempenhar determinada atividade empreendedora.	(Schumpeter, 1985)
Autoconfiança, comprometimento, orientação para metas, propensão aos riscos calculados, saber lidar com falhas, assumir responsabilidade, usar recursos, tolerância para ambiguidade e incerteza.	(Timmons, 1990)
Comprometimento, liderança, visão de futuro, carisma, habilidade para resolver conflitos, obsessão por oportunidades, tolerância ao risco, à ambiguidade e à incerteza, criatividade, autoconfiança e adaptabilidade e motivação para o êxito.	(Timmons & Spinelli, 2004)
Equilibrado, estabelece o seu destino e move-se liberalmente entre visões dogmáticas extremas.	(Jansen & Van Wees, 1994)
Destaca que a inovação é uma ferramenta ímpar para os empreendedores.	(Piscopo, 2010)
Capacidade de estabelecer objetivos claros e encontrar oportunidades de negócios. É um visionário e um indivíduo que faz uso da sua criatividade e conhecimento do ambiente em que está inserido para vislumbrar oportunidades. São indivíduos que não se ficam, apenas, na função de decisão. Têm que imaginar os objetivos que pretendem alcançar. O seu papel é prever o que fazer e, muitas vezes, mostrar como fazer.	(Filion, 2000)

As características do empreendedor baseiam-se na motivação que os indivíduos têm pelas suas atividades, visto que demonstram motivação e determinação extremamente elevada, o que os distingue de outros profissionais que muitas vezes fazem apenas o suficiente para cumprir as suas tarefas.	(McClelland, 1972)
Indivíduo capaz de identificar as oportunidades, independentemente dos recursos que tem à mão, uma vez que sabe como procurar, gerir e capacitar recursos.	(Dolabela, 2002)
O empreendedor deve ser auto-eficaz, tomar iniciativa, organizar e reorganizar mecanismos sociais e económicos para transformar recursos em oportunidades, além de aceitar o risco e o fracasso.	(Hisrich & Peters, 2004)
O empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem e que se antecipa aos factos. Tem uma visão futura da organização. São visionários, sabem tomar decisões, são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados, são otimistas e apaixonados pelo que fazem. São independentes e constroem o próprio destino, ficam ricos, são líderes e formadores de equipas, são bem relacionados (<i>networking</i>), são organizados, planeiam, possuem conhecimento, assumem riscos calculados, criam valor para a sociedade.	(Dornelas, 2008)
Permanente interação entre os agentes produtivos, possuindo uma visão coletiva da ação empreendedora, enquanto fenómeno social.	(Rossi, Schmidt, Alvez & Dreher, 2014).

Fonte: Desenvolvido pela autora

Percebe-se que o indivíduo empreendedor possui algumas características essenciais que podem ser inatas ou desenvolver-se ao longo dos tempos, pois ser empreendedor não significa nascer com determinadas habilidades. É necessária uma postura de aprendizagem e desenvolvimento durante toda a vida. O empreendedor está sempre relacionado a alguém inovador, criativo e que corre riscos.

2.2.2 Catástrofe

2.2.2.1 Conceito de catástrofe

De acordo com Castro e Calheiros (2007) uma catástrofe é o resultado de um acontecimento adverso, cuja causa poderá ser natural ou provocada pela ação do homem, sobre um ecossistema vulnerável. Ocorrem danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos socioeconómicos.

Ludwig e Mattedi (2016) afirmam que a ocorrência e a intensidade dos desastres dependem mais do grau de vulnerabilidade dos cenários de desastres e das comunidades afetadas do que da magnitude dos eventos adversos.

As catástrofes são responsáveis por impactos ambientais, económicos e sociais muitas vezes negativos, devido à ausência de planeamento preventivo, à escassez de recursos e, também, à baixa resiliência, característica do fraco nível de capital social (Toya & Skidmore, 2007).

Fischer (2003) propôs o estabelecimento de um sistema de classificação para catástrofes idêntico à escala Richter para terremotos (ver quadro 3). Trata-se de uma escala de classificação que representaria as interpretações do cientista social sobre a extensão do ajuste por uma comunidade ou sociedade em relação a outros elementos do desastre.

Para melhor se compreender devem ser colocadas duas questões: a que identifica a escala "Quão severa é a destruição e a aflição?" e a que revela o escopo "Quão disseminada é a rutura dentro da comunidade?" (Fischer, 2003).

Quadro 3 - Escala de classificação para catástrofes

Escala	Categoria
1	Emergências quotidianas
2	Emergências graves
3	Interrupção parcial e adaptação numa cidade, município ou área rural
4	Perturbações e ajustes maciços numa cidade, município ou área rural
5	Interrupção parcial e adaptação numa cidade pequena ou média
6	Interrupção e ajuste maciço numa cidade pequena ou média
7	Interrupção parcial e adaptação numa cidade grande
8	Perturbação e ajustamento numa cidade grande
9	Catastrófica e / ou simultânea perturbação maciça e adaptação em várias comunidades
10	A aniquilação completa de uma sociedade

Fonte: Adaptado de Fischer (2003)

De acordo com Quarantelli (2003) condições e consequências muito diferentes podem ocorrer se uma emergência quotidiana coloca os serviços de emergência em ação, se um desastre atinge espontaneamente uma comunidade inteira e, se uma capacidade organizacional de toda uma sociedade e cultura for colocada à prova ou sobrecarregada (catástrofe).

No caso em estudo, os incêndios ocorridos na região centro do país, no último trimestre de 2017, bem como a pandemia que deflagrou em Portugal e no mundo em março de 2020, identificam-se como catástrofes, com efeitos diretos e indiretos no tecido económico, empresarial e social das regiões afetadas.

O processo de recuperação das empresas afetadas pode constituir uma oportunidade de melhoria nos negócios, assim como as consequências indiretas das catástrofes se podem traduzir em benefícios para a sociedade em vez de perdas.¹³

2.2.2.2 Oportunidades de negócio

As oportunidades são fontes para ideias de negócios (Bateman & Snell, 1996). Portanto, acontecimentos como crises económicas, mudanças demográficas e sociais, desastres naturais e calamidades podem constituir as circunstâncias necessárias para a criação de novos negócios.

Na literatura sobre empreendedorismo existem vários estudiosos que defendem a ideia de que o fenómeno do empreendedorismo depende do reconhecimento de oportunidades (Shane & Venkataraman, 2000; Singh, 2001; Eckhardt & Shane, 2003). Segundo a perspetiva de Casson (1982) o cerne do empreendedorismo está no reconhecimento e exploração de novas oportunidades.

Para o reconhecimento de oportunidades é necessário o empreendedor possuir determinadas características resilientes que lhe permitam ter uma visão otimista e empreendedora apesar da tragédia. Os empreendedores reconhecem desafios e riscos de forma responsável e ética. Estes indivíduos têm a capacidade de ver, nos momentos de crise e dificuldades económicas, oportunidades de crescer e inovar, pois possuem uma visão ampla e inovadora e apesar das adversidades nunca desistem (Hilsdorf, 2015).

Dornelas (2012) entende que o empreendedor é o indivíduo que reconhece as oportunidades, cria os negócios e assume riscos calculados.

Na mesma linha de ideias, os autores Kumar e Ali (2010) defendem que o empreendedorismo é a descoberta de oportunidades lucrativas e a tomada de decisão em estudá-las, ter visão numa oportunidade onde os outros percebem somente as contradições, caos e confusão.

¹³ Retirado de Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC) - ECLAC and the new growth theories de Adela Hounie, Lucía Pittaluga, Gabriel Porcile and Fabio Scatolin em CEPAL Review 68, agosto 1999, Santiago, Chile - Economic Commission for Latin America and the Caribbean - LC/G.2039-P.

Para que o empreendedorismo seja bem-sucedido é necessário verificar-se, em simultâneo, o aparecimento de novas oportunidades e a presença de determinadas capacidades no empreendedor: capacidade geral, capacidade especializada, inteligência e liderança natural (Marshall, 1890).

2.2.3 Relação entre o empreendedor e a catástrofe

2.2.3.1. Comportamento do empreendedor após a catástrofe

Depois da catástrofe o comportamento do empreendedor, a sua predisposição para empreender e o dinamismo do ambiente empresarial podem originar negócios de sucesso ou fracasso, o que terá impacto no crescimento económico e social local.

De acordo com Enriquez (2000) tanto o sucesso como o fracasso dos negócios são ditados pela atitude do empreendedor e não pela estrutura da organização. Pois, é ele que toma as decisões e tem de superar os desafios e enfrentar as adversidades.

Muitas das vezes o receio do fracasso impede que os indivíduos transformem as oportunidades percebidas em novos negócios.¹⁴

Para Baron e Shane (2010) a palavra “crise” compõe-se por dois ideogramas em que um representa perigo e o outro a oportunidade, defendendo assim que perigo e oportunidade são “dois lados da mesma moeda”.

Os empreendedores poderão ser os responsáveis pela formulação das estratégias-chave que farão a empresa atingir os seus objetivos (Hodges, 2001), tendo assim um papel e responsabilidade bastante relevante no sucesso ou fracasso do negócio (Dotlich, 2004; Finkelstein, 2007).

2.2.4. Intenção empreendedora

2.2.4.1. Conceito

¹⁴ Retirado de Global entrepreneurship monitor (2011). Empreendedorismo no Brasil. Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade. Curitiba: IBQP

São vários os estudos que comprovam que é necessária uma forte intenção para decidir empreender e só os indivíduos com intenções empreendedoras firmes é que procuram inovações, conseguem criar novas empresas ou motivar gestores importantes na organização (Dermol, 2010).

Uma vez que as intenções se baseiam em fatores de natureza motivacional, percebe-se que estas influenciam o comportamento e indicam a predisposição de um indivíduo para atingir os seus objetivos.

As intenções de um indivíduo mostram o esforço que ele estará disposto a exercer para realizar determinado comportamento, o que origina uma relação de proporcionalidade positiva entre o nível de intenção de ter determinado comportamento e a concretização (Ajzen, 1991).

O comportamento empreendedor é intencional, e por esse motivo é melhor fazer previsões com base na intenção do que pelo comportamento (Bird, 1988; Krueger & Carsrud, 1993).

Segundo Bird (1988) a intenção empreendedora é definida como um estado de espírito, direcionando a atenção de uma pessoa em direção a um objeto específico ou objetivo para conseguir algo.

Verifica-se uma estreita relação entre a intenção de se tornar num empresário e o seu desempenho efetivo, segundo Barbosa (2015).

Liñán (2004) refere ainda, que a intenção torna-se o elemento fundamental para explicação do comportamento, indicando o esforço que o indivíduo executa para esse mesmo comportamento empreendedor.

No ponto de vista de Ajzen (1991) existem três fatores motivacionais que influenciam o comportamento e que se identificam no quadro 4.

Quadro 4 - Fatores motivacionais que influenciam o comportamento

Fator	Descrição
Controlo comportamental	Perceção da facilidade ou dificuldade na realização do comportamento de interesse (tornar-se empreendedor).
A atitude em relação ao comportamento	Grau no qual o indivíduo apresenta uma avaliação positiva ou negativa pessoal sobre o facto de ser um empreendedor.

Percepção das normas sociais	Medem a pressão social percebida para realizar ou não realizar o comportamento empreendedor.
------------------------------	--

Fonte: Adaptado de Ajzen (1991)

Para Barbosa (2015) estes três fatores constituem as variáveis explicativas da intenção empreendedora.

Lima, Lopes, Nassif e Silva (2015) entendem que a intenção empreendedora do indivíduo corresponde a percepções que ele tem sobre o seu potencial para empreender.

Como se pode constatar são várias as teorias acerca da intenção empreendedora. No entanto, na literatura o estudo da intenção empreendedora pode ser visto segundo dois eixos fundamentais e estruturantes, conforme se apresenta no quadro seguinte:

Quadro 4 - Eixos fundamentais da intenção empreendedora na literatura

Eixo	Origem	Autores
Empreendedorismo	Modelo do Evento Empresarial	(Shapero & Sokol, 1982), (Shapero, 1984)
	Modelo de Intencionalidade	(Bird, 1988)
Psicologia Social (tem como objeto a análise de comportamentos e de processos mentais que relacionam a atitude e a crença com a ação)	Teoria do Comportamento Planeado	(Ajzen & Fishbein, 1980), (Ajzen, 1991),
	Teoria da Ação Racional	(Fishbein & Ajzen, 1975, 2010)
	Teoria da Autoeficácia	(Bandura, 1977)
	Teoria Social Cognitiva	(Bandura, 1986, 1989a, 1989b, 2001, 2008)

Fonte: Desenvolvido pela autora

O primeiro eixo é específico da área de empreendedorismo, tem origem no modelo do evento empresarial.

O segundo eixo tem origem na psicologia social. São especialmente relevantes a teoria do comportamento planeado fundamentada na teoria da ação racional e a teoria da autoeficácia, posteriormente desenvolvida como teoria social cognitiva.

2.2.4.2. Modelos de intenção empreendedora

Para Brännback, Carsrud, Elfving, Krueger e Kickul (2006) e também para Elfving, Brännback e Carsrud (2009) todos os modelos explicativos da intenção empreendedora são extensões do modelo do evento empresarial, onde se incorpora o conceito de autoeficácia, ou extensões da teoria do comportamento planeado, com a formulação de intencionalidade.

O quadro seguinte mostra os modelos de intenção empreendedora por ramos de desenvolvimento, agrupados de acordo com a literatura.

Quadro 5 - Modelos de intenção empreendedora por ramos de desenvolvimento

Modelo	Autores
Modelo do Evento Empresarial	(Shapero & Sokol, 1982)
Modelo de Intencionalidade	Bird (1988), posteriormente desenvolvido por Boyd e Vozikis (1994)
Teoria do Comportamento Planeado	Ajzen e Fishbein (1980), Ajzen (1991, 2011), desenvolvida a partir da Teoria da Ação Racional de Fishbein e Ajzen (1975)
Teoria da Autoeficácia	Bandura (1977), posteriormente desenvolvida como Teoria Social Cognitiva (Bandura, 1986, 1989a, 1989b, 2001, 2008)
Modelo de Davidsson (1995)	(Davidsson, 1995)
Modelo de Comportamento Empresarial	(Liñán, 2004), (Liñán & Rodríguez, 2004), (Liñán & Chen, 2009), (Liñán, Santos & Fernández, 2011)
Modelo da Teoria Cognitiva Social	Bandura (1986, 1989a, 1989b, 2001, 2008)

Fonte: Desenvolvido pela autora

São imensos os modelos e abordagens existentes, mas ainda não se conseguiu uma definição clara e consistente, um modelo único e consensual (Brännback et al., 2006). Nem, tão pouco, uma forma fidedigna de mensurar a intenção empreendedora (Shook, Priem & McGee, 2003; Thompson, 2009; Schlaegel & Koenig, 2014).

2.2.5 Perfil do empreendedor

2.2.5.1. Personalidade e comportamento empreendedor

Os autores Nandram e Samsom (2007) referem que a literatura relacionada com o comportamento do empreendedor é um antevisor do sucesso ou do fracasso dos negócios e

baseia-se, sobretudo, nas descobertas relacionadas com as variáveis demográficas e os traços dos empreendedores.

Determinadas pessoas demonstram certas atitudes e motivações capazes de prever o seu comportamento em empreender (Krueger, Reilly & Carsrud, 2000).

Tem sido muito difícil distinguir a importância relativa do indivíduo e dos fatores contextuais na explicação do desempenho empreendedor (Sorensen & Chang, 2008).

O estudo dos contextos socioeconómicos, educacionais e familiares dos indivíduos, bem como a motivação e as suas crenças, pode ser útil na perceção do perfil do empreendedor e um incentivo ao empreendedorismo (Wadhwa, Aggarwal, Holly & Salkever, 2009).

Segundo Chell (2008) o comportamento empreendedor é influenciado por regras sociais, normas e responsabilidades que podem ser impostas por políticas públicas, que tendo por base características inovadoras pode propiciar o desenvolvimento de uma personalidade empreendedora.

Esta personalidade empreendedora torna os indivíduos singulares e pode promover o crescimento e desenvolvimento socioeconómico (Rizzato & Moran, 2013).

2.2.5.2. Conceito de personalidade

A personalidade é um fator determinante no sucesso dos negócios e a teoria dos traços, segundo a conceção de Eysenck (1998), assume aqui um papel fundamental.

Este autor utilizou a análise fatorial para identificar os padrões de traços da personalidade: extroversão, neuroticismo e psicoticismo. A extroversão relaciona-se com o grau de sociabilidade, o neuroticismo inclui a estabilidade emocional e o psicoticismo diz respeito à forma como a realidade é distorcida. A avaliação da personalidade segundo esta dimensão permitiu prever, rigorosamente, o comportamento em diversos tipos de situações. Para cada dimensão estão associados traços diferentes. Na extroversão identificam-se pessoas sociáveis, ativas, assertivas, em busca de sensações. Na dimensão neuroticismo encontram-se indivíduos ansiosos, deprimidos, com sentimento de culpa, baixa auto-estima e tensos. No que diz respeito ao psicoticismo caracterizam-se como pessoas agressivas, frias, egocêntricas, impessoais e impulsivas.

Na literatura dos traços de personalidade encontramos os “*Big Five*” que são as medidas de personalidade, cientificamente, mais utilizadas. Tupes e Christal (1961) desenvolveram o modelo inicial. Digman (1990) contribuiu com um avanço no seu modelo de cinco fatores de personalidade e Goldberg (1993) acrescentou-lhe um nível mais elevado de organização. Os traços do “*Big Five*”, correspondem à estrutura da personalidade dos indivíduos, nomeadamente, extroversão, concordância, consciência, neuroticismo (estabilidade emocional) e abertura à experiência. (Figueiredo, Avrichir & Barbosa, 2017).

No entendimento de Zhao e Seibert (2006), este modelo permite uma classificação organizada numa grande diversidade de características de personalidade num conjunto de construções de personalidade para procurar relacionamentos consistentes e significativos.

Os estudos sobre a personalidade empreendedora são objeto de pesquisa de diferentes abordagens disciplinares, nomeadamente a psicológica, a social e a económica. A personalidade empreendedora é entendida como um construto que afeta a criação de um novo negócio (Chell, 2008).

2.2.5.3. Características de personalidade

O quadro seguinte mostra as principais características pessoais mais citadas na literatura, no que diz respeito ao perfil do empreendedor.

Quadro 6 - Características pessoais do empreendedor

Características	Autores
Resiliência	(Grotberg, 2005)
Lócus de controlo	(Rotter, 1966)
Tolerância ao risco	(Covin & Slevin, 1991)
Foco Regulatório	(Higgins, 1998); (Higgins et al. 2001)
Perceção do Risco	(Barbosa, Kickul & Liao-Troth, 2007)

Fonte: Desenvolvido pela autora

As características de personalidade podem influenciar a decisão dos empreendedores. (Caliendo, Fossen & Kritikos, 2014).

2.2.5.3.1 Resiliência

2.2.5.3.1.1 Conceito de resiliência

São diversos os estudos que defendem que as decisões e intenções dos indivíduos são determinadas, fundamentalmente, pelas suas características de personalidade, nomeadamente a resiliência. Para alguns autores ser resiliente é ser detentor de determinadas características de personalidade, conforme se identificam no quadro.

Quadro 7 - Resiliente – características de personalidade

Caraterísticas de personalidade	Autor
Capacidade de autocontrolo	(Rotter, 1989), (Werner & Smith, 1992), (Kumpfer, 1999), (Friborg, Hjemdal, Rosenvinge & Martinussen, 2006)
Autoestima, crença e autoeficácia	(Bandura, 1997)
Perseverança	(Schwartz, 2000), (Werner, 2001)
Capacidade para identificar a adversidade e as suas repercussões	(Coutu, 2002), (Grotberg, 2005)
Conseguir estabelecer estratégias cognitivas e comportamentais para lidar com a adversidade	(Lazarus & Folkman, 1984), (Folkman, Tedlie & Moskowitz, 2004)
Aprendizagem diante do processo	(Kobasa, 1979), (Connor & Davidson, 2003)

Fonte: Desenvolvido pela autora

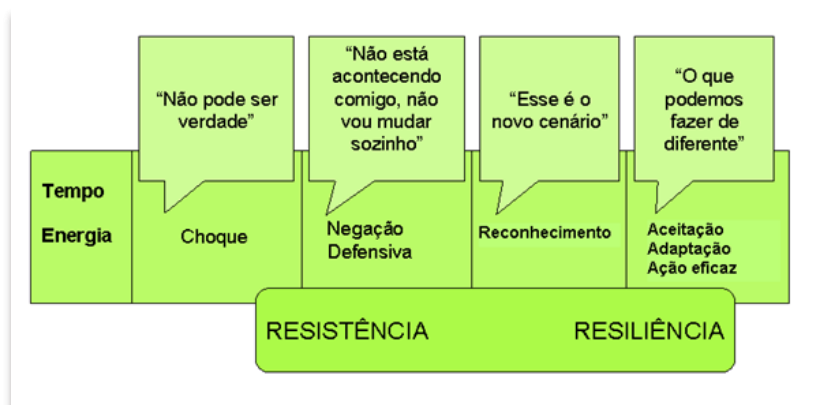
Para Grotberg (2005) resiliência é a capacidade humana que os indivíduos têm para enfrentar e superar experiências de adversidade, beneficiando com elas. Atualmente, a resiliência é um termo aplicado nas mais diversas áreas da atividade humana, mas, sobretudo, todas as definições dizem respeito à capacidade de superação, de voltar ao estado normal, principalmente, após passar por alguma adversidade. Seja na área pessoal, profissional ou empresarial a resiliência deve estar presente e pode ser definida como a capacidade que um indivíduo desenvolve para enfrentar, resistir e superar a adversidade.

A capacidade de resiliência pode ser medida pela análise de diversos fatores, nomeadamente: fácil adaptação, otimismo, autocontrolo das emoções, administração dos conflitos, autoconfiança, capacidade de criar emoções positivas, principalmente em momentos

adversos. Determinados indivíduos têm uma capacidade de desenvolvimento e superação melhor que outros, mesmo vivenciando as mesmas situações de adversidade (Luthar & Cushing, 1999; Rutter, 2012).

A figura seguinte mostra a dinâmica e estágios de mudança, segundo Beer (2003), sobre a resiliência do ser humano. O autor destaca que a primeira fase é o choque, o momento da ameaça. Os indivíduos sentem-se ameaçados pela mudança, procuram proteger-se e sentem-se incapazes de ter uma atitude pro-ativa. Numa segunda fase é a negação defensiva, o sentimento que pressupõe a rigidez de pensamento, onde os indivíduos se agarram à forma habitual de fazer as coisas. Num terceiro momento o indivíduo reconhece a adversidade e numa quarta etapa, aceita-a e adapta-se.

Figura 1 - Resiliência - dinâmica e estágios da mudança



Fonte: adaptado de Beer (2003)

Para Hamel e Välikangas (2004) a resiliência recorre a uma capacidade por reconstrução contínua. É necessário renovar constantemente para vingar perante a adversidade. A capacidade para mudar rapidamente e enfrentar eficazmente as forças externas é uma característica dos negócios resilientes.

2.2.5.3.1.2 A resiliência no empreendedorismo

A superação de crises e adversidades por indivíduos, grupos e organizações é muitas vezes atribuída às características resilientes dos indivíduos (Yunes & Szymanski, 2001). Ainda segundo os mesmos autores, para se ser empreendedor é necessário ser-se resiliente, pois um indivíduo resiliente sabe lidar com seus próprios problemas, supera obstáculos e não cede à

pressão do ambiente externo. Um empreendedor resiliente destaca-se pela atitude, por não se vitimizar, ser ousado na imposição de desafios, enfrentar os desafios junto com a equipa, tomar as decisões com confiança e por promover a tranquilidade e motivação.

De acordo com Minello (2014), o comportamento do empreendedor, enquanto gestor do seu próprio negócio, é destacado pela capacidade de lidar com a adversidade.

O empreendedor tem a capacidade de ver, nos momentos de contrariedade e dificuldades económicas, oportunidades de crescer e inovar e apesar das adversidades nunca desistem (Hilsdorf, 2015).

O estudo da resiliência é um forte aliado ao estudo do empreendedorismo e do empreendedor porque possibilita a introdução de novos conceitos e características à pesquisa na área.

De acordo com os autores Williams, Vorley e Ketikidis (2013) resiliência é um conceito emergente, utilizado para examinar o desempenho económico e a capacidade de resposta a choques exógenos, como crise financeira e recessão.

Sem resiliência os indivíduos seriam menos capazes de adotar os comportamentos empresariais indispensáveis para criar negócios ou inovar. Contrariamente, não iriam agir cautelosamente, mas com medo do mundo dos negócios perante um mau ambiente económico (Bullough & Renko, 2013).

2.2.5.3.2 Locus de controlo

O conceito de locus de controlo foi apresentado, primeiramente, por Rotter (1954) tendo por base as teorias de aprendizagem social. Ele propõe que um indivíduo envolve-se num comportamento com a expectativa de obter um reforço. No entanto, esta expectativa depende mais da atitude do indivíduo face à situação, do que da situação em si. Esta atitude forma-se pela perceção que o indivíduo tem sobre a sua capacidade para influenciar o resultado. Assim, facilmente se entende que alguns indivíduos acreditam que podem influenciar os acontecimentos, enquanto, que outros não têm essa mesma perceção e consideram que não têm essa capacidade ou que ela é reduzida.

Locus de controlo é definido por Rotter (1966) do seguinte modo:

Quando um reforço é percebido pelo sujeito como seguindo alguma acção sua, mas não sendo totalmente subordinado à sua acção, então, na nossa cultura, é normalmente visto como resultado de sorte, acaso, destino, como o controlo de outros poderosos, ou como imprevisível, por causa da grande complexidade das forças que o rodeiam. Quando um indivíduo interpreta o evento desta forma, esta crença é rotulada de controlo externo. Se a pessoa percebe que o evento é subordinado ao seu próprio comportamento ou às suas próprias características relativamente permanentes, denominamos esta crença de controlo interno (Rotter, 1966, p. 1).

Este autor acredita que os indivíduos diferem na medida em que acreditam ter controlo sobre tal reforço e as expectativas dos indivíduos são estabelecidas e fortalecidas através dos reforços, destacando que o comportamento não é só influenciado pelo próprio reforço, mas sobretudo pela percepção que o indivíduo tem da relação entre o seu comportamento e o próprio reforço.

Stewart (2012) concorda com Rotter (1966) ao definir o *locus of control* como um reforço adquirido pelo indivíduo através das suas próprias habilidades e esforços (ou seja, interno), ou através de fatores externos incontroláveis (ou seja, externo). Os indivíduos com *internal locus of control* acreditam que são eles que determinam o seu futuro a partir das suas ações. Por sua vez os indivíduos com *external locus of control* acreditam que o seu futuro é determinado pelo ambiente que os rodeia e não pelas suas ações.

São diversos os estudos que propõem uma relação positiva entre *internal locus of control* e status do empreendedorismo (Caliendo et al., 2014), uma vez que, os empreendedores com *internal locus of control* são mais inovadores (Miller & Toulouse, 1986) e efetivos/concretizadores (Govindarajan, 1989). De acordo com Lee e Tsang (2001) os indivíduos que possuem esta característica são mais suscetíveis de procurar ativamente novas oportunidades de negócios.

Os acontecimentos são consequência dos atos, do comportamento e das características permanentes dos indivíduos (Praag, Sluis & Witteloostuijn, 2004; Vandekerckhove & Dentchev, 2005).

2.2.5.3.3 Foco regulatório

A teoria do foco regulatório de Higgins (1997, 1998) é uma estrutura motivacional que fornece uma base lógica para os processos e mecanismos psicológicos, através dos quais os líderes influenciam os seus seguidores. Esta teoria apoia uma linha de pesquisa que defende que os estilos de liderança têm consequências diferentes, dependendo do foco regulador dos seguidores.

O foco regulatório descreve a estrutura motivacional de acordo com a qual os indivíduos prestam atenção a factos diferentes, interpretam o comportamento dos outros e realizam ações (Moss, Ritossa, & Ngu, 2006; Kark & Van Dijk, 2007). Para estes autores a teoria do foco regulatório é uma das teorias de motivação mais abrangentes porque os seus construtos constituem um elemento primário da motivação humana. O processo de autorregulação desdobra-se por meio de dois sistemas motivacionais autorregulatórios: foco de promoção e foco de prevenção. Do mesmo modo, cada foco regulatório tem diferentes consequências para a percepção, tomada de decisão e emoções, bem como para o comportamento e desempenho dos indivíduos (Higgins, 1997, 1998).

No foco de promoção os indivíduos são, particularmente, sensíveis às necessidades de crescimento pessoal, no que diz respeito a desejos, esperanças e aspirações. Os indivíduos são direcionados para o avanço, crescimento pessoal e realização. Tendem a ser mais criativos devido à sua orientação exploratória, pensamento abstrato e abertura a novas experiências com potencial para ganhos e recompensas (Higgins, 1997; Friedman & Förster, 2001). O foco de prevenção motiva as pessoas a evitar desequilíbrios com estados finais desejados, levando-os a adotar uma atitude de alerta centrada na precisão e no cumprimento de padrões críticos de desempenho (Förster, Higgins, & Idson, 1998; Higgins, 1998).

Segundo Förster, Higgins e Bianco (2003), o foco da promoção está relacionado com condutas ávidas que promovem velocidade e níveis ótimos de desempenho. Por outro lado, os indivíduos que optam por seguir um foco de prevenção, dão prioridade à proteção, segurança e responsabilidade. Destacam-se as necessidades de segurança, as responsabilidades e deveres. Esta condição motivacional é sensível à presença ou ausência de resultados negativos (Higgins, 1998).

No entender de Higgins e Tykocinski (1992) os indivíduos que se preocupam com os objetivos de prevenção, tendem a estar atentos e recordar mais claramente as informações relacionadas com aspetos negativos, como perda, custo, punição ou falha. Eles predispõem-

se, mais facilmente, a valorizar a segurança e a agir de acordo com os regulamentos e regras (Kark & Van Dijk, 2007).

Para Friedman e Förster (2001) o foco de prevenção relaciona-se com um estilo de processamento avesso ao risco e menos relacionado à criatividade do que o foco da promoção. O foco da promoção permite suscitar um pensamento mais aberto, o que capacita os indivíduos a gerar ideias mais distintas, enquanto o foco da prevenção induz a ideias mais repetitivas e similares (Crowe & Higgins, 1997).

2.2.5.3.4 Tolerância ao risco

Segundo Brockhaus (1980) a tolerância ao risco pode ser definida como a percepção que um indivíduo tem da probabilidade de receber um determinado benefício relacionado com o sucesso de uma ação empreendedora. Este autor define o *risk taking* como a percepção da probabilidade de receber benefícios associados ao sucesso de uma ação empreendedora, em vez das consequências associadas ao insucesso da mesma ação.

O *risk taking* de um indivíduo não é facilmente estabelecido, uma vez que depende da intuição relativa a novos negócios e da própria predisposição para a assunção de riscos. No entanto, apesar dos empreendedores não se considerarem como mais propensos ao risco relativamente a outros indivíduos, tendem a considerar as mesmas situações como menos arriscadas, encarando-as de uma forma mais positiva comparativamente a outros indivíduos.

Esta perspetiva é consistente com a visão de que os empreendedores avaliam as oportunidades de negócio de maneira diferente, comparativamente a indivíduos não empreendedores.

2.2.5.3.5 Perceção do risco

A percepção de risco empreendedor pode ser vista como uma avaliação que o tomador de decisão faz sobre o risco inerente à busca do comportamento empreendedor.

Este julgamento inclui uma avaliação individual das expectativas e estimativas probabilísticas da extensão e controlabilidade dos riscos, por exemplo, no início de um negócio e na confiança nessas estimativas (Sitkin & Pablo, 1992; Mullins & Forlani, 2005; Barbosa et al., 2007; Monsen & Urbig, 2009).

O risco pode ser visto como oportunidade ou como ameaça. O risco como oportunidade diz respeito à noção de que o indivíduo não deseja perder uma oportunidade e ganhos potenciais associados. O risco como ameaça refere-se à noção de risco como uma perda potencial e concentra-se na extensão e incerteza dessas perdas (Nabi & Liñán, 2013). O risco como oportunidade corresponde ao lado positivo: ganhos potenciais, sua magnitude e sua incerteza. Estes ganhos potenciais correspondem à força motriz que leva os empreendedores a agir. Assim, definir risco como oportunidade permite uma melhor compreensão dos fatores motivacionais dos empreendedores, incluindo especialmente noções como pensamento de arrependimento (Markman, Baron & Balkin, 2005).

Como nem todos os indivíduos percebem o perigo no ambiente da mesma forma, a resposta a esse ambiente é diversa. A percepção do perigo e o constante clima de violência tem efeitos negativos na intenção empreendedora (Bullough, Renko & Myatt, 2014).

Percebe-se, assim, que uma medida geral da percepção de risco empresarial deve incluir itens referentes a ganhos e perdas, ou risco como oportunidade e risco como ameaça.

2.2.6. Percepção do sucesso do negócio

No “*Dictionary.com*” a palavra sucesso é definida como o término favorável ou próspero de tentativas ou esforços (Fisher, Maritz & Lobo 2014).

O termo sucesso empresarial é utilizado para se referir ao sucesso de um empreendimento ou atividade comercial e, muitas vezes, ao sucesso do empreendedor ligado ao empreendimento. Uma medida de sucesso empresarial pode permitir a identificação de empreendimentos bem-sucedidos atuais e futuros e melhorar as políticas públicas que visam a taxa de sucesso de novas empresas (Fried & Tauer, 2009).

Conhecer o tipo de indivíduo, que pode alcançar o sucesso empresarial, pode ter implicações importantes para alocar recursos eficientemente e minimizar os custos do insucesso empresarial (Caliendo & Kritikos, 2008).

O uso de indicadores de desempenho é recorrente para medir o sucesso empresarial. Mas a escolha desses indicadores, no entender de Venkatraman e Ramanujam (1986) é uma das questões mais difíceis dos investigadores académicos.

Dada a forte natureza entrelaçada da empresa e do proprietário, o sucesso pessoal muitas vezes equivale ao sucesso comercial (Walker & Brown, 2004).

Kumar (2007) utiliza processos psicossociais para desenvolver uma estrutura conceitual que explique o sucesso empreendedor, definido como a interação entre as capacidades individuais e os requisitos ambientais.

Os autores Black, Burton, Wood e Zimbelman (2010) estudaram os prováveis traços ou habilidades presentes nos indivíduos para prever o sucesso empresarial.

Indicadores comerciais, económicos e qualitativos, tais como, enfrentar desafios ou superar obstáculos, são também utilizados para identificar a presença do sucesso empresarial (Venkatraman & Ramanujam, 1986; Cliff, 1998; Brush, 2008).

Para Miner (1997a, 1997b) indicadores objetivos, típicos do sucesso do negócio, são: a receita bruta, a sobrevivência, o retorno sobre os ativos, o crescimento nas vendas, os lucros e o número de empregados.

Existem estudos cuja noção de sucesso tende a ser definido de forma diferente por mulheres e homens. Muitos autores defendem que, enquanto os homens tendem a enfatizar mais os valores económicos e as medidas quantitativas de sucesso, as mulheres tendem a atribuir mais importância a características sociais e critérios qualitativos (Larwood & Gutek, 1987; Unger & Crawford, 1992).

Muitos empresários de pequenas empresas são motivados a iniciar um negócio com base no estilo de vida ou em fatores pessoais, apesar dos critérios financeiros serem, normalmente, considerados a medida mais apropriada do sucesso nos negócios. Estas medidas afetivas e não económicas, não são necessariamente substitutas, mas são complementares às metas financeiras (Jennings & Beaver, 1997). Para estes autores o dinheiro e a procura da fortuna financeira pessoal não são tão significativos quanto o desejo de envolvimento pessoal, responsabilidade e a qualidade e estilo de vida independentes que muitos empresários

procuram alcançar. A realização desses objetivos torna-se assim um dos principais critérios para o sucesso.

No entanto, as medidas tradicionais de sucesso nos negócios baseiam-se no número de funcionários ou no desempenho financeiro, como lucro, rotatividade ou retorno do investimento (Ibrahim & Goodwin, 1986; Kalleberg & Leicht, 1991; Kelmar, 1991; Barkham, Gudgin, Hart & Hanvey, 1996; Brüderl & Preisendörfer, 1998; Forsaith & Hall, 2000).

Por outro lado, medidas não financeiras de sucesso, usadas pelos empresários, como autonomia, satisfação no trabalho ou capacidade de equilibrar responsabilidades profissionais e familiares são subjetivos e definidos pessoalmente e são conseqüentemente mais difíceis de quantificar (Parasuraman, Purohit, Godshalk & Beutell, 1996; Buttner & Moore, 1997; Kuratko, Hornsby & Naffziger, 1997).

Na literatura existem várias pesquisas e vertentes para o sucesso nos negócios. Alguns autores estabelecem fatores de sucesso empresarial que, em geral, são configurados em 3 níveis, conforme quadro 8:

Quadro 8 - Fatores de sucesso empresarial

Fatores de sucesso empresarial	Características	Autores
Individual / Empreendedor	Padrões de personalidade e comportamento	(Giovannini & Kruglianskas, 2008); Grapeggia, Lezana, Ortigara & Santos, 2011); (Vasconcelos, Lezana & Andrade 2013)
Fatores Organizacionais / Internos	Capacidades, habilidades de gestão e práticas operacionais	
Fatores de Marketing / Externos	Campo de atividade, parceiros, constituição legal, etc.	

Fonte: Desenvolvido pela autora

O principal parâmetro de sucesso nos negócios é a capacidade de gestão, ou seja, decisões estratégicas, eficiência administrativa e operacional, desempenho e cultura organizacional são elementos indicativos de sucesso empresarial. (Zhang, Ren, Shen & Xiao, 2013; Frota, Brasil & Fontenele, 2014).

Para Evangelista (2010) práticas de gestão sustentável e boa comunicação combinadas com ações corporativas aumentam as hipóteses de sucesso dos negócios. Este autor assume que os atributos psicológicos do empresário demonstram alta influência precisamente nas práticas de gestão. Os autores Frese e Rauch (2002) definem o sucesso empreendedor como o estabelecimento de metas e estratégias.

Greatti (2005) encontrou semelhanças entre empreendedores de sucesso em relação à trajetória de vida e aspectos comportamentais.

Akhtar, Ismail, Hussain & Umair-ur-Rehman (2015) descrevem uma relação fundamental entre a cultura empresarial da família e o sucesso nos negócios, especialmente em relação à postura e ao comportamento quotidiano.

Para Miner (1997a, 1997b), obter sucesso não está no *ethos* básico do empreendedor, limitado a um tipo de comportamento. O sucesso está ligado à performance da gestão e estratégias para um resultado.

Se, por um lado, o empreendedor de sucesso é caracterizado por traços de personalidade e atitudes específicas em relação aos negócios, incluindo a persistência mesmo à beira do fracasso, por outro lado, a manutenção dos negócios no mercado é, em termos económico-financeiros, uma indicação de sucesso (Santos, Minuzzi, Lezana & Grzybovski, 2009; Grapeggia et al., 2011; Tajeddini, Elg & Trueman, 2013).

3 – ESTUDO DE CASO

Neste capítulo apresentam-se os objetivos do estudo, as questões de investigação e as opções metodológicas.

3.1. OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

As catástrofes afetam a estrutura económica, empresarial e social das regiões, prejudicando a produção e o nível de riqueza. O objetivo deste estudo é pesquisar sobre a dimensão dos problemas resultantes das catástrofes mencionadas no capítulo anterior, e refletir sobre a capacidade empreendedora dos indivíduos para desenvolver atividades de planeamento e estratégias de recuperação.

Este trabalho pretende compreender as características de personalidade em relação à intenção empreendedora num cenário adverso. A identificação e reconhecimento destas características poderá contribuir positivamente para a recuperação dos negócios em cenários adversos o que, conseqüentemente, se traduzirá em crescimento económico e social.

Pretende-se, com esta pesquisa, analisar a atitude, características, comportamento e intenções do empresário perante situações de catástrofe, mais precisamente o seu perfil empreendedor, a sua resiliência, a sua capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio num ambiente adverso.

Com base nos objetivos definidos, pretende-se responder às seguintes sete questões de investigação:

- 1) Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?
- 2) Como se comportam os empresários perante a catástrofe?
- 3) Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?
- 4) Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?
- 5) Razões pelas quais decidiram reerguer ou não a empresa?
- 6) Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?
- 7) Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe? Estas características possibilitam identificar um perfil de empresários que facilmente percebe o sucesso nos negócios?

As variáveis em estudo neste trabalho são: resiliência, locus de controlo (interno/externo), foco regulatório (promoção/prevenção), tolerância ao risco, percepção do risco, intenção empreendedora, recuperar/não recuperar e percepção do sucesso do negócio. Apresenta-se o quadro seguinte com a concetualização respeitante a cada uma:

Quadro 9 - Variáveis em estudo

Variáveis	Conceito	Escala de medição
Resiliência	A resiliência refere-se à capacidade humana de adaptação diante de tragédias, traumas e outras adversidades (Connor & Davidson, 2003), (Bonanno, Wortman & Nesse, 2004)	The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC) (2003)
Locus de controlo (interno/externo)	“(…)ser "externo" não devia significar necessariamente algo ruim ou indesejável. (...) esta dimensão de controlo foi dividida em duas, porque supunha que as pessoas, ao acreditarem no poder de outras sobre si mesmas, difeririam daquelas que percebiam o mundo como imprevisível e incontrolável.” (Levenson, 1973)	Multidimensional locus of control Scale de Levenson (1973), adaptada para organizações (Boydston, Hopper & Wright (2007)
Foco regulatório (promoção/prevenção)	A teoria do foco regulatório (Higgins, 1997, 1998) elabora os meios que as pessoas empregam para a autorregulação durante a busca de objetivos e distingue duas orientações normativas: um foco de promoção e um foco de prevenção.	(Higgins et al. 2001)
Tolerância ao risco	De acordo Covin e Slevin (1989), as características empreendedoras a nível de empresa são exibidas por um padrão pioneiro de tomada de decisão sob incerteza reflexiva de risco num nível maior do que aquele exibido por um padrão seguidor conservador.	Orientação empreendedora (EO) - escala modificada de Covin e Slevin (1991), baseada em trabalhos anteriores de Covin e Slevin (1989)
Percepção do risco	Pretende esclarecer o conceito de percepção de risco empresarial e esclarecer como os diferentes tipos de risco percebido podem afetar a decisão de iniciar um novo negócio (Barbosa et al., 2007).	Multidimensional scale of entrepreneurial risk perception (Barbosa et al., 2007)
Intenção empreendedora	O empreendedorismo pode ser visto como um processo que ocorre ao longo do tempo (Liñán & Chen, 2009).	Entrepreneurial Intentions Questionnaire (Liñán & Chen, 2009)
Recuperar / não recuperar	Cabe ao próprio empresário a decisão de recuperar ou não a sua empresa após uma catástrofe	Binária: sim ou não

Percepção do sucesso do negócio	Dada a forte natureza entrelaçada da empresa e do proprietário, o sucesso pessoal muitas vezes equivale ao sucesso comercial. (Walker & Brown, 2004)	Escala de sucesso percebida (Walker & Brown, 2004)
---------------------------------	--	--

Fonte: Desenvolvido pela autora

3.2. OPÇÕES METODOLÓGICAS

A investigação desempenha um papel fundamental na busca do conhecimento para o aperfeiçoamento de qualquer área. Consiste numa atividade de natureza cognitiva, que se processa de forma sistemática e que contribui para descrever e compreender os fenómenos sociais (Coutinho, 2014).

Para designar os vários meios que orientam o investigador no processo de investigação surge na literatura o termo metodologia. Segundo Bisquerra (1989) e Coutinho (2014), os métodos de investigação são um caminho para chegar ao conhecimento, valorizando mais o processo do que propriamente os resultados. Para Quivy e Campenhoudt (2005) não são mais do que formalizações do procedimento, ou seja, caminhos diferentes gerados para irem ao encontro dos fenómenos ou domínios em estudo.

Neste trabalho optamos pela tipologia de estudo de caso, utilizando uma abordagem descritiva e interpretativa, uma vez que a ideia fundamental é a do conhecimento da realidade pelos olhos dos intervenientes.

No entender de Amado e Freire (2014), a escolha do caso ou casos depende de dois critérios: o estudo intrínseco, porque há necessidade de aprender sobre o caso em particular e o estudo instrumental quando há uma necessidade de compreensão global. Para Fortin (2003) o estudo de caso traduz-se numa investigação detalhada que pode ser de uma organização, de uma família ou mesmo de um indivíduo.

De acordo com Carmo e Ferreira (1998) o estudo de caso é a melhor estratégia quando se pretende responder a questões de “como” ou “porquê”. O investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo foca-se na investigação de um fenómeno atual no seu contexto.

Na escolha da metodologia o investigador pode optar por um dos três métodos de pesquisa: quantitativo, qualitativo ou misto. É importante referir que o método qualitativo não se opõe ao quantitativo. Mas sim, pretende abranger e colmatar questões que não se limitam à descrição de dados “duros”, numéricos, sem face ou personalidade. Nas pesquisas sociais é bastante comum a utilização de métodos mistos, pois permite a apreensão do fenómeno e do objeto de estudo por prismas, eventualmente, diferentes.

Sendo a realidade deste estudo bastante complexa, uma vez que aborda contextos adversos de perdas económicas e financeiras, atitudes e comportamentos face a estes contextos de adversidade, e tendo em conta que a intenção é conhecer e interpretar os factos sem interferir nos mesmos, nesta investigação utilizou-se o método de pesquisa qualitativa que, segundo Vergara (2006), atende de forma mais adequada a intenção de estudos que pretendem expor as características de determinado fenómeno.

Para Bogdan e Biklen (2010) a utilização de métodos quantitativos comporta algumas limitações, nomeadamente, as que dizem respeito ao controlo de variáveis, intrusão, retificação e validade. Existem outras limitações que nos afastaram deste tipo de método, que segundo a opinião de Carmo e Ferreira (1998) podem ser: a natureza dos acontecimentos em estudo, diferentes respostas (consoante o estímulo aos indivíduos), a complexidade dos seres humanos e também, tratando-se de atitudes, a medição que é muitas vezes indireta.

A escolha da metodologia na investigação baseia-se na direção que o investigador pretende para o trabalho e, principalmente, na natureza do problema em estudo, ou seja, na questão colocada. Como se pretende investigar a compreensão de um fenómeno vivenciado por um indivíduo ou grupo, o método de pesquisa qualitativo é o mais indicado (Fortin, 2009). Com base nestas considerações, e uma vez que se pretende aprofundar e descrever o comportamento dos empresários da região centro de Portugal, perante as adversidades, e não pretendendo quantificar, nem estabelecer comparações, a pesquisa qualitativa valoriza e salienta a riqueza da diversidade individual, contrapondo a uniformização dos comportamentos da perspetiva quantitativa.

Na opinião de Bardin (2011) a pesquisa qualitativa não pretende enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem utiliza a estatística na análise dos dados. Tem como ponto de partida questões (no nosso estudo são sete) ou focos de interesses amplos, que se vão definindo com o desenvolvimento do estudo. Este autor defende ainda que este tipo de pesquisa envolve a

obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação em estudo. Ou seja, estamos perante o método indutivo, uma vez que o investigador pretende descobrir a intenção da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, pois dependendo do contexto cada significado tem um valor, de acordo com Coutinho (2014).

Para Richardson (1999), o método de pesquisa qualitativa permite aos estudos que a utilizam, uma descrição mais complexa de determinado problema, bem como uma análise da interação de certas variáveis, compreensão e classificação de processos dinâmicos experienciados por grupos sociais.

O quadro seguinte apresenta uma síntese das características da investigação qualitativa, de acordo com os autores Bogdan e Biklen (2010).

Quadro 40 - Características do método de pesquisa qualitativo

Características do método de pesquisa qualitativo
A atenção do investigador centra-se preferencialmente no processo e não tanto nos resultados.
O carácter descritivo.
O ambiente natural é a fonte direta de dados e o investigador é o instrumento fundamental.
Os dados são analisados tendencialmente com recurso ao método indutivo.
A construção do significado que os indivíduos atribuem aos objetos e à sua vida constitui a preocupação essencial do investigador

Fonte: Desenvolvido pela autora

Para Quivy e Campenhoudt (2005), o método qualitativo adapta-se à análise do sentido que os indivíduos tiram dos acontecimentos em estudo, tendo em conta os seus valores, as suas referências normativas e a interpretação que fazem das próprias experiências.

A pesquisa qualitativa, segundo Gaskell (2002) tem como objetivo compreender crenças, atitudes, valores e motivação relativamente aos comportamentos dos indivíduos em determinados contextos, pois, fornece os dados essenciais para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os indivíduos e os acontecimentos.

Os dados qualitativos são descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos, citações diretas de pessoas sobre as suas experiências, trechos de documentos, registros, correspondências, gravações ou transcrições de entrevistas e discursos, dados com maior riqueza de detalhes e profundidade e interações entre indivíduos, grupos e organizações (Patton, 1980).

Para a análise dos dados, provenientes de uma pesquisa qualitativa, existem várias técnicas na literatura, fundamentadas em correntes, pensamentos e abordagens diversas. Este trabalho utiliza a técnica de análise de conteúdos para a interpretação dos dados provenientes da pesquisa qualitativa. Esta técnica de tratamento de dados provém da proposta da professora da Universidade de Paris V, Laurence Bardin. Segundo ela a análise de conteúdo já era utilizada desde as primeiras tentativas da humanidade de interpretar os livros sagrados, tendo sido Leavell que nos anos 20 a vem sistematizar como método. No entanto, só em 1977 a obra de Bardin, "*Analyse de Contenu*", foi publicada e é lá que se encontra detalhado o método que, atualmente, serve de orientação.

A análise de conteúdo assume um caráter social, pois a sua técnica pretende produzir inferências de um texto para o seu contexto social de forma objetiva (Bauer & Gaskell, 2002).

Neste estudo optou-se por utilizar as etapas da técnica propostas por Bardin (2011), uma vez que é a obra mais citada em diversos estudos qualitativos. Então, segundo a autora as etapas são organizadas em três fases:

1) Pré-análise - sistematizar as ideias iniciais mencionadas no referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações recolhidas.

Esta fase compreende:

- a) Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da recolha de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas;
- b) Escolha dos documentos: consiste na definição do corpus de análise;
- c) Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura inicial dos dados;
- d) Elaboração de indicadores: a fim de interpretar o material recolhido.

Os dados a serem analisados devem respeitar as seguintes regras:

- a) Exaustividade: todos os componentes constitutivos do corpus têm de ser tidos em conta;

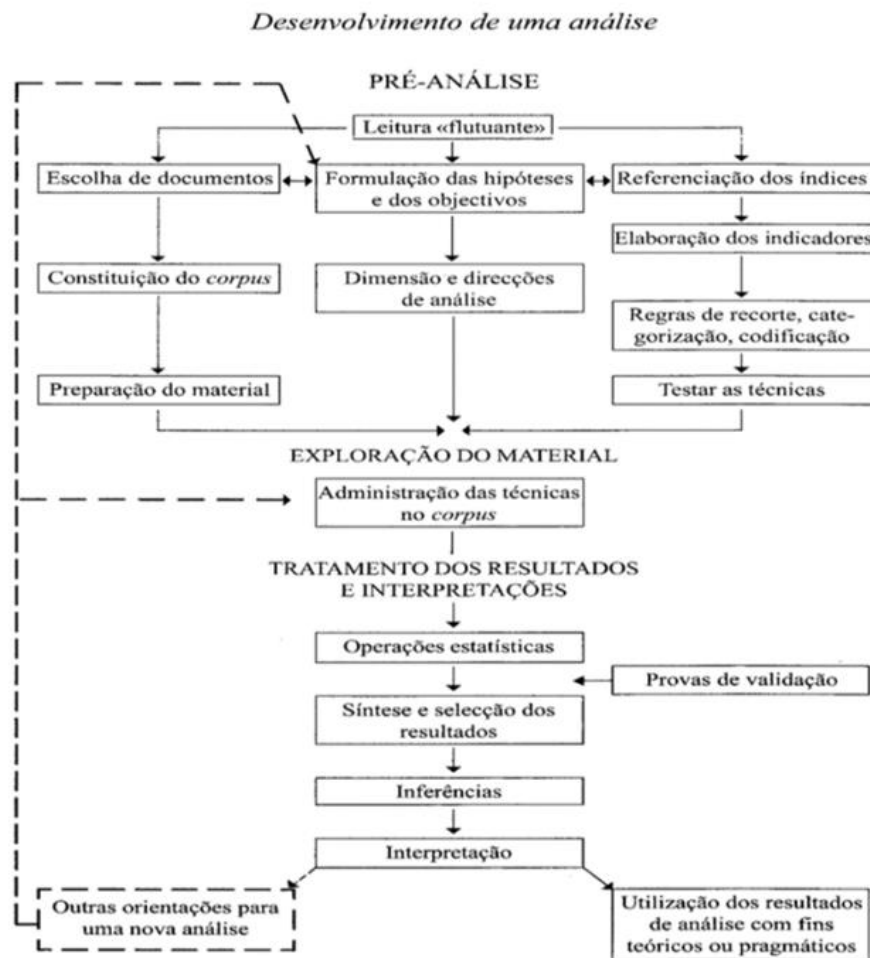
- b) Representatividade: pode efetuar-se uma amostra, caso se tenha um elevado número de dados. A amostragem é rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial;
- c) Homogeneidade: os documentos devem ser homogéneos, obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora dos critérios;
- d) Pertinência: a fonte documental deverá corresponder adequadamente ao objetivo suscitado pela análise.

2) Exploração do material - consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registos, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. A codificação é a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo.

3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação - consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material recolhido (entrevistas, documentos e observação). A análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspetos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes.

A figura abaixo esquematiza as etapas do método de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Figura 2 - Desenvolvimento da análise de conteúdo



Fonte: Bardin (2011)

3.2.1. Instrumento de recolha de dados – a entrevista

Um dos instrumentos, mais usados, para a obtenção de dados em estudos qualitativos é a entrevista.

De acordo com Fortin (2009) cabe ao investigador definir o tipo de instrumento de medida, que melhor se adequa ao objetivo do estudo e às suas questões de investigação. A entrevista, no entender de Coutinho (2014) permite a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito.

De acordo com a estruturação da entrevista, diferenciam-se, em regra, três tipos de entrevista:¹⁵

- 1) **Não diretiva ou não estruturada** – O tema da entrevista é apresentado ao entrevistado e este desenvolve livremente o assunto, dando a conhecer as suas opiniões (Costa, 2004). Este tipo de entrevista é caracterizada por uma maior informalidade no tratamento dos conteúdos a apresentar ao entrevistado, pelo que as respostas são mais informais e livres, tornando a entrevista numa conversa aberta entre o entrevistador e o entrevistado.
- 2) **Semi-diretiva ou semi-estruturada** – Obedece a um plano constituído por um conjunto de questões previamente escolhidas. Todos os pormenores da entrevista são cuidadosamente preparados, através de uma escolha rigorosa da sequenciação das questões, do vocabulário utilizado e na forma como as questões são formuladas, de modo a que as perguntas e as respostas estejam, antecipadamente, condicionadas (Costa, 2004). O resultado deste procedimento designa-se por guião da entrevista. Este, conduz a uma diminuição da liberdade de resposta, por parte do entrevistado, que só deve responder ao que lhe é perguntado.
- 3) **Diretiva ou estruturada** - O entrevistador orienta-se por um guião de temas que serão abordados livremente sem obedecer a uma ordem determinada. Assim, o entrevistador pode alterar a ordem das questões preparadas ou introduzir novas questões no decorrer da entrevista, solicitando esclarecimentos ou informação adicional. Por outro lado, o entrevistado também não está condicionado a responder apenas ao que lhe é perguntado, pois as perguntas são abertas, podendo expandir-se para outros temas não previstos pelo entrevistador. As entrevistas semi-estruturadas são amplamente utilizadas, por os “pontos de vistas dos sujeitos serem mais facilmente expressos numa situação de entrevista relativamente aberta do que numa entrevista estruturada ou num questionário” (Flick, 2005).

Neste estudo optou-se pela entrevista semi-diretiva ou semi-estruturada, pois, serão colocadas questões abertas, efetuadas num ambiente descontraído e informal. Pretende-se que o entrevistado se sinta confortável para que se expresse livremente e com o seu próprio vocabulário.

No entender de Bogdan e Biklen (2010) se os sujeitos estiverem descontraídos e expressarem livremente a sua opinião obtêm-se boas entrevistas.

A investigação qualitativa torna-se bem mais rica e profunda do que a investigação quantitativa, pois, ao utilizar como técnica de recolha de dados a entrevista, os dados

¹⁵ Retirado do site <http://wiki.ua.sapo.pt/wiki/Entrevista>

analisados são as palavras. Esta análise começa desde a primeira colheita, atendendo a que todas as colheitas são realizadas de forma sincrónica (Fortin, 2009).

O texto das entrevistas é recortado em unidades de registo (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências. Por este processo indutivo ou inferencial, procura-se não apenas compreender o sentido da fala dos entrevistados, mas também buscar-se-á outra significação ou outra mensagem através ou junto da mensagem inicial (Fossá, 2003).

Já na investigação quantitativa, são os números que são analisados, de forma sequencial, realizando-se análises estatísticas, testes de validação, comparações, entre outros.

Deste modo, a utilização de um instrumento qualitativo, neste caso a entrevista semi-estruturada, permite a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, o que possibilita ao investigador uma análise mais intuitiva da forma como o sujeito vê as coisas (Bogdan & Biklen, 2010).

Segundo Anderson e Kanuka (2003) a entrevista é um método único na recolha de dados, através do qual o investigador reúne dados, por meio da comunicação entre indivíduos.

As entrevistas são uma importante técnica de recolha de dados porque possibilitam a interação entre o entrevistado e o investigador, conseguindo-se assim informação que nunca seria conseguida através de um questionário (Coutinho, 2014).

Para a realização das entrevistas procurou-se uma amostra específica de forma a dar resposta às questões em estudo. Esta especificidade traduz-se no facto de se tratar de casos homogéneos de empresários que experienciaram as mesmas vivências ao sofrerem o mesmo tipo de adversidades, primeiramente com a catástrofe dos incêndios em 2017 e agora com a pandemia causada pela COVID-19, num dos setores de atividade mais afetado em ambos os momentos: o setor do turismo.

Atendendo ao facto da nossa população, neste estudo referir-se aos empresários portugueses vítimas de catástrofes, a nossa amostra é composta por seis empresários, que responderam prontamente ao convite (ver quadro de caracterização pág. 48).

De acordo com os autores Dukes (1965) e Tsoukas (2009) amostras muito específicas requerem informadores com características muito homogêneas, o que pode conduzir a amostras de menor dimensão. Em alguns casos, níveis de especificidade muito elevados podem justificar o recurso a amostras pequenas, incluindo de um informador.

Em investigação qualitativa a escolha dos casos a analisar não é obrigatoriamente aleatória e no nosso caso em estudo o teste de hipóteses não faz sentido. A amostra é definida segundo o interesse do tema em análise. De acordo com Sandelowski (1995), não existem poções mágicas, o número de sujeitos não é importante em si mesmo. Existem alguns autores que defendem seis entrevistas como número mínimo para uma investigação qualitativa. Segundo Morse (2000) para uma questão de investigação clara e para um grupo de informadores entrevistados, repetidamente ao longo do tempo, pode ser suficiente uma amostra de 6 a 10. Esta pode também ser a dimensão adequada para uma população homogênea e com questões semelhantes para todos os entrevistados (Johansen & De Cock, 2017).

Creed, Dejorjy e Lok (2010), consideram a dimensão de 6 a 10 entrevistas para um grupo de entrevistados com alguma excecionalidade em estudos sobre uma categoria de indivíduos muito específicos.

A tabela seguinte é um resumo dos objetivos, método e instrumento, amostra e procedimento do estudo.

Quadro 11 - Resumo dos objetivos, método, amostra e procedimento do estudo

Objetivos	Método e instrumento	Amostra	Procedimento
Analisar a atitude, características, comportamento e intenções do empresário perante situações de catástrofe, mais precisamente o seu perfil empreendedor, a sua resiliência, a sua capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio num ambiente adverso.	O estudo é de natureza exploratória, tendo sido utilizado o método de pesquisa qualitativo, através da análise de conteúdos. Instrumento: entrevistas (seis) semi-estruturadas e informais.	A amostra selecionada é pequena e intencional. Para a escolha da amostra, usámos a técnica de amostragem de casos semelhantes no mesmo setor de atividade, pois foi necessário escolher casos que vivenciaram e ainda enfrentam as mesmas adversidades, tendo em conta as atuais limitações, devido ao surto pandémico provocado pela COVID 19, os recursos e o tempo limitado.	As entrevistas foram aplicadas da seguinte forma: uma realizada através do telemóvel, três presenciais e duas recolhidas por email. Posteriormente foram transcritas e feita a respetiva análise de conteúdo.

		<p>Nem todos os indivíduos convidados para participar no estudo mostraram disponibilidade.</p> <p>A amostra é constituída por 6 empresários no setor do turismo, tendo todos eles sofrido com as mesmas adversidades.</p>	
--	--	---	--

Fonte: Desenvolvido pela autora

O estudo decorreu em empresas localizadas na região centro do país, mais propriamente na área geográfica do Pinhal Interior Norte, que foi afetada em outubro de 2017 pelos incêndios florestais que devastaram a região. Grande parte das empresas localizadas nessa região foram muito afetadas pelas chamas, quer direta ou indiretamente.

Passados três anos, mais precisamente com início em março de 2020, o país foi assolado por uma pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19. As empresas desta região sofreram, novamente, perdas provocadas pelas medidas de contenção e mitigação da pandemia, nomeadamente pelo confinamento obrigatório e por todas as restrições impostas quer ao comércio, serviços e indústria.

A amostra foi escolhida cuidadosamente, depois de um levantamento das empresas mais afetadas na região em estudo. Apesar dos constrangimentos e dificuldades encontrados, devido à situação pandémica que se vive, chegou-se a uma amostra de empresas, no setor de atividade mais afetado em ambas as situações: o turismo rural, hotelaria e restauração, que se disponibilizaram a participar no estudo. Todas as empresas da amostra tinham em comum o facto de terem sido afetadas, direta ou indiretamente, pelas duas situações adversas: os incêndios e a pandemia.

Foram atribuídos códigos às entrevistas para facilitar a sua identificação na análise dos resultados (quadro 12).

Quadro 12 - Códigos identificativos das entrevistas

Designação	Código
Entrevista 1	E1
Entrevista 2	E2
Entrevista 3	E3
Entrevista 4	E4
Entrevista 5	E5
Entrevista 6	E6

Fonte: Desenvolvido pela autora

Seguidamente apresenta-se um quadro (quadro 13) com a caracterização da amostra.

Quadro 13 - Caracterização da amostra

Características dos entrevistados	Entrevistas					
	E1	E2	E3	E4	E5	E6
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade	58	54	43	51	58	66
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Holandesa
Habilitações literárias	Licenciatura	Secundário	Mestrado	Licenciatura	Mestrado	Licenciatura
Localização da empresa	Oliveira do hospital	Oliveira do hospital	Seia	Penacova	Góis	Oliveira do Hospital
Setor de atividade a que pertence	Alojamento com restaurante	Turismo rural, Restauração	Turismo rural	Hotelaria	Turismo	Restauração e alojamento local
Dimensão da empresa	Média empresa (PME)	Micro-empresa	Micro-empresa	Pequena empresa	Pequena empresa	Pequena empresa
Ano em que fundou a empresa	2004	2000	2012	2011	2011	2017

Fonte: Desenvolvido pela autora

Relativamente à estruturação e conceção dos guiões das entrevistas utilizadas, neste estudo, definiu-se um conjunto de objetivos e identificaram-se os temas relevantes a serem abordados.

Seguidamente, prepararam-se os tópicos de perguntas a realizar para cada objetivo, conforme tabela matriz do estudo (apêndice 1) e que deram origem às mesmas, de acordo com o respetivo guião.

Os entrevistados foram, previamente, contactados para garantir a sua disponibilidade para participar no estudo e para que fosse acordada a melhor forma de realizar as entrevistas, dadas as contingências e restrições que se vivem atualmente. De forma a respeitar-se o distanciamento social imposto pelo estado de emergência, optou-se por deixar o entrevistado escolher o procedimento que preferia utilizar. Nessa altura, foi dado a conhecer os objetivos gerais do estudo, bem como a importância da sua participação no mesmo.

As entrevistas foram realizadas no período de maio a agosto de 2020. Os procedimentos para a recolha de dados utilizados para a realização das entrevistas foram os seguintes: uma por telefone, duas por email e três presenciais.

Foi garantido aos entrevistados o anonimato, bem como o uso exclusivo da informação para fins académicos, (apêndice 2). As entrevistas presenciais foram gravadas com a autorização dos entrevistados. Na entrevista realizada por telefone foram tiradas anotações. E nas entrevistas respondidas por email foram recebidas as respostas em documento word. Nas entrevistas que foram gravadas, o seu conteúdo foi, posteriormente, transcrito.

3.2.2 Validação do instrumento de recolha de dados

Depois de elaborado o guião da entrevista, este foi sujeito à análise do orientador, assim como de outros especialistas, para validação do conteúdo, clareza de linguagem e adequação aos objetivos do estudo. O guião foi retificado e melhorado, obtendo-se a versão final do mesmo (apêndice 3).

3.2.3 Análise de conteúdo

De acordo com Bardin (2011) a análise de conteúdo caracteriza-se por um conjunto de técnicas de análise, utilizadas com o objetivo de obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Após a leitura efetuada às entrevistas, realizou-se a sua transcrição (apêndices 4, 5, 6, 7, 8 e 9) e elaborou-se uma tabela de análise de conteúdo para cada uma (apêndices 10, 11, 12, 13, 14 e 15), constituída por categorias, subcategorias, unidades de registo, unidades de contexto e variáveis. O objetivo foi codificar, ou seja, salientar, classificar, agregar e categorizar as informações presentes no texto das entrevistas.

Na coluna categorias foram agregados os temas-eixo da entrevista:

- 1) Empreendedorismo;
- 2) Localização da empresa;
- 3) A ocorrência dos incêndios em outubro 2017;
- 4) A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020;
- 5) A empresa e a economia em geral;
- 6) Catástrofe;
- 7) Perfil do empresário perante a catástrofe.

Na coluna subcategorias foram agrupadas, por tópicos, as questões tratadas dentro de cada tema-eixo. Na coluna unidade de registo encontram-se os fragmentos de texto que identificam as características (categorias e subcategorias). Na coluna unidade de contexto encontram-se as questões, colocadas pelo entrevistador, e fragmentos do texto das respostas, que englobam a unidade de registo e que a contextualizam no decurso da entrevista.

Depois de preenchida a tabela de análise de conteúdo, com toda a informação pertinente retirada das entrevistas, procedeu-se à descrição, interpretação e análise dos resultados obtidos.

No quadro abaixo (quadro 14) relacionam-se as questões de investigação e respetivos objetivos com o guião da entrevista.

Quadro 14 - Relação do guião das entrevistas com as questões de investigação e objetivos

Questões da investigação	Objetivos	Guião das entrevistas
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Perceção da influência da localização da empresa e da existência de raízes empreendedoras na atividade empresarial	1. Vem de uma família de empreendedores? 2. Como é ser-se empresário na região centro do país?
<p>Como se comportam os empresários perante a catástrofe?</p> <p>Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?</p> <p>Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?</p> <p>Razões pelas quais decidiram reerguer ou não a empresa?</p>	<p>Análise da atitude do empresário perante a catástrofe, comportamento, intenções empreendedoras, capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio em ambientes adversos.</p> <p>(1.ª catástrofe: incêndios de outubro de 2017 e 2.ª catástrofe: surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020)</p>	<p>3. A ocorrência dos incêndios em outubro de 2017, infelizmente vai ficar na memória de todos nós, devido aos danos que provocou em todas as áreas. Sei que a sua empresa foi afetada. Que perdas teve?</p> <p>4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos?</p> <p>5. Qual foi a primeira coisa em que pensou?</p> <p>6. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?</p> <p>7. Quais as razões que o levaram a arregaçar as mangas?</p> <p>8. E teve apoios? De quem?</p> <p>9. Foram suficientes?</p> <p>10. Conseguiu recuperar a empresa? Se não conseguiu, o que ficou a faltar?</p> <p>11. Já lá vão 3 anos e agora nova catástrofe. A pandemia veio fazer parar a Europa, o mundo. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência?</p> <p>12. Que danos lhe está a causar?</p> <p>13. Está a ter algum tipo de apoio?</p>
<p>Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?</p> <p>Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?</p> <p>Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?</p>	Identificação de características que definam o perfil de empresário que enfrenta frequentes adversidades	<p>14. Que futuro prevê para a sua empresa?</p> <p>15. E para a economia em geral?</p> <p>16. Como se sente com tudo isto?</p> <p>17. Considera-se uma pessoa resiliente?</p> <p>18. Considera-se um empreendedor?</p> <p>19. Quais as características que melhor o identificam?</p>

Fonte: Desenvolvido pela autora

4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo é efetuada a análise e discussão dos resultados obtidos no estudo.

O capítulo encontra-se estruturado de acordo com a categorização que esteve na base da análise de conteúdo feita às entrevistas.

Empreendedorismo e localização da empresa

Estas categorias subdividem-se nas subcategorias “Raízes empreendedoras” e “A localização condiciona a atividade da empresa”, respetivamente. Com esta categorização responde-se à primeira questão da investigação: “Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?”, cujo objetivo é a perceção da influência da localização da empresa e da existência de raízes empreendedoras na atividade empresarial.

Na entrevista E1 o empresário considera ter raízes empreendedoras ao dizer que: “... *eu penso que sim. O meu pai era constructor civil, portanto se isso for considerado empreendedorismo, sim.*” Para ele a localização da empresa condiciona a atividade empresarial, pois considera que é preciso “... *juntar resiliência com fator de loucura... Estamos no interior, estamos longe de tudo. Os acessos rodoviários são péssimos... Existe um conjunto de dificuldades e constrangimentos na atividade diária que é importante registar, nomeadamente, as vias de comunicação, bem como os próprios meios de comunicação. Tem de se ter muita resiliência.*” Analisando o discurso do entrevistado identificam-se as variáveis empreendedorismo e resiliência nestas categorias, pois verifica-se a superação dos constrangimentos e dificuldades provenientes da localização da empresa, pois como sugere Grotberg (2005) a resiliência é a capacidade humana que os indivíduos têm para enfrentar e superar experiências de adversidade, beneficiando com elas. Ainda segundo Yunes e Szymanski (2001), para se ser empreendedor é necessário ser-se resiliente, pois um indivíduo resiliente sabe lidar com seus próprios problemas, supera obstáculos e não cede à pressão do ambiente externo.

O entrevistado E2, responde que não tem raízes empreendedoras: “*Não. Funcionários por conta de outrem.*” Considera que a localização da empresa condiciona a atividade empresarial e salienta que a intervenção de terceiros poderia tornar as coisas melhores:

“Seria muito melhor, para todos os intervenientes, se as instituições tivessem feito o seu trabalho. Exemplos: o verde seria uma área a preservar... investimento em melhoramentos. Preservação florestal com um rumo definido e não uma gestão de dia a dia.” Verifica-se a existência do locus de controlo externo, uma vez que o empresário refere que é necessário o apoio de terceiros para melhorar e não depende de si e do seu esforço. Esta ordem de ideias vai ao encontro do que Rotter (1966) apresenta, ao definir locus de controlo externo como um reforço adquirido pelo indivíduo através de fatores externos incontroláveis. Para o autor o futuro é determinado pelo ambiente que rodeia os indivíduos e não pelas suas ações.

Relativamente à entrevista E3, a empresária acredita ter raízes empreendedoras: *“Posso dizer que sim. Na geração anterior, o meu pai. Coisas pequenas, negócios pequenos.”* Quanto à localização da empresa condicionar a atividade empresarial, a empresária refere que *“Seria pior se estivesse no interior do país. As desigualdades serão maiores. Mas, é muito difícil para as pequenas empresas. São muitas as obrigações. Obrigações estas que são comuns às empresas de maior dimensão. Mas apesar de estar numa zona despovoada, não me posso queixar tenho tido apoios e em termos logísticos chega tudo na mesma.”* Como se pode constatar é demonstrada resiliência, através da sua capacidade de superação, otimismo, confiança... o que vai ao encontro do entendimento de Luthar e Cushing (1999) e Rutter (2012) ao referirem que a capacidade de resiliência pode ser medida pela análise de diversos fatores, nomeadamente: fácil adaptação, otimismo, autocontrolo das emoções, administração dos conflitos, autoconfiança, capacidade de criar emoções positivas, principalmente em momentos adversos. Para estes autores determinados indivíduos têm uma capacidade de desenvolvimento e superação melhor que outros, mesmo vivenciando as mesmas situações de adversidade.

Por outro lado e como já se referiu para o entrevistado E1, verificam-se as variáveis empreendedorismo e resiliência, pois com defendem Yunes e Szymanski (2001) para se ser empreendedor é necessário ser-se resiliente, pois um indivíduo resiliente sabe lidar com seus próprios problemas, supera obstáculos e não cede à pressão do ambiente externo.

Na entrevista E4, o empresário refere que não tem raízes empreendedoras: *“Não (...).”* Na questão da localização da empresa considera um desafio, criar o próprio sonho ao pé de casa: *“Eu acho que é sempre um desafio, tanto mais com a idade que se começa a investir nesta área e se cria o próprio sonho. Porque investir ao pé de casa foi criar o próprio sonho,*

apesar de ter arrancado numa fase de crise económica profunda (...)” Apesar da conjuntura económica, o empresário reconhece uma oportunidade de negócio e concretiza-a. Esta ideia é defendida por Bateman e Snell (1996) quando referem que as oportunidades são fontes para ideias de negócios e que acontecimentos como crises económicas, mudanças demográficas e sociais, desastres naturais e calamidades podem constituir as circunstâncias necessárias para a criação de novos negócios. Também se considera que tenha tolerância ao risco porque, segundo Brockhaus (1980), percebe-se a sua intuição relativa a novos negócios e a sua predisposição para a assunção de riscos, pois apesar da crise económica profunda, conforme refere, encarou de uma forma positiva a criação do novo negócio.

Verificando-se a criação de um novo negócio em condições de adversidade, não há dúvidas que se está perante alguém empreendedor. Segundo Minello (2014) o empreendedor é o indivíduo com capacidade para inovar, com iniciativa, que se reinventa a fim de transformar recursos e acontecimentos e que aceita o risco ou o fracasso dos seus actos. Na literatura sobre empreendedorismo existem vários estudiosos que defendem a ideia de que o fenómeno do empreendedorismo depende do reconhecimento de oportunidades (Shane & Venkataraman, 2000; Singh, 2001; Eckhardt & Shane, 2003). Segundo a perspectiva de Casson (1982) o cerne do empreendedorismo está no reconhecimento e exploração de novas oportunidades. Para Schumpeter (1982), o empreendedor é aquele que realiza coisas novas, utilizando o talento para aproveitar oportunidades, deparando-se com o risco e assumindo-o. Assume o empreendedorismo como um traço de personalidade do indivíduo.

Quanto à entrevista E5, a empresária afirma ter raízes empreendedoras: “*Sim.*” e considera “*Difícil*” ser empresário na região centro do país. Portanto, verifica-se que a localização da empresa, condiciona o desenvolvimento da sua atividade empresarial. A ausência de mais descrição por parte da empresária impossibilitou o reconhecimento de alguma das variáveis em estudo.

Para terminar esta categorização, na entrevista E6, a empresária informa que provém de uma família de empreendedores, respondendo positivamente à questão: “*Sim*” Para ela a localização da empresa não condiciona a atividade empresarial, pois considera “*Bom*” ser-se empresário na região centro do país. Também nesta entrevista, a ausência de mais descrição por parte da empresária impossibilitou o reconhecimento das variáveis em estudo.

A ocorrência dos incêndios em outubro 2017

Esta categoria desdobra-se nas seguintes subcategorias: “Perdas/prejuízos”, “Sentimentos /reações/attitudes”, “Recuperar /Não recuperar”, “Motivos” e “Apoios”. Esta categorização permitirá responder às questões de investigação: “Como se comportam os empresários perante a catástrofe?”; “Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?”; “Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?”; “Razões pelas quais decidiram reerguer ou não a empresa?”. O objetivo destas questões foi analisar a atitude do empresário perante a catástrofe, comportamento, intenções empreendedoras, capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio em ambientes adversos.

Na entrevista E1, o empresário confirma que houve perdas “(...) *essencialmente em termos de clientes, de hóspedes. Porque em termos estruturais a empresa não sofreu danos. (...) O nosso grande potencial no turismo, no interior, é a paisagem. Tendo nós a paisagem toda destruída questionamos o que vai ser. (...) Os clientes demoraram a voltar, mas nós reagimos de imediato. (...) Melhorámos substancialmente os nossos serviços. (...) A parte da resiliência também tem aqui um fator que é extremamente importante e que pesa muito nas decisões.*” A reação imediata do empresário, a oportunidade que reconheceu perante a catástrofe e que o levou a uma melhoria substancial dos serviços e o desenvolvimento de ações e esforços no sentido de recuperar o negócio, revelam a sua capacidade de superação perante as adversidades. Tudo isto sugere que o empresário possui resiliência, reconhecimento de oportunidades e locus de controlo interno. Tanto a resiliência como o reconhecimento de oportunidades de negócio já se referiram e articularam com a revisão da literatura na categorização anterior. Quanto ao locus de controlo interno, menciona-se a opinião de Rotter (1966) ao defini-lo como um reforço adquirido pelo indivíduo, através das suas próprias habilidades e esforços. Este autor refere, ainda, que os indivíduos com esta característica acreditam que são eles que determinam o seu futuro a partir das suas ações. Efetivamente, a melhoria dos negócios são consequência do esforço e das ações do próprio empresário. Tal como Lee e Tsang (2001) referem, os indivíduos que possuem esta característica são mais suscetíveis de procurar ativamente novas oportunidades de negócios, o que, efetivamente, se verificou.

Quanto aos “sentimentos /reações/atitudes” o empresário responde que: *“A primeira coisa foi salvar a integridade física dos nossos hóspedes. (...) Comecei a questionar-me o que é que vai acontecer a seguir? (...) O que é que eu vou fazer? (...) Tivemos de refazer toda a estratégia de comunicação, entrar noutros mercados a preços mais reduzidos.”* Entende-se que o empresário é resiliente, pois conseguiu estabelecer estratégias cognitivas e comportamentais para lidar com a adversidade, conforme referem Lazarus e Folkman (1984), Folkman et al. (2004). Por outro lado, reconheceu oportunidades de negócio ao entrar noutros mercados, o que destaca o seu lado empreendedor, pois para Hilsdorf (2015) este tipo de indivíduos tem a capacidade de ver, nos momentos de crise e dificuldades económicas, oportunidades de crescer e inovar, pois possuem uma visão ampla e inovadora e apesar das adversidades nunca desistem. O seu locus de controlo interno também está aqui evidente, pois, ao questionar-se acerca do que fazer, definir novas estratégias, ao entrar noutros mercados está a requerer de si todas as habilidades e ações para recuperar o negócio.

Na subcategoria “recuperar/não recuperar” a resposta foi positiva, pois o empresário respondeu que *“Sim (...)”*, recuperou o negócio. Ele acrescenta ainda: *“(...) arregaçar as mangas” e entrar no mercado e procurar soluções. Temos de ser criativos. E aqui passou muito pela criatividade, pela resiliência, por mobilizar a equipa.”* Apesar de, nesta subcategoria, se pretender uma resposta binária, foi possível reconhecer algumas das variáveis em estudo. A intenção empreendedora, uma vez que a intenção de recuperar o negócio levou a que o empresário adotasse determinados comportamentos, nomeadamente, o de “arregaças as mangas” e procurar soluções. Pois, segundo Liñán (2004) a intenção torna-se o elemento fundamental para explicação do comportamento, indicando o esforço que o indivíduo executa para esse mesmo comportamento empreendedor. E de acordo com Bird (1988) a intenção empreendedora é definida como um estado de espírito, direcionando a atenção de uma pessoa em direção a um objeto específico ou objetivo para conseguir algo. A resiliência também está aqui presente, pois, o empresário usou a criatividade e mobilizou a equipa para superar as adversidades, e como referem Yunes e Szymanski (2001), um empreendedor resiliente destaca-se pela atitude, por não se vitimizar, ser ousado na imposição de desafios, enfrentar os desafios junto com a equipa, tomar as decisões com confiança e por promover a tranquilidade e motivação. Surge, também, o locus de controlo interno, tal como se referiu na subcategoria anterior, pois, a obtenção dos resultados são consequência do esforço e ações do empresário.

Os “motivos” que levaram o empresário a não desistir foram: *“A questão social, a nossa causa, essa tem de ser colocada logo em primeira instância. (...) Olhar para todo este investimento e perguntar o que é que vai acontecer ...? Vai ficar às moscas? Vai ficar cheio de silvas? Vai ficar abandonado? (...) E claro que juntando a loucura de um investimento destes a um momento de decisão, evidentemente que a decisão teria de passar por “arregaçar as mangas” e entrar no Mercado e procurar soluções. (...) Porque isto não há soluções milagrosas. Nada daquilo que nós fazemos vem nos livros.”* A intenção empreendedora está, novamente aqui presente, uma vez que é notória a vontade do empresário em adotar determinados comportamentos no sentido de recuperar o negócio. Também as questões que ele coloca a si próprio, as atitudes que toma, como “arregaçar as mangas, entrar no mercado e procurar soluções demonstram o empreendedor que é. O locus de controlo interno, também é aqui reconhecido quando o entrevistado diz que *“...não há soluções milagrosas. Nada daquilo que nós fazemos vem nos livros.”*, pois, tudo depende de si, do seu esforço e das suas habilidades.

No que diz respeito aos “apoios” o empresário refere: *“Muitas promessas, que nunca se materializaram.”* Nesta subcategoria não se reconheceu nenhuma das variáveis em estudo.

O entrevistado na entrevista E2, menciona “perdas e prejuízos”, mas revela uma esperança, o que pressupõe a sua intenção empreendedora e reconhecimento de oportunidades de negócio, apesar da catástrofe, conforme sugere o seu discurso: *“Ardeu, por completo a casa t2, que devido á sua tipologia, era a que vendia mais e, nesse sentido a que trazia a maior fatia de proveitos para a Empresa. (...) 70 % das árvores com a área da piscina também afectada. (...) Os pinheiros mansos tinham resistido com fortes chamuscadelas apenas, olhei para aquilo como uma esperança.*

Na subcategoria “sentimentos/reações/atitudes” evidenciados o empresário confessa: *“Não consigo descrever-lhe (...) É curioso, mas, passado alguns momentos, entre a miscelânea de pensamentos, a única coisa razoável em que pensei foi: Porque é que não aceitei uma oferta que nos tinham feito em junho desse ano!? Um pouco mesquinho e individualista, mas foi o que me ocorreu perante aquela visão. Porque é que aquilo tinha acabado de me acontecer?”* Pelo discurso do empresário, verifica-se que foi um acontecimento traumático do qual não consegue descrever o que sentiu ao ver todos os danos provocados pelos incêndios. Confessa que se arrependeu não ter aceitado uma proposta anterior e se ter livrado daquele negócio.

Aqui parece estar presente o locus de controlo externo, na medida em que o empresário não desenvolve esforços para recuperar o negócio. Parece que está dependente de fatores externos, o que vai ao encontro do pensamento de Rotter (1966) ao definir o locus de controlo externo como um reforço adquirido pelo indivíduo através (...) de fatores externos incontroláveis. Os indivíduos com esta característica acreditam que o seu futuro é determinado pelo ambiente que os rodeia e não pelas suas ações.

No entanto, o empresário, mesmo assim, resolveu “arregaçar as mangas” e tentar recuperar o negócio, respondendo “*Sim*” à questão binária da subcategoria “recuperar/não recuperar”. Acrescenta ainda que: “*Passados alguns dias o Governo (através de fundos Europeus para o sucedido) anunciou medidas de apoio. Fui a duas reuniões na Câmara, a primeira estava presente, a agora Ministra da Coesão Territorial, antes Secretária de Estado. Foi prometido o céu! (...)*” Percebe-se que o empresário está dependente da ajuda de terceiros, pelo que mais uma vez, se identifica o locus de controlo externo.

Os “motivos” que o levaram a reerguer a empresa foram a esperança em retomar a atividade brevemente, conforme refere: “*Após termos feito um pequeno estudo interno, onde juntámos o nosso fundo de tesouraria, mais o apoio, seguramente no Verão poderíamos estar a operar.*” Denota-se aqui alguma tolerância ao risco, porque apesar do empresário, na subcategoria anterior, ter revelado algum trauma à situação adversa que viveu, resolveu “arregaçar as mangas” e reerguer a empresa, porque percebe a retoma da atividade brevemente. Isto vai ao encontro do que refere Brockhaus (1980), quando refere que a tolerância ao risco pode ser definida como a percepção que um indivíduo tem da probabilidade de receber um determinado benefício relacionado com o sucesso de uma ação empreendedora. Considera-se, também, a presença do locus de controlo (interno e externo), uma vez que o empresário teve atitude e se esforçou ao fazer um estudo interno e tomar medidas, tais como, usar o fundo de tesouraria para recuperar a atividade empresarial (locus de controlo interno) e por outro lado, recorreu ao apoio de terceiros, ou seja do governo, (locus de controlo externo). O empresário adotou comportamentos internos e externos tendo em vista a recuperação do negócio, o que vai ao encontro do que Rotter (1954) propõe, ao referir que um indivíduo envolve-se num comportamento com a expectativa de obter um reforço. Neste caso o empresário acredita que o futuro da empresa depende das suas ações, mas necessita muito do apoio de terceiros, de forças externas, ou seja, dos apoios a que se candidatou.

Na subcategoria “apoios”, o empresário revela que se candidatou aos apoios, mas que o procedimento foi muito conturbado e acabou por interromper a candidatura. Não conseguiu recuperar o negócio. Refere o seguinte: *“Candidatura apresentada (...) junto da CCDRC em Dezembro. (...) Depois de aprovada, foi transferida para o Turismo de Portugal IP em Lisboa. (...) Seriam suficientes se tudo tivesse corrido como foi, apregoado, na Reunião onde estive presente um membro do Governo. (...) Mas, na realidade, não foi assim. (...) Não consegui reconstruir. (...) Ficou a faltar a palavra, a decência de cumprir o que se promete às pessoas... Refiro-me agora ao Turismo de Portugal IP (...) a Candidatura estava aprovada, mas eles achavam que, apesar da CCDR ter aprovado, eles não concordavam. (...) Fui a duas reuniões ao Turismo de Portugal IP, explicando isto mesmo, e, uma das respostas que deram, foi a seguinte, somos quatro para cerca de duzentos processos. Processos estes das mais variadas áreas do Turismo e cada uma com o seu programa. O meu era ligado às catástrofes, mas, era tratado como se não fosse. (...) Perdemos o nosso fundo de tesouraria e interrompemos a candidatura. Falimos e vendemos o terreno por uma miserável quantia.”* Neste discurso é evidenciada a catástrofe, quando refere que a candidatura era ligada às catástrofes. Efetivamente, a ocorrência dos incêndios em outubro de 2017 foi uma catástrofe e segundo Castro e Calheiros (2007) é o resultado de um acontecimento adverso, cuja causa poderá ser natural ou provocada pela ação do homem, sobre um ecossistema vulnerável. Ocorrem danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos socioeconómicos. O locus de controlo externo é aqui reforçado na medida em que o empresário tem a perceção de que o seu futuro é determinado pelo ambiente que o rodeia e não pelas suas ações, uma vez que dependia, totalmente, do apoio de terceiros. Tal como Rotter (1954) propõe, um indivíduo envolve-se num comportamento com a expectativa de obter um reforço. Esta expectativa depende mais da atitude do indivíduo face à situação, do que da situação em si, formando-se pela perceção que o indivíduo tem sobre a sua capacidade para influenciar o resultado, que neste caso é reduzida ou mesmo nula, uma vez que a empresa dependia, essencialmente, de fatores externos (apoio do govrho) para sobreviver.

Relativamente à entrevista E3, verifica-se que a empresária também sofreu perdas e prejuízos: *“Muito afetada. (...). O fogo entrou na propriedade e destruiu 2 das 6 casas que temos. Destruiu a zona envolvente e quase todo o enquadramento paisagístico.”* Mas, não

foi possível reconhecer nenhuma das variáveis em estudo, dado o pouco conteúdo na resposta da entrevistada.

Os “sentimentos /reações/atitudes” que teve podem exprimir-se da seguinte forma: *“Foi um trauma que fica para o resto da vida. Em cada verão que vem, a cada nuvem de fumo é um aperto no coração. (...) Demorei muito a perceber a dimensão. (...) Eu não estava lá. As estradas estavam cortadas. Não havia telecomunicações. Soube pelo facebook. Preparei-me para o pior. Imaginei aquelas árvores que plantei queimadas (...) Recordo a satisfação de ver que as árvores não tinham ardido. Não doeu tanto assim (...) Para mim, as árvores não terem ardido foi um sinal de esperança.”* Ao falar em esperança, pode-se caracterizar a empresária como empreendedora, pois mesmo perante um cenário de catástrofe ela consegue ver uma esperança e segundo Minello (2014) o empreendedor é o indivíduo com capacidade para inovar, com iniciativa, que se reinventa a fim de transformar recursos e acontecimentos e que aceita o risco ou o fracasso dos seus actos. Ao revelar esperança a empresária demonstra resiliência que é a capacidade humana que os indivíduos têm para enfrentar e superar experiências de adversidade, beneficiando com elas, segundo Grotberg (2005). Indo mais longe, pode-se deduzir que tem capacidade de autocontrolo de acordo com (Rotter, 1989), (Werner & Smith, 1992), (Kumpfer, 1999), (Friborg et al., 2006), e ao ver todos os danos conseguiu estabelecer estratégias cognitivas e comportamentais para lidar com a adversidade, conforme (Lazarus e Folkman, 1984), (Folkman et al., 2004).

A empresária sentiu motivação para “arregaçar as mangas, pois revela que: *“Quando vi as árvores de pé, senti que era possível reconstruir.”*

Na subcategoria “recuperar/não recuperar” a resposta foi: *“Sim. Neste momento está tudo reconstruído.”* Apesar de não se pretender nesta subcategoria, foi possível identificar as variáveis resiliência e empreendedorismo, quando a empresária revela que reconstruiu tudo. Pois, segundo Yunes & Szymanski, 2001), para se ser empreendedor é necessário ser-se resiliente, pois um indivíduo resiliente sabe lidar com seus próprios problemas, supera obstáculos e não cede à pressão do ambiente externo. E desta forma a empresária reconstruiu o seu negócio.

O que a motivou a recuperar foi, tal como afirma no trecho da entrevista que se segue, a ligação afetiva entre a empresa e o promotor, a paixão, o desejo de reerguer e o valor que está a ser gerado: *“Existe uma ligação afetiva entre a empresa e o promotor. É uma paixão,*

uma ligação muito forte. Um desejo de reerguer. Ali está a ser gerado valor.”. Neste texto reconhece-se o perfil empreendedor da empresária quando assume a paixão pelo que faz, o desejo de reerguer. O que vai ao encontro das características defendidas por Dornelas, 2008, quando defende que o empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem (...) São visionários, sabem tomar decisões, são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados, são otimistas e apaixonados pelo que fazem. São independentes e constroem o próprio destino, (...), assumem riscos calculados, criam valor para a sociedade. A empresária enfrentou as adversidades e superou os obstáculos, reconstruiu a empresa que se encontra em atividade no mercado e está a gerar valor. Tudo isto são fatores indicativos do sucesso do negócio, segundo (Santos et al., 2009; Grapeggia et al., 2011; Tajeddini et al., 2013) que referem que se, por um lado, o empreendedor de sucesso é caracterizado por traços de personalidade e atitudes específicas em relação aos negócios, incluindo a persistência mesmo à beira do fracasso, por outro lado, a manutenção dos negócios no mercado é, em termos económico-financeiros, uma indicação de sucesso. E também (Venkatraman & Ramanujam, 1986; Cliff, 1998; Brush, 2008), que afirmam que indicadores comerciais, económicos e qualitativos, tais como, enfrentar desafios ou superar obstáculos, são também utilizados para identificar a presença do sucesso empresarial.

No que diz respeito aos “apoios”, a empresária revela que: *“Sempre tive. Sempre me candidatei a tudo. Projeto Comunitário Proder, do antigo quadro comunitário; do IEFP; Vales de internacionalização; Linha valorizar (investir numa casa nova).”* Assume que foram suficientes e que ainda melhorou, tal como se transcreve: *“Sim. Reconstruí tudo e ainda melhorei.”* Percebe-se o seu locus de controlo externo, pelo facto de ter recorrido a apoios externos. No entanto, o seu esforço e habilidades foram bastante relevantes para a reconstrução e melhoramento do negócio (locus de controlo interno). O facto de ter melhorado permite dizer que a empresária reconheceu uma oportunidade de negócio na catástrofe. Tal como refere Bateman & Snell, 1996, as oportunidades são fontes para ideias de negócios. Portanto, acontecimentos como crises económicas, mudanças demográficas e sociais, desastres naturais e calamidades podem constituir as circunstâncias necessárias para a criação de novos negócios. A empresária teve a capacidade de ver, na catástrofe a oportunidade de crescer e inovar, pois possui uma visão ampla e inovadora e apesar das adversidades nunca desiste, conforme Hilsdorf, 2015 defende.

Na entrevista E4, na subcategoria “Perdas/prejuízos”, não foi possível reconhecer nenhuma das variáveis em estudo. No entanto, constatou-se que houve perdas e que a empresa foi muito afetada: *“Uma das bases de sustentação do negócio da empresa são os eventos. A grande perda que nós tivemos tem a ver com essa base... Foi o nosso salão de eventos que ardeu totalmente e até ao momento ainda não foi possível a reconstrução desse espaço.”*

Os “sentimentos/reações/attitudes” evidenciados foram de desilusão, perda, trauma, salvaguardar pessoas e bens, tal como se pode perceber no trecho da entrevista: *“Aconteceu no pior momento, porque a empresa já estava a desenvolver a sua atividade na sua máxima força. (...) É um sentimento que vai desaparecendo lentamente, mas que fica sempre preso na memória de todos nós. Não foi só a perda de rentabilidade (...), mas também há esta parte sentimental de perda. (...) Foi o de tentar salvar o edifício e toda a área envolvente, tentar salvaguardar os nossos clientes, a vida deles, que era o mais importante...”* Nesta parte do discurso, também, não foi possível reconhecer nenhuma das variáveis em estudo.

Na subcategoria “recuperar/não recuperar” a resposta do empresário foi positiva. Acrescenta ainda que: *“Candidatámo-nos a um projeto de financiamento (...) Fizemos um projeto novo para o mesmo local... Tentámos melhorar o que tínhamos. (...) Sabíamos quais são as lacunas que teve esse espaço, vamos então tentar melhorar um pouco aquilo que nós tínhamos.”* Tal como nas entrevistas anteriores, também aqui apesar de se tratar de uma resposta binária, foi possível identificar algumas das variáveis em estudo, pois o empresário recorreu a ajuda externa (projeto de financiamento), evidenciando-se assim o seu locus de controlo externo, uma vez que depende de fatores externos. Por outro lado, criou um projeto novo para o mesmo local, utilizando o seu esforço e habilidades, fazendo destacar o seu locus de controlo interno. Existe aqui uma intenção empreendedora no empresário, uma vez que adota comportamentos no sentido de inovar, melhorando o existente, o que pode também configurar no reconhecimento de uma oportunidade de negócio perante a catástrofe.

Os “motivos” que levaram ao reerguer da empresa passaram por *“...não perder o projeto que foi iniciado em 2011. (...) temos as garantias que se tivermos as bases, os eventos, a restauração e o hotel temos o projeto construído, um projeto que vai dar resultados. (...) Vai dar futuro não só ao proprietário do negócio, mas também aos sócios e a todas as pessoas que investiram cá e continuam a trabalhar cá (...)* O empresário perceciona o retorno do seu comportamento empreendedor e isso percebe-se quando ele refere ter resultados e ter futuro,

o que permite concluir a presença da tolerância ao risco, que segundo Brockhaus (1980) pode ser definida como a percepção que um indivíduo tem da probabilidade de receber um determinado benefício relacionado com o sucesso de uma ação empreendedora. A confiança que deposita no seu esforço e nas suas ações para a criação de todas as condições para que tenham o projeto construído, um projeto que vai dar resultados ressalta o seu locus de controlo interno. A sua confiança e otimismo quando diz que “...vai dar futuro...” fazem sobressair o seu comportamento empreendedor, pois segundo Enriquez (2000) tanto o sucesso como o fracasso dos negócios são ditados pela atitude do empreendedor e não pela estrutura da organização. Pois, é ele que toma as decisões e tem de superar os desafios e enfrentar as adversidades.

No que diz respeito à subcategoria “apoios”, o empresário recorreu a ajuda externa, mas continua à espera: “*Foi ao projeto Reabilitar, mas continuamos à espera.*” Na verdade, o empresário continua à espera do apoio externo a que recorreu. Portanto, percebe-se aqui o seu locus de controlo externo.

No que diz respeito à entrevista E5, a empresária refere que houve perdas: “*Perda da actividade e de património construído e patrimonio natural.*” Não foi possível reconhecer nenhuma das variáveis em estudo.

Relativamente aos “sentimentos/reações/attitudes” percecionados, a empresária refere que foi um choque e que a sua reação foi interrogar-se de como recuperar a atividade, tal como se transcreve: “*Em choque. Como recuperar a atividade?*” Apesar do choque revela uma intenção empreendedora ao pretender recuperar a atividade.

Na subcategoria “recuperar/não recuperar” a resposta da empresária foi negativa. No entanto, ela resolveu “arregaçar as mangas” na tentativa de recuperar a empresa, mas as propostas que apresentou aos proprietários do empreendimento foram rejeitadas, tal como revelou: “*Apresentei 5 propostas aos proprietários do empreendimento – que foram rejeitadas.*” Ao perceberem-se os esforços que esta gestora fez para a recuperação da empresa, reconhecem-se o seu comportamento empreendedor e o seu locus de controlo interno.

Na subcategoria “motivos” constata-se que não houve recuperação da empresa, uma vez que “*Os proprietários decidiram suspender a atividade e vender o património e empresa.*”

A gestora revelou resiliência ao ter enfrentado a adversidade e ter reconhecido uma nova oportunidade de negócio quando revela que *“Iniciei outra atividade com turismo.”*

Na subcategoria “apoios”, a gestora não respondeu.

Por fim, na entrevista E6 a empresária menciona: *“Perda total”* na subcategoria “perdas/prejuízos”. Não foi possível reconhecer nenhuma das variáveis em estudo, uma vez que a empresária não revelou mais nada.

Na subcategoria “sentimentos/reações/attitudes” a empresária confessa que a sua vida desmoronou: *“Complicado. Toda a minha vida desmoronou.”* Também aqui não se conseguiram reconhecer nenhuma das variáveis em estudo, pelos mesmos motivos indicados na subcategoria anterior.

A empresária não recuperou aquilo que o fogo lhe tirou, tal como se transcreve: *“Não”*.

Os “motivos” para a desistência foram: *“Com a minha idade, não sinto vontade de trabalhar até aos 75 anos.”* Reconheceu-se aqui uma característica na empresária que é a percepção do risco (risco como ameaça), pois, segundo Bullough et al. (2014) a percepção do perigo e o constante clima de violência, que neste caso será a catástrofe, tem efeitos negativos na intenção empreendedora. A percepção de risco empreendedor pode ser vista como uma avaliação que o tomador de decisão faz sobre o risco inerente à busca do comportamento empreendedor. E neste caso a empresária não quer arriscar dada a sua idade.

A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020

Esta categoria subdivide-se nas seguintes subcategorias: “perdas/prejuízos” e “apoios”. Esta categorização permitirá complementar as questões de investigação da categoria anterior, tendo, também, os mesmos objetivos.

Para a entrevista E1, na subcategoria “perdas/prejuízos” o entrevistado refere que: *“Suspendi a atividade três meses e meio. (...) Perdemos cerca de 400 mil euros de receita. (...) Para garantirmos confiança máxima reorganizámos o serviço, nomeadamente de refeições e*

limitámos a capacidade máxima de alojamento nos 80%.” O empresário revela o prejuízo que teve e as mudanças que teve de fazer para manter a atividade, pelo que demonstra ter foco regulatório, mais precisamente foco de prevenção, pois, no entender de Higgins e Tykocinski (1992) os indivíduos que se preocupam com os objetivos de prevenção, tendem a estar atentos e recordar mais claramente as informações relacionadas com aspetos negativos, como perda, custo, punição ou falha. O empresário atuou tendo em conta a segurança e o cumprimento das regras, ideia defendida por Kark e Van Dijk (2007). Relativamente aos “apoios” confessa que *“...tivemos alguns apoios... porque foi uma catástrofe a nível nacional e a nível global.”* O empresário revela que teve ajuda externa, demonstrando assim o seu locus de controlo externo e relaciona essa necessidade de ter recorrido a terceiros para obtenção de apoios à ocorrência da catástrofe, que no entender de Castro e Calheiros (2007) é o resultado de um acontecimento adverso, cuja causa poderá ser natural ou provocada pela ação do homem, sobre um ecossistema vulnerável. Ocorrem danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos socioeconómicos.

A análise da entrevista E2, permite perceber que o empresário desistiu do negócio e sente-se frustrado e um tanto revoltado, como se pode verificar pela leitura do seguinte trecho: *“Não iria aguentar mais, algo parecido com aqueles tempos. Posso, apenas, imaginar o que poderia estar a passar, depois de ter assistido “in loco” ao funcionamento do Estado Português, perante adversidades. Existe o que os decisores anunciam por todo o lado e mais algum, e, depois, existe a realidade, a dura realidade.”* Não se conseguiram identificar nenhuma das variáveis em estudo. Na subcategoria “apoios”, o empresário mostra-se indignado pela falta de apoio que teve: *“Jamais, neste momento se ainda fosse um “player“, mantinha a minha máxima que, ironicamente era, nunca, mas nunca aceitar nenhuma “ajuda“, “apoio“,...do Estado.”* Tal como na subcategoria anterior, não foi possível reconhecer nenhuma das variáveis em estudo.

Relativamente à entrevista E3, a empresária confessa que suspendeu, temporariamente, a atividade e que a retoma foi muito dolorosa: *“Suspendi (...) Preparo a reabertura (...) Mas é um processo muito doloroso. É um querer trabalhar e ter medo de trabalhar.”* Verifica-se aqui o locus de controlo, mais propriamente o controlo interno, pois ao preparar a reabertura a empresária está a dispender dos seus esforços para a continuação do negócio. Tendo em conta que Caliendo et al. (2014) propõem uma relação positiva entre locus de controlo interno e status do empreendedorismo, entende-se que se está perante uma empreendedora.

Quanto aos “apoios” a empresária recorreu a vários: *“Candidatámo-nos ao apoio do Turismo de Portugal. Estamos a tratar da candidatura à linha Adaptar, para comprar equipamento de proteção e ao apoio reinício. Recorremos, também, às moratórias dos créditos bancários.”* Verifica-se, portanto, a presença de locus de controlo externo, uma vez que a empresária recorreu a terceiros para a obtenção dos apoios que auxiliarão no futuro da empresa. No entanto, as ações para despoletar as candidaturas, foram esforço da promotora, pelo que se considera ter, também, o locus de controlo interno.

Na análise à entrevista E4, o empresário admite que houve perdas, pois a pandemia veio colocar um travão aos negócios que estavam em crescimento, tal como se pode verificar: *“Suspendemos a atividade... Foram dois meses e meio completamente encerrados, sem atividade nenhuma.”* (...) *“Tinha sido um início de ano muito bom. Já no ano passado terminou o ano muito positivo, com crescimento a nível de ocupação, vendas, serviços, restauração. Infelizmente a pandemia colocou um travão durante dois meses e meio.”* (...) A reabertura foi difícil, inicialmente, mas foi efetuada com segurança, tal como refere: *“No primeiro mês da reabertura ainda sentimos dificuldade no arranque. Mas, retomámos com segurança.”* Aqui, constata-se o seu foco regulatório, mais precisamente o foco de prevenção, uma vez que foi priorizada a segurança e segundo Higgins, 1998) os indivíduos com esta característica dão prioridade à proteção, segurança e responsabilidade. A atenção dada ao comportamento das pessoas, quando o empresário refere que: *“... as pessoas vão tendo consciência e responsabilidade. Nós estamos no interior... começou também a haver a procura. Somos uma unidade pequena, também transmite mais conforto ao cliente.”*, revela, também, o seu foco regulatório, na medida em que este descreve a estrutura motivacional de acordo com a qual os indivíduos prestam atenção a factos diferentes, interpretam o comportamento dos outros e realizam ações (Moss et al., 2006; Kark & Van Dijk, 2007). Na subcategoria “apoios” o empresário não referiu nada.

Passando à entrevista E5, a empresária perdeu totalmente a sua atividade: *“Sim. Perca 100% da atividade.”* Não se identificaram nenhuma das variáveis em estudo. Não teve apoios, mas acrescentou que *“... estou a lançar outro projecto.”* Percebe-se que a empresária tem capacidade para enfrentar e superar experiências de adversidade, o que para Grotberg (2005) é ter resiliência. Podem-se, também destacar o locus de controlo interno e o empreendedorismo, uma vez que ao lançar outro projeto a empresária demonstra o seu

esforço e habilidades para construir algo e tirar proveito disso, revelando persistência e otimismo.

Na entrevista E6 não houve respostas para esta categoria, uma vez que a empresária ficou sem o negócio na 1.^a catástrofe e desistiu.

Seguidamente apresentam-se as categorias: “A empresa e a economia em geral”, “Catástrofe” e “Perfil do empresário perante a catástrofe”. Estas categorias subdividem-se nas subcategorias, “Futuro”; “Sentimentos” e “Resiliência, Intenção empreendedora e Características de personalidade”, respetivamente. Esta categorização permite responder às seguintes questões de investigação: “Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?; Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?; Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios? O objetivo é a identificação de características que definam o perfil de empresário que enfrenta frequentes adversidades.

Enumeram-se, então, as categorias pela ordem anunciada no parágrafo anterior:

A empresa e a economia em geral

Na entrevista E1, o empresário destaca a incerteza no futuro: “...*neste momento ninguém consegue fazer previsões. (...) A incerteza é a pior arma que nós, hoje, temos para trabalhar. Com a incerteza que hoje se vive ninguém consegue programar. É o maior constrangimento que neste momento se vive.*” Não foi possível identificar nenhuma das variáveis em estudo.

O entrevistado E2 refere: “*no future*” e “*Regressão em tudo o que poderia ter sido um sinal para uma mudança.*” na subcategoria “futuro”. Aqui ficou-se com a sensação de que o empresário vislumbrava oportunidades de negócio com a ocorrência da catástrofe. No entanto, não concretiza essa ideia, o que leva a questionar a existência de determinadas características empreendedoras que o impulsionem para agir.

Relativamente à entrevista E3, a empresária tem esperança e acredita, mas ao mesmo tempo receia um azar: “*Acredito que vamos ter mercado, atendendo ao plano de reservas e aquelas pessoas que iam para fora do país e que já não vão. Mas receio a possibilidade de ter um azar. (...) Há quem chore e há quem venda lenços. Neste momento estou a chorar (...) Vai*

ser complicado.” (...) O que está a ser feito é bom, estão a ser tomadas medidas rápidas. Se as redes que estão a ser lançadas não existissem, acredito que mais empresas iriam falir. Acredito na capacidade do povo Português. (...) Não se pode perder a esperança. (...) Espero que se encontrem outras soluções.” A adversidade pela qual a empresária está a passar não a impede de acreditar e ter esperança, revelando, assim, a sua capacidade de resiliência. Também o locus de controlo externo está aqui presente, quando a empresária admite a intervenção de terceiros para o melhoramento dos negócios.

O empresário na entrevista E4, confessa “...tempos bastante difíceis de construir, bastante difíceis de manter, tempos bastante difíceis de prever, é sempre muito incerto...” Atribui aos meios de comunicação a movimentação na hotelaria, refletindo o seu locus de controlo externo: “Os movimentos de hotelaria tem muito a ver com os movimentos dos media. Sempre que há uma notícia nos media recebemos sempre informação em direto... Isso faz parar sempre as reservas.” Reabriram devido à “...pressão para abrir...”, “...tivemos de abrir e tivemos de tomar decisões para a abertura.” Mas, “nunca nos passava pela cabeça que as coisas até fossem tão boas, que corressem tão bem.” O empresário fala de otimismo, do sentimento e da solidariedade das pessoas perante as adversidades, evidenciando, mais uma vez, o seu locus de controlo externo através da intervenção de terceiros: “Não é só uma questão de otimismo. Eu acho que quando as pessoas abraçam e sentem as adversidades e as preocupações... Eu lembro-me disso dos incêndios... Recebemos centenas de chamadas de solidariedade. Nós tivemos pessoas a ficar nas primeiras semanas...que estavam a ser solidárias. E isso marcou bastante.” As previsões no futuro são: “(...) muitas dificuldades futuras na economia em Portugal.” Admite que “Neste momento, estamos ao sabor daquilo que construímos, dos proveitos que tivemos, das ajudas estatais. Só que o próprio estado também vai ter de se ajudar, infelizmente. A economia portuguesa vai ter de se ajudar. Vai-se começar a travessar um deserto. Eu acho que a economia vai afundar.” Também aqui se pode verificar o locus de controlo externo, quando refere as ajudas do estado.

Na entrevista E5, a empresária fala em inovar: “Inovar e encontrar outro modelo de negócio. Inovar e criação de modelos de negócio colaborativos, menos dependentes de turismo.” A intenção empreendedora está aqui presente, pois a empresária demonstra fortes intenções em criar e inovar, e segundo Dermol (2010) é necessária uma forte intenção para decidir empreender e só os indivíduos com intenções empreendedoras firmes é que procuram inovações, conseguem criar novas empresas ou motivar gestores importantes na organização.

O Locus de controlo interno, também se encontra aqui evidente, pois, são precisos esforços e habilidades da empresária para alavancar o negócio e isso ela demonstra ao pretender criar outros modelos de negócio. Por outro lado, e de acordo com Miller e Toulouse (1986) os empreendedores com locus de controlo interno são mais inovadores.

Na entrevista E6, a empresária não responde, uma vez que ficou sem a empresa.

Catástrofe

O entrevistado E1 sente-se desorientado, tal como se transcreve: *“Com alguma desorientação. Hoje não conseguimos programar. Antes dependia exclusivamente da minha capacidade de gestão. A minha empresa dependia exclusivamente de mim. Hoje a minha empresa depende do comportamento dos outros.”* Torna-se muito evidente o locus de controlo externo, quando o empresário diz que a empresa depende do comportamento dos outros, revelando a sua dependência de fatores externos incontrolláveis. Tal como já se referiu anteriormente, esta ideia é defendida por Rotter (1966).

Na entrevista E2, os sentimentos são de arrependimento e ao mesmo tempo de alívio, pois o empresário arrepende-se não se ter desfeito do negócio, antes da 1.^a catástrofe, e por outro lado, sente-se aliviado por já não ter o negócio, aquando da 2.^a catástrofe, tal como o próprio refere: *“Porque é que não vendi isto três meses antes e nem estaria aqui. (...) Verdadeiramente, um pouco aliviado, porque, de novo, outra vez, NÃO. Quando menciono, NÃO, refiro-me aos procedimentos, anunciam uma coisa, mas, na realidade no terreno o que se passa é outra, completamente diferente, e, sempre para, os do costume.”* Não foi possível identificar nenhuma das variáveis em estudo.

A empresária, na entrevista E3, sente-se cansada, mas sabe que tem de confiar na sua capacidade. Tal como refere: *“No limite. É tudo. Sou mãe, tenho 2 filhas em casa em telescola. É uma sensação de que estou a falhar em todos os campos. Sinto-me cansada. Mas tenho de confiar na vida, na minha capacidade, no percurso com as pessoas que me acompanham.”* Apesar das adversidades a empresária demonstra vontade e otimismo, pelo que revela um pouco da sua resiliência para superar obstáculos e prosseguir.

Relativamente à entrevista E4, o empresário sente-se preocupado, mas demonstra capacidade de superação perante as adversidades, logo resiliência. Demonstra um esforço contínuo em arranjar soluções, definir estratégias para que a empresa sobreviva, pois sabe que será recompensado e que a empresa terá futuro, deixando sobressair o seu locus de controlo interno. Percebe-se, também, a capacidade para o reconhecimento de oportunidades de negócio, uma vez que foram explorados outros serviços na tentativa de minorizar as perdas tidas pela catástrofe, tal como o empresário refere: *“Sempre preocupado. (...) Sempre a tentar arranjar soluções para que a empresa tenha sempre um futuro. (...) Em todos os momentos de adversidades tivemos de ter trunfos e aplicá-los de forma a não ter perdas. (...) É difícil de colmatar o salão, muito difícil, mas há uma coisa que nós conseguimos que foi minorizar essa rentabilidade que deixámos de ter. Foi-se conseguindo através de alguma estratégia da própria unidade... Nalguns serviços conseguiu-se rentabilizar mais em detrimento da perda de eventos que passamos a ter.”*

Na entrevista E5, a empresária apenas refere que se sente: *“Inspirada e motivada.”*. Apesar de dizer muito pouco, considera-se a sua resiliência e perfil empreendedor, pois apesar de ter perdido o negócio, como se revela na categorização anterior, não desistiu e subentende-se a sua intenção empreendedora que a irá impulsionar a comportamentos empreendedores.

Por fim, na entrevista E6 a empresária refere que: *“Tenho de continuar com a vida, mas nem sempre é fácil.”* Não foi possível identificar nenhuma das variáveis em estudo.

Perfil do empresário perante a catástrofe

Nesta categoria o empresário da entrevista E1 considera ter: *“Resiliência misturada com loucura.”*. Acha-se um empreendedor e nas características que melhor o definem afirma: *“resiliência, eu acho que é a primeira. Empreendedor também. Nunca estou satisfeito com aquilo que tenho.”* Perante a análise à sua entrevista, concorda-se com ele e ainda se acrescenta a capacidade para o reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno e externo, intenção empreendedora, foco regulatório (foco de prevenção) e catástrofe. As variáveis mais expressivas, ou seja, as que foram reveladas na maior parte das categorias são: resiliência, empreendedorismo e locus de controlo interno.

Relativamente à entrevista E2, o empresário também se considera resiliente: “*Sim, giro o meu dia a dia. Um dia de cada vez. Isso também é resiliência.*”; empreendedor: “*Sempre.*” e a característica que o melhor o define é ser previdente: “*Previdente, tento sempre ser previdente.*” A sua entrevista permitiu verificar a existência de algumas variáveis em estudo, tais como: locus de controlo interno e externo, foco regulatório (foco de prevenção), reconhecimento de oportunidades, intenção empreendedora, tolerância ao risco e catástrofe. A variável mais expressiva foi o locus de controlo externo.

Passando à entrevista E3, a empresária não tem dúvidas que tem resiliência: “*Sim. Não tenho dúvidas. Já tive muitas provas disso.*” Considera-se uma empreendedora: “*Sim, apesar de numa pequena escala. Sou uma pessoa de projetos. Sempre quis ter o meu projeto. Sempre quis o meu espaço para criar. Está no meu ADN.*” As características que melhor a definem são: “*Capacidade de trabalho. Tenho um bocado falta de auto-confiança, dou muito para não falhar. Sou criativa, polivalente, determinada, apaixonada, otimista. No final penso que tudo vai correr bem. Tenho capacidade para me auto motivar. Acredito que tenho sempre uma ajuda. Há algo acima de mim que me dá força. Há coisas que são para acontecer e outras não. Mas, também acredito que está nas minhas mãos o que vai acontecer, pois a forma como vejo as coisas interfere no resultado.*” Para além das características resiliência e empreendedora, verificam-se também o locus de controlo interno e externo, perceção do sucesso do negócio, reconhecimento de oportunidades de negócio, intenção empreendedora. As características mais evidenciadas foram empreendedorismo, resiliência e locus de controlo interno e externo.

Quanto à entrevista E4, o empresário, também, se considera resiliente: “*Sim, sempre. A idade também tem ajudado. Também a confiança da própria equipa, os próprios recursos humanos, da própria localização. Se há momentos em que nos deixa preocupados, há outros fatores que nos deixam sempre resilientes e a querer sempre lutar e nunca desistir.*” E, também, empreendedor. Questionado sobre as características que melhor o definem responde: “*Nunca desistir, lutar sempre. Ter sempre estratégias para implementar no negócio. Estar sempre atento às novas ferramentas que vão surgindo no Mercado. Estar presente em todas essas vertentes, tentar apostar e tentar perceber o Mercado, como é que ele está a funcionar... Não ficar parado. Há que se espreitar sempre novas oportunidades. Queremos aumentar o negócio porque sentimos que somos capazes. Apesar das adversidades nunca desistir.*” Nesta categoria identificam-se as seguintes variáveis em

estudo: resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno, tolerância ao risco, intenção empreendedora, percepção do sucesso do negócio. Acrescentam-se, ainda, locus de controlo interno, foco regulatório (foco de prevenção) e empreendedor, que foram identificadas ao longo da entrevista. As mais representativas são: reconhecimento de oportunidade de negócio, locus de controlo interno, resiliência, locus de controlo externo, tolerância ao risco e empreendedor.

Na entrevista E5 a empresária considera-se resiliente, não tanto empreendedora, mas, “...talvez mais uma inovadora.” As características que melhor a definem são: “*Inovadora, resiliente, criativa e colaborativa.*” As características identificadas ao longo da entrevista foram: intenção empreendedora, locus de controlo interno, empreendedora, resiliência e reconhecimento de oportunidades de negócio. As mais expressivas são resiliência e empreendedora.

Finalmente na entrevista E6, a empresária diz-se resiliente e empreendedora. Nas características que melhor a definem responde: “*Tenho uma forma diferente de encarar a vida, para que fique mais fácil e possa aproveitar mais.*” Na análise da entrevista reconhece-se, apenas, a variável percepção do risco (risco como ameaça) numa das categorias.

Por forma a medir a intensidade nas unidades de registo reuniram-se todas numa tabela (apêndice 16). Verificaram-se dois níveis de intensidade: alta e baixa. Intensidade alta considera-se quando a maioria dos entrevistados partilham da mesma opinião e intensidade baixa quando as opiniões divergem entre eles.

Constata-se que ter raízes empreendedoras é comum à maioria dos empresários, pelo que a intensidade é alta. Por outro lado, nem todos concordam que localização da empresa condiciona a atividade empresarial, sendo a intensidade baixa. Na categoria “A ocorrência dos incêndios em outubro 2017” a intensidade é alta em quase todas as subcategorias, à exceção das subcategorias “Motivos” e “Apoios” em que é baixa. Todos os empresários partilham as mesmas perdas, sentimentos e atitudes. O desejo de recuperar o negócio está presente em todos, à exceção de um dos empresários. No entanto, os motivos que os levaram a recuperar são diferentes e na questão dos apoios também há diferenças. Na subcategoria “A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020” verifica-se intensidade alta para as perdas, pois são comuns a todos os empresários e intensidade baixa para os apoios recebidos, notando-se aqui grandes diferenças. A forma

como os empresários percebem o futuro da empresa e da economia em geral é idêntico para todos, menos para um deles, verificando-se uma intensidade alta. Relativamente à catástrofe, os sentimentos partilhados são semelhantes para todos os empresários, à exceção de um deles, sendo a intensidade alta. Por fim, na categoria “Perfil do empresário perante a catástrofe” verifica-se intensidade alta em todas as subcategorias. Todos os empresários têm resiliência, intenção empreendedora e possuem determinadas características de personalidade que os identificam perante a catástrofe.

De forma a perceber-se a expressividade de cada uma das variáveis por categoria, construiu-se, também, uma tabela (apêndice 17). Verifica-se que as variáveis mais expressivas e que poderão caracterizar o perfil deste tipo de empresário são: resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno e externo, empreendedor e foco regulatório (foco de prevenção).

A variável predominante para a questão “Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?” é a resiliência. A maior parte dos entrevistados provém de famílias empreendedoras, mas nem todos consideram que a localização da empresa condiciona o sucesso do negócio. A superação de constrangimentos e obstáculos é aqui bem evidenciada pela maioria dos empresários, pelo que tendo em conta a revisão da literatura efetuada, pode-se validar esta variável. Demonstra-se que a superação de crises e adversidades por indivíduos, grupos e organizações é muitas vezes atribuída às características resilientes dos indivíduos, tal como defendem Yunes e Szymanski (2001). Da mesma forma, comprova-se que sem resiliência os indivíduos seriam menos capazes de adotar os comportamentos empresariais indispensáveis para criar negócios ou inovar. Contrariamente, não iriam agir cautelosamente, mas com medo do mundo dos negócios perante um mau ambiente económico (Bullough & Renko, 2013).

Para as questões: “Como se comportam os empresários perante a catástrofe?”; “Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?”; “Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?”; “Razões pelas quais decidiram reerguer ou não a empresa?” Verifica-se a predominância das seguintes variáveis: resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo (interno e externo), foco regulatório (foco de prevenção), empreendedor e intenção empreendedora. Consta-se que os empresários têm uma atitude resiliente perante

a catástrofe, conseguindo reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade. A maioria dos empresários desenvolveram comportamentos com a expectativa de obter resultados (locus de controlo), de acordo com Rotter (1954). Os resultados obtidos foram adquiridos através das suas próprias habilidades e esforços (locus de controlo interno) e também, através de fatores externos incontroláveis (locus de controlo externo), (Rotter, 1966). Dois dos empresários demonstraram ter foco regulatório (foco de prevenção), dando prioridade à proteção, segurança e responsabilidade (Förster et al., 2003), predispondo-se, mais facilmente, a valorizar a segurança e a agir de acordo com os regulamentos e regras (Kark & Van Dijk, 2007). Dos seis empresários em estudo, cinco resolveram “arregaçar as mangas” e recuperar a sua empresa, tendo-o conseguido, apenas, quatro deles. As motivações apresentadas demonstram determinadas características de empreendedor e intenção empreendedora. Comprova-se que é necessária uma forte intenção para decidir empreender e só os indivíduos com intenções empreendedoras firmes é que procuram inovações, conseguem criar novas empresas ou motivar gestores importantes na organização (Dermol, 2010). Ficou demonstrado que para o reconhecimento de oportunidades é necessário o empreendedor possuir determinadas características resilientes que lhe permitam ter uma visão otimista e empreendedora apesar da catástrofe. Estes empresários demonstraram ter a capacidade de ver, nos momentos difíceis, oportunidades de crescer e inovar, pois possuem uma visão ampla e inovadora e apesar das adversidades nunca desistem (Hilsdorf, 2015). Também aqui se podem validar as variáveis enunciadas, tendo em conta a revisão de literatura e confirmar que o processo de recuperação das empresas afetadas pode constituir uma oportunidade de melhoria nos negócios.

Para as restantes questões: “Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?”; “Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?” e “Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?” verifica-se a predominância das variáveis: locus de controlo (interno e externo), resiliência e empreendedor. Demonstra-se que algumas características de personalidade têm algum impacto nas decisões e intenções dos empresários. Tal como Caliendo et al. (2014) defendem, as características de personalidade podem influenciar a decisão dos empreendedores. Mas, não se conseguiu identificar características que definam um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios. No entanto, confirma-se que,

de acordo com Enriquez (2000), tanto o sucesso como o fracasso dos negócios são ditados pela atitude do empreendedor (...) pois é ele que toma as decisões e tem de superar os desafios e enfrentar as adversidades. Das seis empresas em estudo, quatro mantêm-se no mercado e algumas até melhoraram os seus negócios, pelo que de acordo com os autores Santos, et al., 2009); Grapeggia et al. (2011); Tajeddini et al. (2013) se por um lado, o empreendedor de sucesso é caracterizado por traços de personalidade e atitudes específicas em relação aos negócios, incluindo a persistência mesmo à beira do fracasso, por outro lado, a manutenção dos negócios no mercado é, em termos económico-financeiros, uma indicação de sucesso.

De forma a sintetizar a análise efetuada às entrevistas, apresenta-se o quadro (quadro 15) abaixo.

Quadro 15 - Síntese da análise efetuada às entrevistas - identificação das variáveis

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	E1	E2	E3	E4	E5	E6
			Variáveis					
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras						
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	resiliência	Locus de controlo (controlo externo)	resiliência	oportunidade de negócio, empreendedor, tolerância ao risco		
Como se comportam os empresários perante a catástrofe? Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade? Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado? Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno	Reconhecimento de oportunidade de negócio, Intenção empreendedora				
		Sentimentos /reações/attitudes	resiliência, reconhecimento de oportunidades, empreendedor, locus de controlo interno	locus de controlo externo	empreendedora, resiliência		intenção empreendedora	
		Recuperar /Não recuperar	resiliência, intenção empreendedora, locus de controlo de controlo interno	locus de controlo externo	resiliência, empreendedorismo	locus de controlo (controlo interno e externo), intenção empreendedora, reconhecimento de oportunidades de negócio	Locus de controlo interno, empreendedora	
		Motivos	intenção empreendedora, locus de controlo interno	Tolerância ao risco, locus de controlo (controlo interno e externo)	empreendedor, percepção do sucesso do negócio	tolerância ao risco, locus de controlo interno, empreendedor	resiliência, reconhecimento de oportunidades de negócio	perceção do risco (risco como ameaça)
	Apoios		Locus de controlo externo, catástrofe	Locus de controlo (controlo interno e externo), reconhecimento de oportunidades de negócio	locus de controlo externo			
	A ocorrência do surto epidemológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	foco regulatório (foco de prevenção)		Locus de controlo interno, empreendedorismo	foco regulatório (foco de prevenção)		
	Apoios	locus de controlo externo, catástrofe		locus de controlo (controlo interno e externo)		resiliência, Locus de controlo interno, empreendedorismo		
Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários? Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe? Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?	A empresa e a economia em geral	Futuro		Reconhecimento de oportunidade de negócio	resiliência, locus de controlo externo	locus de controlo externo	Locus de controlo interno, Intenção empreendedora	
	Catástrofe	Sentimentos	locus de controlo externo		resiliência	resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno	resiliência, empreendedor, intenção empreendedora	
	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	resiliência	resiliência	resiliência	resiliência	resiliência	
		Intenção empreendedora			intenção empreendedora			
	Caraterísticas de personalidade	resiliência, empreendedor	Foco regulatório (foco de prevenção)	empreendedora, locus de controlo (interno e externo)	resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno, tolerância ao risco, intenção empreendedora, percepção do sucesso do negócio	resiliência, empreendedor		

5 – CONCLUSÕES

Este trabalho contribui para o estudo do empreendedorismo, na medida em que se tentou perceber a atitude do empresário perante a ocorrência de catástrofes. Pretendeu-se determinar o perfil empreendedor dos empresários, a sua resiliência e capacidade para reconhecer oportunidades de negócio em situações adversas.

Iniciou-se o trabalho com a recolha de informação respeitante aos incêndios de 2017 e à pandemia do COVID-19 em 2020, pois, foram as catástrofes mais recentes. Ao se perceber que o setor do turismo foi o mais afetado, em ambas as catástrofes, resolveu-se fazer o estudo com empresas desse setor.

Decidiu-se desenvolver um estudo de natureza exploratória, através da análise de conteúdos, para que os empresários pudessem descrever as suas experiências. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdos é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista semi-diretiva, uma vez que permite dar mais liberdade de resposta aos entrevistados. Foi aplicado a seis empresários do setor do turismo. De acordo com Johansen e De Cock (2017), uma amostra de seis indivíduos pode ser a dimensão adequada para uma população homogénea e com questões semelhantes para todos os entrevistados.

Após realizar as entrevistas, procedeu-se à sua leitura, transcrição e preenchimento de uma tabela de análise de conteúdo, com toda a informação pertinente. Posteriormente, efetuou-se a descrição, interpretação e análise dos resultados obtidos.

O trabalho realizado permitiu conhecer atitudes, comportamento, intenções empreendedoras, capacidade para reerguer a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio dos empresários perante a catástrofe. Verificou-se que estes empresários possuem determinadas características de personalidade em comum, que podem, eventualmente, constituir um perfil empreendedor para situações de adversidade. Essas características são: resiliência,

reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno e externo, empreendedor e foco regulatório (foco de prevenção). Estes empresários superaram as dificuldades, reconheceram oportunidades de negócio na adversidade e alguns até melhoraram os negócios. Dos seis empresários em estudo, apenas dois não conseguiram recuperar o negócio. As características de personalidade predominantes nestes dois empresários são o locus de controlo externo num e a perceção do risco (risco como ameaça) no outro, levando a crer que influenciaram muito a sua desistência do negócio. Pois, segundo Caliendo et al. (2014) as características de personalidade podem influenciar a decisão dos empreendedores.

Pôde-se, também, constatar que a ocorrência das catástrofes constituiu as circunstâncias necessárias para o reconhecimento de oportunidades de negócio para alguns empresários, de acordo com Bateman e Snell (1996).

Também a ideia defendida por Yunes e Szymanski (2001) de que a superação de crises e adversidades por indivíduos, grupos e organizações é muitas vezes atribuída às características resilientes dos indivíduos e que para se ser empreendedor é necessário ser-se resiliente, pois um indivíduo resiliente sabe lidar com seus próprios problemas, supera obstáculos e não cede à pressão do ambiente externo, ficou bem demonstrada neste estudo.

Estes empresários demonstraram ser empreendedores, pois verificou-se que têm a capacidade de ver, nos momentos de crise e dificuldades económicas, oportunidades de crescer e inovar, uma vez que possuem uma visão ampla e inovadora e apesar das adversidades nunca desistem, tal como defende Hilsdorf (2015). Também para Minello (2014), o comportamento do empreendedor, enquanto gestor do seu próprio negócio, é destacado pela capacidade de lidar com a adversidade.

Por fim, constatou-se o sucesso nos negócios nestes empresários que recuperaram as suas empresas e continuam no mercado, pois segundo Santos et al. (2009); Grapeggia et al. (2011); Tajeddini et al. (2013) se, por um lado, o empreendedor de sucesso é caracterizado por traços de personalidade e atitudes específicas em relação aos negócios, incluindo a persistência mesmo à beira do fracasso, por outro lado, a manutenção dos negócios no mercado é, em termos económico-financeiros, uma indicação de sucesso.

6 - LIMITAÇÕES DO ESTUDO

As limitações encontradas neste trabalho foram ao nível da recolha de dados, pois houve alguns constrangimentos no tratamento da dimensão da amostra, tendo em conta as restrições devido ao surto pandémico provocado pela COVID-19, os recursos, o tempo limitado e a indisponibilidade de muitos dos empresários convidados a participar no estudo. Nem todos os empresários convidados mostraram disponibilidade.

Outra das limitações encontradas foi o procedimento do estudo, pois não foi possível utilizar o mesmo em todas as entrevistas, uma vez que tendo em conta as restrições, acima referidas, respeitou-se a vontade dos entrevistados na escolha do procedimento.

7 - SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

Em estudos futuros sugere-se a utilização de uma amostra maior e o uso do mesmo tipo de procedimento de estudo, ou seja, a entrevista semi-diretiva presencial para todos os participantes.

A recolha de dados numa amostra maior permitirá inferências mais consistentes, o que determinará um estudo mais rigoroso.

Como não existem muitos estudos acerca desta temática, é importante que se continue a explorar o empreendedorismo nesta vertente de cenários de adversidade, para que se consiga definir o perfil empreendedor que se destaca perante a catástrofe.

Por outro lado, uma vez reconhecida a existência de um perfil empreendedor, com determinadas características ou traços de personalidade, antes desconhecidos, pode-se promover o desenvolvimento de ações de melhoria de desempenho pessoal ou do negócio focados na superação, com sucesso, das adversidades, uma vez que é cada vez mais evidente que o empreendedorismo pode ser ensinado (Kuratko, 2005). Também Drucker (2002) defende que o empreendedorismo não está presente no ADN (ácido desoxirribonucleico) dos indivíduos, mas é uma disciplina que pode ser aprendida, assim como qualquer outra.

Por último, este tipo de estudos acrescenta conhecimento ao empreendedorismo e este quanto mais forte for num país, maior será a propensão para o desenvolvimento económico (Dolabela, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajzen, I. (1991). *The theory of planned behavior. Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179-211. doi:org/10.1016/0749-5978 (91)90020-T
- Ajzen, I. (2011). The Theory of Planned Behavior: reactions and reflections. *Psychology & Health*, 26(9), 1113-1127.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Akhtar, C. S., Ismail, K., Hussain, J., & Umair-ur-Rehman, M. (2015). Investigating the moderating effect of family on the relationship between entrepreneurial orientation and success of enterprise: case of Pakistani manufacturing SMEs. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 26(2), 233-247. doi: 10.1504/IJESB.2015.071825
- Amado, J., & Freire, I. (2014). Estudo de caso na investigação em educação. In J. Amado (Coord.). *Manual de investigação qualitativa em educação*, 121-14. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Anderson, T. & Kanuka, H. (2003). *e-Research, Methods, Strategies and Issues*. USA: Person Education.
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1986). *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1989a). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Development Psychology*, 25, 729-735.
- Bandura, A. (1989b). Human Agency in Social Cognitive Theory. *American Psychologist*, 42, 1175-1184.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman.
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory: an agentic perspective. *Annual Review of Psychology*. Palo Alto: Annual Reviews, 52, 1-26.
- Bandura, A. (2008). A teoria social cognitiva na perspectiva da agência. In A. Bandura, R. G. Azzi & S. Polydoro (Orgs.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*, 69-95. Porto Alegre: Artmed.

- Barbosa, P. C. A. S. (2015). *Determinantes do sucesso individual e da intenção empreendedora através da propensão empreendedora*, (Dissertação de Mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Barbosa, S. D., Kickul, J., & Liao-Troth, M. (2007). Development and validation of a multidimensional scale of entrepreneurial risk perception. *Academy of Management Proceedings*, 1–6. doi:10.5465/ambpp.2007.26508257
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barkham, R., Gudgin, G., Hart, M. & Hanvey, E. (1996). *The Determinants of Small Firm Growth*. London: Jessica Kingsley.
- Baron, R. A. & Shane, S. A. (2010). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Cengage Learning.
- Bateman T. S. & Snell, S.A. (1996). *Management - Building Competitive Advantage*. Chicago Richard Irwin, (3.^a edição), 499-508.
- Bateman, T. S. & Snell, S. A. (2012). *Administração*. (2.^a edição), Editora Bookman. Porto Alegre.
- Bauer, M., & Gaskell G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Beer, M. (2003). *Gerenciando mudança e transição*. Rio de Janeiro: Record.
- Bird, B. (1988). Implementing entrepreneurial ideas: The case for intentions. *Academy of Management Review*, 13 (3), 442-454.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigación Educativa. Guia Práctico*, Barcelona: Ediciones CEAC.
- Black, E. L., Burton, F.G., Wood, D.A. & Zimbelman, A.F. (2010). Entrepreneurial success: differing perceptions of entrepreneurs and venture capitalists, *International Journal of Entrepreneurship & Innovation*, 11(3), 189-198.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bonanno, G. A., Wortman, C. B., & Nesse, R. M. (2004). Prospective Patterns of Resilience and Maladjustment During Widowhood. *Psychology and Aging*, 19(2), 260–271. doi:10.1037/0882-7974.19.2.260

- Boyd, N. G., & Vozikis, G. S. (1994). The Influence of Self-Efficacy on the Development of Entrepreneurial Intentions and Actions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18, 63–77. doi.org/10.1080/02640410152475847
- Boydston, M., Hopper, L. & Wright, A. (2007). *Locus of control and entrepreneurs in a small town*. Desenvolvido pela Small Business Advancement National Center. Disponível em: <<http://www.sbaer.uca.edu/research/asbe>>
- Brancher, I. B., Oliveira, E. M. & Roncon, A. (2012). Comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional. *Internext – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM*, São Paulo, 7(1), 166-193.
- Brännback, M., Carsrud, A., Elfving, J., Krueger, N. & Kickul, J. (2006). *Why Replicate Entrepreneurial Intentionality Studies? Prospects, Perils & Academic Reality*, EDGE Conference, Singapore, 1-15.
- Brockhaus, R. H. (1980). Psychological and Environmental Factors Which Distinguish Successful from the Unsuccessful Entrepreneur: A Longitudinal Study, *Proceedings, Academy of Management*, 509-520.
- Brüderl, J. & Preisendörfer, P. (1998). Network Support and the Success of Newly Founded Businesses, *Small Business Economics* 10(2), 213–25.
- Brush, C.G. (2008).Pioneering strategies for entrepreneurial success, *Business Horizons*, 51.
- Bullough, A. & Renko, M. (2013). Entrepreneurial resilience during challenging times *Business Horizons*, 56, 343-350.
- Bullough, A., Renko, M., & Myatt, T. (2014). Danger zone entrepreneurs: The importance of resilience and self-efficacy for entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 38(3), 473–499. doi.org/10.1111/etap.12006
- Bussacarani, F. (2020). *Gestão de crises: estratégias para sua empresa superar o coronavirus*. Disponível em <https://arquivoi.com.br/blog/author/fabio-bussacarini/>
- Buttner, E. H. & Moore, D. P. (1997). Women’s Organisational Exodus to Entrepreneurship: Self-reported Motivations and Correlates with Success, *Journal of Small Business Management* 35(1), 34–46.
- Caliendo, M. & Kritikos, A. S. (2008). *Is entrepreneurial success predictable? An ex-ante analysis of the character-based approach*, *Kyklos*, 61(2), 189-214.
- Caliendo, M., Fossen, F., & Kritikos, A. S. (2014). Personality characteristics and the decisions to become and stay self-employed. *Small Business Economics*, 42(4), 787–814. doi.org/10.1007/s11187-013-9514-8

- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Casson, M. (1982). *The entrepreneur*. Totowa, NJ: Barnes & Noble Books.
- Castro, A.L.C. & Calheiros, L. B. (2007). *Manual de medicina de desastres*. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Brasília: MI.
- Caussi, L. S. & Scholz, R. H. (2017). Mercado de food truck sob uma perspectiva de inovação e empreendedorismo. *Revista Brasileira de Gestão e Inovação* 4(3), ISSN: 2319-0639. Disponível em <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/RBGI/index>
- Chell, E. (2008). *The entrepreneurial personality: A social construction*. Routledge.
- Cliff, J.E. (1998). Does one size fit all? Exploring the relationship between attitudes towards growth, gender, and business size, *Journal of Business Venturing*, 13(6), 523-542.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. T. (2003). *Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC)*. *Depression and Anxiety*, 18(2), 76–82. doi:10.1002/da.10113
- Costa, C. (2004). *A entrevista*. Lisboa:Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Coutinho, C. M. P. (2014). *Metodologia de Investigação Em Ciências Sociais e Humanas*. (2.^a edição) Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Coutu, D. L. (2002). How resilience works. *Harvard Business Review*, 46-55.
- Covin, J. G., & Slevin, D. P. (1989). Strategic management of small firms in hostile and benign environments. *Strategic Management Journal*, 10(1), 75–87. doi.org/10.1002/smj.4250100107
- Covin, J. G., & Slevin, D. P. (1991). A Conceptual Model of Entrepreneurship as Firm Behavior. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, Fall, 7–25. doi.org/1042-2587-91-161
- Creed, W. D.; Dejordy, R. e Lok, J. (2010). Being the change: institutional contradiction through identity work. *Academy of Management Journal*, 53(6), 1336-1364.
- Crowe, E. & Higgins, E. T. (1997). Regulatory focus and strategic inclinations: Promotion and prevention in decisionmaking. *Organizational Behavior and Human Decision Processes* 69, 117-132.
- Davidsson, P. (1995). *Determinants of entrepreneurial intentions*. Comunicação apresentada na conferência Rent IX, Piacenza, Itália, 23-24 de Novembro.

- Dermol, V. (2010). Development of Entrepreneurial Competences. *International Journal of EuroMediterranean Studies*, 3(1), 27-47.
- Digman, J.M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*. 41, 417–440. doi:10.1146/annurev.ps.41.020190.002221
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do empreendedor*, (1.^a edição). São Paulo: Cultura Editores.
- Dolabela, F. (2002). *Empreendedorismo - uma forma de ser*, (1.^a edição). São Paulo: AED/Cultura Editores.
- Dornelas, J. C. A. (2008). *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. (3.^a edição). Rio de Janeiro: Campus-Elsevier.
- Dornelas, J. C. A. (2012). *Identificando oportunidades. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. (4.^a edição). Rio de Janeiro: Elsevier, 3, 37-57.
- Dotlich, D. L. (2004). Os 11 comportamentos que tiram os executivos dos trilhos. In: VOGL, A. J. Anatomia do fracasso. *HSM Management*, 1(42), 142-14.
- Drucker, P. F. (1987). *Inovação e Espírito Empreendedor: Prática e Princípios*. São Paulo: Pioneira.
- Drucker, P. F. (2002). *Inovação e espírito empreendedor*. Tradução de Carlos Malferrari. (6.^a edição). São Paulo: Pioneira.
- Dukes, W. F. (1965), “N = 1”. *Psychological Bulletin*, 64(1), 74-79.
- Eckhardt, J. T., & Shane, S. A. (2003). Opportunities and Entrepreneurship. *Journal of Management*, 29 (3), 333–349. doi:10.1177/014920630302900304
- Elfving, J., Brännback, M., & Carsrud, A. (2009). Toward a contextual model of entrepreneurial intentions. In A. Carsrud & M. Brännback, (Eds.), *Understanding the Entrepreneurial Mind: Opening the Black Box*, Springer New York, 23-33.
- Enriquez, E. O. (2000). O indivíduo preso na armadilha da estrutura estratégica. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 37(1), 18-29.
- Evangelista, R. (2010). Sustentabilidade: um possível caminho para o sucesso empresarial? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9(1-2), 85-96.
- Eysenck, H.J. (1998). *Dimensions of personality*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- Figueiredo, C. C., Avrichir, I. & Barbosa, R. A. P. (2017). A Personalidade de Empreendedores e Gerentes de Loja Medida Via Teoria do Big Five. *Revista*

- Filion, L. J. (2000) Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 7(3), 2-7.
- Finkelstein, S. (2007). *Por que executivos inteligentes falham?* São Paulo: Makron Books.
- Fischer, H. W. (2003). *Response to Disaster: Fact Versus Fiction and Its Perpetuation: the Sociology of Disaster*. University Press of America.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, Attitude, Intention, and Behavior: An Introduction to Theory and Research*. MA: Addison-Wesley.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (2010). *Predicting and changing behavior: The reasoned action approach*. New York: Psychology Press.
- Fisher, R., Maritz, A., & Lobo, A. (2014). Evaluating entrepreneur's perception of success. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 20(5), 478–492. doi:10.1108/ijebr-10-2013-0157
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Folkman, S., Tedlie, J. & Moskowitz, J. T. (2004). Coping: pitfalls and promise. *Annual Review of Psychology*, 55, 745-774.
- Forsyth, D. & Hall, J. (2000). *Financial Performance and the Size of a Business: Proceedings of 45th ICSB World Conference 'Entrepreneurial SME's – Engines for Growth in the Millennium*. Brisbane: International Council for Small Business.
- Förster, J., Higgins, E. T., & Bianco, T. A. (2003). *Speed/accuracy decisions in task performance: Built-in trade-off or separate strategic concerns? Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 90(1), 148–164.
- Förster, J., Higgins, E. T., & Idson, L. C. (1998). Approach and avoidance strength during goal attainment: Regulatory focus and the “goal looms larger” effect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(5), 1115–1131.
- Fortin, M. F. (2003). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização* (3ª edição). Loures: Lusociência.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.

- Fossá, M. I. T. (2003). *Proposição de um constructo para análise da cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias*. (Tese Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Frese, M., & Rauch, A. (2002). The psychology of entrepreneurship. In P. B. Baltes & N. J. Smelser (Eds.). *International encyclopaedia of the social and behavioral science*, 4552-4556. Oxford: Elsevier Science.
- Friborg, O., Hjemdal, O., Rosenvinge, J., & Martinussen, M. (2006). A new rating scale for adult resilience: What are the central protective resources behind healthy adjustment? *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 12(2), 65-76.
- Fried, H.O. & Tauer, L.W. (2009). *Understanding the Entrepreneur: An Index of Entrepreneurial Success*, Cornell University.
- Friedman, R.S., & Förster, J. (2001). Os efeitos das dicas de promoção e prevenção sobre a criatividade. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 81(6), 1001-1013. doi.org/10.1037/0022-3514.81.6.1001
- Frota, G. B., Brasil, M. V. de O., & Fontenele, R. E. S. (2014). Influência das características socioeconômicas, capacidade de gestão e comportamento empreendedor no sucesso dos empreendedores participantes do programa de microcrédito do Banco Palmas. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 3(2), 42-69. doi: 10.14211/regepe32140
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 64-89. Petrópolis: Vozes.
- Gerber, M. E. (2004). *Empreender fazendo a diferença*. São Paulo: Fundamento Educacional.
- Giovannini, F., & Kruglianskas, I. (2008). Critical success factors for the creation of an innovative sustainable recycling project: A case study. *Revista de Administração Contemporânea*, 12(4), 931-951. doi: 10.1590/S1415-65552008000400003.
- Goldberg, L. R. (1993). The structure of phenotypic personality traits. *American Psychologist*. 48 (1), 26–34. PMID 8427480. doi:10.1037/0003-066X.48.1.26
- Gorbalenya, A. E. (2020). *Severe acute respiratory syndrome-related coronavirus – The species and its viruses, a statement of the Coronavirus Study Group*. bioRxiv (em inglês): 2020.02.07.937862. doi:10.1101/2020.02.07.937862
- Govindarajan, V. (1989). Implementing competitive strategies at the business unit level: Implications of matching managers to strategies. *Strategic Management Journal*, 10(3), 251–269. doi.org/10.1002/smj.4250100305

- Grapeggia, M., Lezana, A. G. R., Ortigara, A. Â., & Santos, P. C. F. (2011). Fatores condicionantes de sucesso e/ou mortalidade de micro e pequenas empresas em Santa Catarina. *Production Journal*, 21(3), 444-455. doi:10.1590/S0103-65132011005000025
- Greatti, L. (2005). Perfis empreendedores: análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso empresarial no município de Maringá, PR. *FACEF Pesquisa – Desenvolvimento e Gestão*, 8(1), 67-83.
- Grotberg, E. H. (2005). *Introdução: novas tendências em resiliência*. In: Melillo, A.; Ojeda, E. N. S. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Hamel, G. & Välikangas, L. (2004). The quest for resilience. *Revista Icade. Revista de las Facultades de Derecho y Ciencias Económicas y Empresariales*, 62.
- Higgins, E. T. 1997. Beyond pleasure and pain. *American Psychologist*, 52, 1280-1300.
- Higgins, E. T. (1998). Promotion and Prevention: Regulatory Focus as A Motivational Principle. *Advances in Experimental Social Psychology*, 30, 1–46. doi:10.1016/s0065-2601(08)60381-0
- Higgins, E. T., Friedman, R. S., Harlow, R. E., Idson, L. C., Ayduk, O. N., & Taylor, A. (2001). Achievement orientations from subjective histories of success: Promotion pride versus prevention pride. *European Journal of Social Psychology*, 31(1), 3–23. doi:10.1002/ejsp.27
- Higgins, T., & Tykocinski, O. (1992). Self-Discrepancies and Biographical Memory: Personality and Cognition at the Level of Psychological Situation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18(5), 527–535. doi:10.1177/0146167292185002
- Hilsdorf, C. (2015). *Atitudes empreendedoras: como transformar sonhos em realidade e fazer seu projeto de vida acontecer*. São Paulo: Portfolio-Penguin.
- Hisrich, R. D. & Peters, M. P. (2004). *Empreendedorismo* (5.^a edição). Porto Alegre: Bookman.
- Hodges, B. P. (2001). Corporate boards: new strategies for adding value at the top. *The Academy of Management Executive*. Briarcliff Manor, 15(4), 142.
- Ibrahim, A. B. & Goodwin, J. R. (1986) Perceived Causes of Success in Small Business, *American Journal of Small Business* 12(1), 41–50.
- Jansen, P. G. W., & Van Wees, L. L. G. M. (1994). Conditions for internal entrepreneurship. *Journal of Management Development*, 13(9), 34-51. doi.org/10.1108/02621719410072080

- Jennings, P. & Beaver, G. (1997). The Performance and Competitive Advantage of Small Firms: A Management Perspective. *International Small Business Journal* 15(2), 63–75.
- Johansen, C.B. & De Cock, C. (2017). *Ideologies of time: how elite corporate actors engage the future*. Organization. doi.org/10.1177/1350508417725592.
- Kalleberg, A. L. & Leicht, K. T. (1991). Gender and Organizational Performance: Determinants of Business Survival and Success. *Academy of Management Journal*, 34(1), 136–61.
- Kark, R., & Van Dijk, D. (2007). Motivation to lead, motivation to follow: The role of the self-regulatory focus in leadership processes. *Academy of Management Review*, 32(2), 500–528.
- Kelmar, J. (1991). *Measurement of Success and Failure in Small Business: A Two Factor Approach*, Curtin Business School Working Paper. Perth: Curtin University.
- Kobasa, S. (1979). Stressful life events, personality, and health: An inquiry into hardiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, EUA National Library of Medicine, EUA Gov't, PHS, Vol. 37, 1-11.
- Krueger, N. F., & Carsrud, A. L. (1993). Entrepreneurial intentions: applying the theory of planned behaviour. *Entrepreneurship & Regional Development*, 5(4), 315-330.
- Krueger, N. F., Reilly, M. D. & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6), 411-432.
- Kumar, M. (2007). Explaining entrepreneurial success: a conceptual model. *Academy of Entrepreneurship Journal*, 13(1), 57-77.
- Kumar, S. & Ali, J. (2010). Indian agri-seed industry: understanding the entrepreneurial process. *Journal of Small Business and Enterprise Development*. 17(3).
- Kumpfer, K. (1999). Factors and processes contributing to resilience: The resilience framework. In M. Glantz, J. Johnson. (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations*, New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 179-223.
- Kuratko, D. F., Hornsby, J. S. & Naffziger, D. W. (1997). An Examination of Owners' Goals in Sustaining Entrepreneurship". *Journal of Small Business Management* 35(1), 24–33.
- Kuratko, D. F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship theory and practice*, 29(5), 577-598.

- Larwood L., & Gutek B. A., (1987). Working Toward a Theory of Women's Career Development in Gutek, B.A. and Larwood, L. (Eds.), 3, 71-183, *Women's Career Development*, Newbury Park, California: Sage Publications.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lee, D. Y., Tsang, E. W. K. (2001). The effects of entrepreneurial personality, background and network activities on venture growth. *Journal of Management Studies* 4, 38, 538-602.
- Levenson, H. (1973). Multidimensional locus of control in psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 41, 397-404.
- Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V. & Silva, D. (2014). Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian challenges. *Journal of Small Business Management*. doi: 10.1111/jsbm.12110
- Liñán, F. (2004). *Modelos baseados em intenção de educação para o empreendedorismo*. Piccola Impresa / Pequena Empresa, 3, 11–35.
- Liñán, F., & Chen, Y.W. (2009). Development and Cross-Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617.
- Liñán, F., & Rodríguez, J. C. (2004). *Entrepreneurial attitudes of Andalusian university students*. 44th ERSA Conference, Porto (Portugal), 21-25.
- Liñán, F., Santos, F. J., & Fernández, J. (2011). The influence of perceptions on potential entrepreneurs. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(3), 373-390.
- Lindahl, J. F. & Grace, D. (2015). *The consequences of human actions on risks for infectious diseases: a review*. *Infection Ecology & Epidemiology*, 5, 1, 1-11.
- Low, M. B., & MacMillan, I. C. (1988). Entrepreneurship: Past Research and Future Challenges. *Journal of Management*, 14(2), 139–161. doi:10.1177/014920638801400202
- Ludwig, L., & Mattedi, M. A. (2016). *Dos desastres do desenvolvimento ao desenvolvimento dos desastres: a expressão territorial da vulnerabilidade*. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 39. doi:10.5380/dma.v39i0.45575
- Luthar, S. S. & Cushing, G. (1999). Measurement issues in the empirical study of resilience: an overview. In: Glantz, M.; Johnson, J. (Ed.). *Resilience and development: positive life adaptations*. Plenum Publishers, New York, 129-160.

- Maciel, C. O. & Camargo, C. (2010). Locus de controle, comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. *RAM. Revista de Administração Mackenzie* [online]. v. 11, n. 2. pp. 168-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-69712010000200008>>. Epub 25 Maio 2010. ISSN 1678-6971. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712010000200008>.
- Markman, G. D., Baron, R. A., & Balkin, D. B. (2005). Are perseverance and self-efficacy costless? Assessing entrepreneurs, regretful thinking. *Journal of Organizational Behavior*. doi.org/10.1002/job.305
- Marshall, A. (1890). *Principles of Economics*. (1920, 8.^a edição) London: Macmillan and Co.
- McClelland, D. C. (1972). *A sociedade competitiva: realização e progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- Miller, D., & Toulouse, J. M. (1986). Chief Executive Personality and Corporate Strategy and Structure in Small Firms. *Management Science*, 32(11), 1389–1409. doi.org/10.1287/mnsc.32.11.1389
- Minello, I. F. (2014). *Resiliência e Insucesso empresarial: o comportamento do empreendedor diante do fracasso nos negócios*, (1.^a edição). Curitiba. Paraná: Editora e Livraria Appris Ltda.
- Miner, J. B. (1997a). *A psychological typology of successful entrepreneurs*. Westport: Quorum Books.
- Miner, J. B. (1997b). *The expanded horizon for achieving entrepreneurial success*. *Organizational Dynamics*, 25(3), 54-67. doi: 10.1016/S0090-2616(97)90047-4.
- Monsen, E. & Urbig, D. (2009). Perceptions of efficacy, control, and risk, a theory of mixed control, in Carsrud, A.L. and Brannback, M. (Eds), *Understanding the Entrepreneurial Mind: Opening the Black Box*, Springer, New York, NY, 259-284.
- Morse, J. M. (2000). Determining sample size. *Qualitative Health Research*, 10(1), 3-5.
- Moss, S. A., Ritossa, D., & Ngu, S. (2006). The effect of follower regulatory focus and extraversion on leadership behavior: The role of emotional intelligence. *Journal of Individual Differences*, 27, 93–107.
- Mullins, J.W. & Forlani, D. (2005). Missing the boat or sinking the boat: a study of new venture decision making. *Journal of Business Venturing*, 20(1), 47-69.
- Nabi, G., & Liñán, F. (2013). Considering business start-up in recession time: The role of risk perception and economic context in shaping the entrepreneurial intent.

International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research, 19, 633–655.
doi.org/10.1108/IJEBR-10-2012-0107

- Nandram, S. & Samsom, K. (2007). *Entrepreneurial Behavior: New perspectives gained through the critical incident technique [Working Paper n°07-04]*. Nyenrode Research Group, Breukelen.
- Oliveira, A. F., Vasconcelos, M. C. & Jeunon, E. E. (2015). Empreendedorismo feminino de empresas de belo horizonte: história de vida, características, desafios e fatores determinantes. *Revista do CCEI*, 19(34).
- Oswald, R. (2017). Empreendedorismo: uma revisão bibliométrica sobre o perfil empreendedor na base de dados spell. *Revista Conexão*, 4, 1- 19.
- Parasuraman, S. P., Purohit, Y. S., Godshalk, V. M. & Beutell, N. J. (1996). Work and Family Variables, Entrepreneurial Career Success and Psychological Well-being. *Journal of Vocational Behavior* 48(3), 275–300.
- Patton, M. Q. (1980). *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills: Disponível em <http://www.ncjrs.gov/App/publications/abstract.aspx?ID=67081>
- Piscopo, M. R. (2010). Empreendedorismo corporativo e competitividade em empresas de base tecnológica. *INMR - Innovation & Management Review*, 7(1), 131-150. Recuperado de <http://www.periodicos.usp.br/rai/article/view/79162>
- Praag, M., Sluis, J., Witteloostuijn, A. (2004). *The impact of the Locus of Control Personality Trait on the Earnings of Employees vis-à-vis Entrepreneurs*. Working Paper Series. TI 2004-130/3, Tinbergen Institute Discussion Paper. Disponível em <http://www.tinbergen.nl>.
- Quarantelli, E. L. (2003). *A Half Century of Social Science Disaster Research: Selected Major Findings And Their Applicability*. Disaster Research Center. University of Delaware. Newark, Delaware 19716 USA.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rizzato, S. C. C. & Moran, M. C. (2013). Empreendedorismo e personalidade: o perfil em estudantes brasileiros. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 13(3), 279-291.
- Rossi, F., Schmidt, C.M, Alvez, J.K.D. & Dreher M.T. (2014). *Empreendedorismo Coletivo: a Experiência da Região Oeste do Paraná no Contexto do Turismo Sustentável*. VIII Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. Anais. Goiania.

- Rotter, J. B. (1954). *Social learning and clinical psychology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Rotter, J. B. (1966). *Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement*. *Psychological Monographs: General and Applied*, 80(1), 1–28. doi:10.1037/h0092976
- Rotter, J. B. (1989). Internal versus external control of reinforcement: A case history of a variable. *American Psychologist*, 45, 489-493.
- Rutter, M. (2012). Resiliência como um conceito dinâmico. *Development and Psychopathology*, Cambridge University Press, 24, 335-344.
- Sandelowski, M. (1995). Sample size in qualitative research. *Research in Nursing and Health*, 18(2), 179-183.
- Santos, P. C. F., Minuzzi, J., Lezana, A. G. R., & Grzybovski, D. (2009). Intenção empreendedora: Um estudo com empretecos catarinenses. *Revista de Estudos de Administração*, 9(19), 7-26.
- Schlaegel, C., & Koenig, M. (2014). Determinants of Entrepreneurial Intent: A Meta-Analytic Test and Integration of Competing Models. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38(2), 291-332.
- Schmidt, S., & Bohnenberger, M. C. (2009). Perfil empreendedor e desempenho organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(3), 450-467.
- Schumpeter, J. A. (1982). *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo económico*. São Paulo: Abril Cultural.
- Schumpeter, J. A. (1985). *O fenómeno fundamental do desenvolvimento económico*. In *A teoria do desenvolvimento económico*. Rio de Janeiro: Nova Cultura.
- Schwartz, B. (2000). Self-determination. *American Psychologist*, 55, 79-88.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, 26(1), 217–226.
- Shapiro, A. (1984). The entrepreneurial event. In C. A. Kent (Ed.). *The environment for entrepreneurship*, 21-40. Lexington: Health.
- Shapiro, A., & Sokol, L., (1982). The social dimensions of entrepreneurship. In: Kent, C., Sexton, D. & Vesper, K. H. (eds.) *The Encyclopedia of Entrepreneurship*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 72-90.

- Shook, C.L., Priem, R.L., & McGee, J.E. (2003). Venture creation and the enterprising individual: a review and synthesis. *Journal of Management*, 29(3), 379-399.
- Singh, R. (2001). A comment on developing the field of entrepreneurship through the study of opportunity recognition and exploitation. *Academy of Management Review*, 26(1), 10–12.
- Sitkin, S.B. & Pablo, A.L. (1992). Reconceptualising the determinants of risk behaviour, *Academy of Management Review*, 17(1), 9-38.
- Sorensen, J. B. & Chang, P. M. Y. (2008). Determinants of Successful Entrepreneurship: A Review of the Recent Literature. Working Paper Series.
- Stewart, T. (2012). Undergraduate Honors Service-Learning & Effects on Locus of Control. *Journal of Service-Learning in Higher Education*, 1, 1-86.
- Tajeddini, K., Elg, U., & Trueman, M. (2013). Efficiency and effectiveness of small retailers: the role of customer and entrepreneurial orientation. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 20(5), 453-462. doi: 10.1016/j.jretconser.2013.05.004
- Thompson, E. R. (2009). Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 669-694.
- Timmons, J. A. (1990). *New venture creation: Entrepreneurship in the 1990s*. Homewood, IL: Irwin.
- Timmons, J. A. & Spinelli, S. (2004). *New venture creation: entrepreneurship for the 21 st century*. (6.^a edição). Boston: Irwin McGraw Hill.
- Toya, H., & Skidmore, M. (2007). Economic development and the impacts of natural disasters. *Economics Letters*, 94(1), 20–25. doi:10.1016/j.econlet.2006.06.020
- Tsoukas, H. (2009). Craving for generality and small-N studies: a Wittgensteinian approach towards the epistemology of the particular in organization and management studies. In D. Buchanan e A. Bryman (Eds.), *The Sage Handbook of Organizational Research Methods*. Sage, Los Angeles, 285-301.
- Tupes, E.C., & Christal, R.E., (1961). *Recurrent Personality Factors Based on Trait Ratings*. Technical Report ASD-TR-61-97, Lackland Air Force Base, TX: Personnel Laboratory, Air Force Systems Command, 1961.
- Unger R. K. & Crawford M. (1992). *Women and gender: a feminist psychology*, New York: McGraw-Hill.

- Valenciano, L. H. S. & Barboza, R. J. (2005). Conceitos de Empreendedorismo. *Revista Científica Eletrônica de Administração*. Faculdade de Ciências Jurídicas e Gerenciais de Garça FAEG/FAEF, Garça/São Paulo, 9, 1-9.
- Vandekerckhove, W. & Dentchev, N. A. (2005). A Network Perspective on Stakeholder Management: Facilitating Entrepreneurs in the Discovery of Opportunities. *Journal of Business Ethics* 60, 221-232.
- Vasconcelos, A. M., Lezana, Á. G. R., & Andrade, D. F. (2013). Escala para medição do sucesso de micro e pequenas empresas de Santa Catarina com o apoio da teoria da resposta ao item. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 9(1), 91-119.
- Venkatraman, N. & Ramanujam, V. (1986). Measurement of business performance in strategy research: a comparison of approaches. *Academy of Management Review*, 11(4), 801-814.
- Vergara, S. C. (2006). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Wadhwa, V., Aggarwal, R., Holly, K., Salkever, A. (2009). *The anatomy of an Entrepreneur: Family Background and Motivation*. Kauffman Foundation Small Research Projects Research.
- Walker, E. & Brown, A. (2004). What Success Factors are Important to Small Business Owners? *International Small Business Journal*, 22(6), 577–594. doi:10.1177/0266242604047411
- Werner, E. (2001). *Journeys from childhood to midlife: Risk, resilience and recovery*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Werner, E., & Smith, R. (1992). *Overcoming the odds: High risk children from birth to adulthood*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Williams, N., Vorley, T., & Ketikidis, P. H. (2013). Economic resilience and entrepreneurship: A case study of the Thessaloniki City Region. *Local Economy*, 28(4), 399–415. doi:10.1177/0269094213475993
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J.Tavares (Org.), *Resiliência e educação*, 13-42. São Paulo: Cortez.
- Zhang, H. Q., Ren, L., Shen, H., & Xiao, Q. (2013). What contributes to the success of Home Inns in China? *International Journal of Hospitality Management*, 33(1), 425-434.

Zhao, H., & Seibert, S. E. (2006). The Big Five personality dimensions and entrepreneurial status: A meta-analytical review. *Journal of Applied Psychology*, 91(2), 259–271. doi: 0.1037/0021-9010.91.2.259

APÊNDICES

Apêndice 1 - Tabela matriz do estudo (questões de investigação, objetivos e guião das entrevistas)

Apêndice 2 – Email convite enviado aos entrevistados

Apêndice 3 – Guião das entrevistas

Apêndice 4 – Transcrição da entrevista E1

Apêndice 5 - Transcrição da entrevista E2

Apêndice 6 - Transcrição da entrevista E3

Apêndice 7 - Transcrição da entrevista E4

Apêndice 8 - Transcrição da entrevista E5

Apêndice 9 - Transcrição da entrevista E6

Apêndice 10 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E1

Apêndice 11 – Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E2

Apêndice 12 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E3

Apêndice 13 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E4

Apêndice 14 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E5

Apêndice 15 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E6

Apêndice 16 – Tabela da intensidade das unidades de registo

Apêndice 17 - Tabela das variáveis em estudo mais expressivas

Apêndice 1 - Tabela matriz do estudo (questões de investigação, objetivos e guião das entrevistas)

Questões da investigação	Objetivos	Guião da entrevista - Tópicos de perguntas
<p>Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?</p>	<p>Perceção da influência da localização da empresa e da existência de raízes empreendedoras na atividade empresarial</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vem de uma família de empreendedores? 2. Como é ser-se empresário na região centro do país?
<p>Como se comportam os empresários perante a catástrofe?</p> <p>Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?</p> <p>Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?</p> <p>Razões pelas quais decidiram recuperar/ ou não a empresa?</p>	<p>Análise da atitude do empresário perante a catástrofe, comportamento, intenções empreendedoras, capacidade para recuperar a empresa e o reconhecimento de oportunidades de negócio em ambientes adversos.</p> <p>(1.ª catástrofe: incêndios de outubro de 2017 e 2.ª catástrofe: surto epidemiológico provocado pela doença COVID-19 a partir de março 2020)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 3. A ocorrência dos incêndios em outubro de 2017, infelizmente vai ficar na memória de todos nós, devido aos danos que provocou em todas as áreas. Sei que a sua empresa foi afetada. Que perdas teve? 4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? 5. Qual foi a primeira coisa em que pensou? 6. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? 7. Quais as razões que o levaram a arregaçar as mangas? 8. E teve apoios? De quem? 9. Foram suficientes? 10. Conseguiu recuperar a empresa? Se não conseguiu, o que ficou a faltar? 11. Já lá vão 3 anos e agora nova catástrofe. A pandemia veio fazer parar a Europa, o mundo. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? 12. Que danos lhe está a causar? 13. Está a ter algum tipo de apoio?
<p>Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?</p> <p>Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?</p> <p>Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?</p>	<p>Identificação de características que definam o perfil de empresário que enfrenta frequentes adversidades</p>	<ol style="list-style-type: none"> 14. Que futuro prevê para a sua empresa? 15. E para a economia em geral? 16. Como se sente com tudo isto? 17. Considera-se uma pessoa resiliente? 18. Considera-se um empreendedor? 19. Quais as características que melhor o identificam?

Apêndice 2 – Email convite enviado aos empresários

Mail - Carla Fernandes - Outlook

A atitude do empresário perante a catástrofe - pedido de colaboração em trabalho de investigação

Carla Fernandes

Thu 8/13/2020 3:53 PM

To: **empresários**

■ 1 attachments (216 KB)

Guião da entrevista.pdf;

Exmo(a) Sr.(a) empresário(a)

Sou aluna do mestrado em Gestão de Negócios da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Oliveira Hospital do Instituto Politécnico de Coimbra.

Encontro-me a realizar um trabalho de investigação cujo tema é “A atitude do empresário perante a catástrofe – Investigação efetuada em empresas da região centro de Portugal afetadas pelos incêndios ocorridos em 2017e pela pandemia provocada pela doença COVID-19 em 2020”.

Tendo conhecimento de que foi afetado pelos incêndios em 2017 e agora estará a viver o drama causado pela pandemia, provocada pela doença COVID-19, venho por este meio solicitar a sua colaboração para o estudo, através da entrevista que remeto em anexo.

Peço que responda a todas as questões e devolva para este endereço de email, por favor.

A sua opinião é muito importante.

Não serão divulgados dados pessoais, respeitando a proteção de dados.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Carla Fernandes

Apêndice 3 – Guião das entrevistas

INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL



Guião de Entrevista

Este instrumento metodológico enquadra-se num trabalho de dissertação no âmbito do Mestrado em Gestão de Negócios, cujo tema é **“A atitude do empresário perante a catástrofe – Investigação efetuada em empresas da região centro de Portugal afetadas pelos incêndios ocorridos em 2017 e pela pandemia provocada pela doença COVID-19 em 2020”**.

Com esta entrevista pretende-se recolher informações acerca da atitude do empresário perante a catástrofe. Analisar quais as características comportamentais e intenções empreendedoras perante situações de tragédia, nomeadamente a sua resiliência, a sua capacidade para se reerguer e o eventual reconhecimento de oportunidades de negócio.

Por favor responda com sinceridade.

A sua opinião é muito importante.

Obrigada pela sua colaboração.

I parte

Apresentação do entrevistado:

Nome;

Idade;

Nacionalidade;

Habilitações literárias;

Localização da empresa;

Setor de atividade a que pertence;

Dimensão da empresa;

Ano em que fundou a empresa.

II parte

Questões pessoais:

1. Vem de uma família de empreendedores?
2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

3. A ocorrência dos incêndios em outubro de 2017, infelizmente, vai ficar na memória de todos nós, devido aos danos que provocou em todas as áreas. Sei que a sua empresa foi afetada. Que perdas teve?
4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos?
5. Qual foi a primeira coisa em que pensou?
6. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?
7. Quais as razões que o motivaram a reerguer a empresa?
8. Teve apoios? De quem?
9. Foram suficientes?
10. Conseguiu recuperar a empresa? Se não conseguiu, o que ficou a faltar?
11. Já lá vão 3 anos e agora nova catástrofe. A pandemia veio fazer parar a Europa, o mundo. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência?
12. Que danos lhe está a causar?
13. Está a ter algum tipo de apoio?
14. Que futuro prevê para a sua empresa?
15. E para a economia em geral?
16. Como se sente com tudo isto?
17. Considera-se uma pessoa resiliente?
18. Considera-se um empreendedor?
19. Quais as características que melhor o identificam?

Mais uma vez muito obrigada.

D1. Vem de uma família de empreendedores?

- Não sei se se pode considerar ou não, mas eu penso que sim. O meu pai era construtor civil, portanto se isso for considerado empreendedorismo, sim.

D2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

- É juntar resiliência com fator de loucura...
- Estamos no interior, estamos longe de tudo. Os acessos rodoviários são péssimos...
- Existe um conjunto de dificuldades e constrangimento na atividade diária que é importante registar, nomeadamente, as vias de comunicação, bem como os próprios meios de comunicação.
- Tem de se ter muita resiliência.

D3. Que perdas teve?

- Sim, essencialmente em termos de clientes, de hóspedes porque, felizmente em termos estruturais a empresa não sofreu danos.
- Quem gere recursos e quem tem contas mensais no final do mês começa a interrogar-se o que é que vai acontecer a seguir. Será que vamos ter a capacidade?
- O nosso grande potencial no turismo, no interior, é a paisagem. Tendo nós a paisagem toda destruída questionamos o que vai ser.
- Os clientes demoraram a voltar, mas nós reagimos de imediato.
- Melhorámos substancialmente os nossos serviços.
- A parte da resiliência também tem aqui um fator que é extremamente importante e que pesa muito nas decisões.

D4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou?

- A primeira coisa foi salvaguardar a integridade física dos nossos hóspedes.
- Comecei a questionar-me o que é que vai acontecer a seguir?
- O que é que eu vou fazer?
- Tivemos de refazer toda a estratégia de comunicação, entrar noutros mercados a preços mais reduzidos.

D5. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?

- Sim, “arregaçar as mangas” e entrar no mercado e procurar soluções.
- Temos de ser criativos. E aqui passou muito pela criatividade, pela resiliência, por mobilizar a equipa.

D6. Quais as razões que o motivaram a recuperar a empresa?

- A questão social, a nossa causa, essa tem de ser colocada logo em primeira instância.
- Olhar para todo este investimento e perguntar o que é que vai acontecer a todo este investimento? Vai ficar às moscas? Vai ficar cheio de silvas? Vai ficar abandonado?
- E claro que juntando a loucura de um investimento destes a um momento de decisão, evidentemente que a decisão teria de passar por “arregaçar as mangas” e entrar no Mercado e procurar soluções.
- Porque isto não há soluções milagrosas.
- Nada daquilo que nós fazemos vem nos livros.

D7. Teve apoios? De quem? Foram suficientes?

- Muitas promessas, que nunca se materializaram.

D8. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar?

- Suspendi a atividade 3 meses e meio.
- Perdemos cerca de 400 mil euros de receita.
- Para garantirmos confiança máxima reorganizámos o serviço, nomeadamente de refeições e limitámos a capacidade máxima de alojamento nos 80%.

D9. Está a ter algum tipo de apoio?

- Neste momento tivemos alguns apoios. Não aquilo que foi prometido, mas pelo menos tivemos alguns apoios, porque foi uma catástrofe a nível nacional e a nível global.

D10. Que futuro prevê para a sua empresa?

- Neste momento ninguém consegue fazer previsões.
- A incerteza é a pior arma que nós hoje temos para trabalhar. Com a incerteza que hoje se vive ninguém consegue programar. É o maior constrangimento que neste momento se vive.

D11. Como se sente com tudo isto?

- Com alguma desorientação.
- Hoje não conseguimos programar.

- Antes dependia exclusivamente da minha capacidade de gestão. A minha empresa dependia exclusivamente de mim. Hoje a minha empresa depende do comportamento dos outros.

D12. Considera-se uma pessoa resiliente?

- Resiliência misturada com loucura.

D13. Considera-se um empreendedor?

- Acho que sim.

D14. Quais as características que melhor o identificam?

- Resiliência, eu acho que é a primeira.
- Empreendedor também.
- Nunca estou satisfeito com aquilo que tenho.

Perfil pessoal e dados da empresa

Sexo	Masculino
Idade:	58
Nacionalidade:	Portuguesa
Habilitações literárias:	Licenciado com Pós-Graduação em Gestão Turística e Hoteleira
Localização da empresa:	Oliveira do hospital
Setor de atividade a que pertence:	CAE 55117 Alojamento com restaurante
Dimensão da empresa:	PME
Ano em que fundou a empresa:	2004

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

E2

D1. Vem de uma família de empreendedores?

- Não. Funcionários por conta de outrem.

D2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

- Seria muito melhor, para todos os intervenientes, se as Instituições tivessem feito o seu trabalho. Exemplos: o verde seria uma área a preservar... Investimento em melhoramentos. Preservação florestal com um rumo definido e não uma gestão de dia a dia.

D3. Que perdas teve?

- Ardeu, por completo a casa t2, que devido á sua tipologia, era a que vendia mais e, nesse sentido a que trazia a maior fatia de proveitos para a Empresa.
- 70 % das árvores com a área da piscina também afetada.
- Os pinheiros mansos tinham resistido com fortes chamuscadelas apenas, olhei para aquilo como uma esperança.

D4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou?

- Não consigo descrever-lhe...
- É curioso, mas, passado alguns momentos, entre a miscelânea de pensamentos, a única coisa razoável em que pensei foi..... Porque é que não aceitei uma oferta que nos tinham feito em junho desse ano!?
- Um pouco mesquinho e individualista, mas foi o que me ocorreu perante aquela visão. Porque é que aquilo tinha acabado de me acontecer?

D5. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?

- Sim.
- Passados alguns dias o Governo (através de fundos Europeus para o sucedido) anunciou medidas de apoio.
- Fui a duas reuniões na Câmara, a primeira estava presente, a agora Ministra da Coesão Territorial, antes Secretária de Estado. Foi prometido o céu!

D6. Quais as razões que o motivaram a recuperar a empresa?

- Após termos feito um pequeno estudo interno, onde juntámos o nosso fundo de tesouraria, mais o apoio, seguramente no Verão poderíamos estar a operar.

D7. Teve apoios? De quem? Foram suficientes?

- Candidatura apresentada (...) junto da CCDRC em Dezembro.
- Depois de aprovada, foi transferida para o Turismo de Portugal IP em Lisboa.
- Seriam suficientes se tudo tivesse corrido como foi, apregoado, na Reunião onde esteve presente um membro do Governo.
- Mas, na realidade, não foi assim. Não consegui recuperar.
- Ficou a faltar a palavra, a decência de cumprir o que se promete às pessoas... Refiro-me agora ao Turismo de Portugal IP (...) a Candidatura estava aprovada, mas eles achavam que, apesar da CCDR ter aprovado, eles não concordavam.
- Fui a duas reuniões ao Turismo de Portugal IP, explicando isto mesmo, e, uma das respostas que deram, foi a seguinte, somos quatro para cerca de duzentos processos. Processos estes das mais variadas áreas do Turismo e cada uma com o seu programa. O meu era ligado às catástrofes, mas, era tratado como se não fosse.
- Perdemos o nosso fundo de tesouraria e interrompemos a candidatura. Falimos e vendemos o terreno por uma miserável quantia.

D8. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar?

- Não iria aguentar mais, algo parecido com aqueles tempos.
- Posso apenas imaginar o que poderia estar a passar, depois de ter assistido “in loco” ao funcionamento do Estado Português, perante adversidades.
- Existe o que os decisores anunciam por todo o lado e mais algum, e depois, existe a realidade, a dura realidade.

D9. Está a ter algum tipo de apoio?

- Jamais, neste momento se ainda fosse um “player“, mantinha a minha máxima que, ironicamente era, nunca, mas nunca aceitar nenhuma “ajuda“, “apoio“,...do Estado.

D10. Que futuro prevê para a sua empresa?

- “no future “.
- Regressão em tudo o que poderia ter sido um sinal para uma mudança.

D11. Como se sente com tudo isto?

- “Porque é que não vendi isto três meses antes“ e nem estaria aqui.
- Verdadeiramente, um pouco aliviado, porque, de novo, outra vez, NÃO. Quando menciono, NÃO, refiro-me aos procedimentos, anunciam uma coisa, mas, na realidade no terreno o que se passa é outra, completamente diferente, e, sempre para, os do costume.

D12. Considera-se uma pessoa resiliente?

- Sim, giro o meu dia a dia. Um dia de cada vez. Isso também é resiliência.

D13. Considera-se um empreendedor?

- Sempre.

D14. Quais as características que melhor o identificam?

- Previdente, tento sempre ser previdente.

Perfil pessoal e dados da empresa

Sexo	Masculino
Idade:	54
Nacionalidade:	Portuguesa
Habilitações literárias:	Secundário
Localização da empresa:	Oliveira do hospital
Setor de atividade a que pertence:	Turismo rural + natureza + local, Agricultura (venda e / ou produção, eventos e Restauração
Dimensão da empresa:	Micro-empresa
Ano em que fundou a empresa:	2000

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

E3

D1. Vem de uma família de empreendedores?

- Posso dizer que sim. Na geração anterior, o meu pai. Coisas pequenas, negócios pequenos.

D2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

- Seria pior se estivesse no interior do país. As desigualdades serão maiores. Mas, é muito difícil para as pequenas empresas.
- São muitas as obrigações. Obrigações estas que são comuns às empresas de maior dimensão.
- Mas apesar de estar numa zona despovoada, não me posso queixar tenho tido apoios e em termos logísticos chega tudo na mesma.
- O pior é a internet que, às vezes não funciona muito bem.

D3. Que perdas teve?

- Muito afetada. Fechou mesmo.
- O fogo entrou na propriedade e destruiu 2 das 6 casas que temos. Destruíu a zona envolvente e quase todo o enquadramento paisagístico.
- Ficaram umas árvores folhosas que tinha plantado e que são muito importantes para o enquadramento paisagístico.

D4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou?

- Foi um trauma que fica para o resto da vida. Em cada verão que vem, a cada nuvem de fumo é um aperto no coração.
- Demorei muito a perceber a dimensão. Eu não estava lá. As estradas estavam cortadas. Não havia telecomunicações. Soube pelo facebook. Preparei-me para o pior. Imaginei aquelas árvores que plantei queimadas...
- Recordo a satisfação de ver que as árvores não tinham ardido. Não doeu tanto assim...
- Para mim, as árvores não terem ardido foi um sinal de esperança.

D5. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?

- Quando vi as árvores de pé, senti que era possível recuperar.
- Sim. Neste momento está tudo reconstruído.

D6. Quais as razões que o motivaram a recuperar a empresa?

- Existe uma ligação afetiva entre a empresa e o promotor.
- É uma paixão, uma ligação muito forte.
- Um desejo de reerguer.
- Ali está a ser gerado valor.

D7. Teve apoios? De quem? Foram suficientes?

- Sempre tive. Sempre me candidatei a tudo.
- Projeto Comunitário Proder, do antigo quadro comunitário; do IEFP; Vales de internacionalização; Linha valorizar (investir numa casa nova).
- Sim. Reconstruí tudo e ainda melhorei.

D8. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar?

- Suspendi (...)
- Preparo a reabertura (...)
- Mas é um processo muito doloroso.
- É um querer trabalhar e ter medo de trabalhar.

D9. Está a ter algum tipo de apoio?

- Candidatámo-nos ao apoio do Turismo de Portugal.
- Estamos a tratar da candidatura à linha Adaptar, para comprar equipamento de proteção e ao apoio reinício.
- Recorremos, também, às moratórias dos créditos bancários.

D10. Que futuro prevê para a sua empresa?

- Acredito que vamos ter mercado, atendendo ao plano de reservas e aquelas pessoas que iam para fora do país e que já não vão.
- Mas receio a possibilidade de ter um azar.
- “Há quem chore e há quem venda lenços.” Neste momento estou a chorar...
- Vai ser complicado.
- O que está a ser feito é bom, estão a ser tomadas medidas rápidas.
- Se as redes que estão a ser lançadas não existissem, acredito que mais empresas iriam falir.

- Acredito na capacidade do povo Português.
- Não se pode perder a esperança.
- Espero que se encontrem outras soluções

D11. Como se sente com tudo isto?

- No limite.
- É tudo. Sou mãe, tenho 2 filhas em casa em telescola. É uma sensação de que estou a falhar em todos os campos.
- Sinto-me cansada.
- Mas tenho de confiar na vida, na minha capacidade, no percurso com as pessoas que me acompanham.

D12. Considera-se uma pessoa resiliente?

- Sim. Não tenho dúvidas. Já tive muitas provas disso.

D13. Considera-se um empreendedor?

- Sim, apesar de numa pequena escala.
- Sou uma pessoa de projetos. Sempre quis ter o meu projeto. Sempre quis o meu espaço para criar.
- Está no meu ADN.

D14. Quais as características que melhor o identificam?

- Capacidade de trabalho.
- Tenho um bocado falta de auto-confiança, dou muito para não falhar.
- Sou criativa, polivalente, determinada, apaixonada, otimista.
- No final penso que tudo vai correr bem.
- Tenho capacidade para me auto motivar.
- Acredito que tenho sempre uma ajuda. Há algo acima de mim que me dá força.
- Há coisas que são para acontecer e outras não.
- Mas, também acredito que está nas minhas mãos o que vai acontecer, pois a forma como vejo as coisas interfere no resultado.

Perfil pessoal e dados da empresa

Sexo	Feminino
Idade:	43
Nacionalidade:	Portuguesa
Habilitações literárias:	Mestrado
Localização da empresa:	Seia
Setor de atividade a que pertence:	CAE 55202 Turismo rural
Dimensão da empresa:	Microempresa
Ano em que fundou a empresa:	2012

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

E4

D1. Vem de uma família de empreendedores?

- Não.

D2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

- Eu acho que é sempre um desafio, tanto mais com a idade que se começa a investir nesta área e se cria o próprio sonho.
- Porque investir ao pé de casa foi criar o próprio sonho, apesar de ter arrancado numa fase de crise económica profunda ...

D3. Que perdas teve?

- Uma das bases de sustentação do negócio da empresa são os eventos. A grande perda que nós tivemos tem a ver com essa base... Foi o nosso salão de eventos que ardeu totalmente e até ao momento ainda não foi possível a reconstrução desse espaço.

D4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou?

- Aconteceu no pior momento porque a empresa já estava a desenvolver a sua atividade na sua máxima força.
- É um sentimento que vai desaparecendo lentamente, mas que fica sempre preso na memória de todos nós. Não foi só a perda de rentabilidade (...), mas também há esta parte sentimental de perda.
- Foi o de tentar salvar o edifício e toda a área envolvente, tentar salvaguardar os nossos clientes, a vida deles, que era o mais importante...

D5. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?

- Candidatámo-nos a um projeto de financiamento...
- Fizemos um projeto novo para o mesmo local...Tentámos melhorar o que tínhamos. Sabíamos quais são as lacunas que teve esse espaço, vamos então tentar melhorar um pouco aquilo que nós tínhamos.

D6. Quais as razões que o motivaram a recuperar a empresa?

- Não perder o projeto que foi iniciado em 2011.
- Temos as garantias que se tivermos as bases, os eventos, a restauração e o hotel temos o projeto construído, um projeto que vai dar resultados.
- Vai dar futuro não só ao proprietário do negócio, mas também aos sócios e a todas as pessoas que investiram cá e continuam a trabalhar cá...

D7. Teve apoios? De quem? Foram suficientes?

- Foi ao projeto Reabilitar, mas continuamos à espera.

D8. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar?

- Suspendemos a atividade... Foram dois meses e meio completamente encerrados, sem atividade nenhuma.
- Tinha sido um início de ano muito bom. Já no ano passado terminou o ano muito positivo, com crescimento a nível de ocupação, vendas, serviços, restauração. Infelizmente a pandemia colocou um travão durante dois meses e meio.
- No primeiro mês da reabertura ainda sentimos dificuldade no arranque. Mas, retomámos com segurança. E as pessoas vão tendo consciência e responsabilidade. Nós estamos no interior...começou também a haver a procura. Somos uma unidade pequena, também transmite mais conforto ao cliente.

D9. Está a ter algum tipo de apoio?

-

D10. Que futuro prevê para a sua empresa? E para a economia em geral?

- São tempos bastante difíceis de construir, bastante difíceis de manter, tempos bastante difíceis de prever, é sempre muito incerto...
- Os movimentos de hotelaria tem muito a ver com os movimentos dos media. Sempre que há uma notícia nos media recebemos sempre informação em direto... Isso faz parar sempre as reservas.
- Mas a partir do momento que começamos a sentir necessidade e a sentir pressão para abrir, tivemos de abrir e tivemos de tomar decisões para a abertura.
- Nunca nos passava pela cabeça que as coisas até fossem tão boas, que corressem tão bem.
- Não é só uma questão de otimismo. Eu acho que quando as pessoas abraçam e sentem as adversidades e as preocupações... Eu lembro-me disso dos incêndios... Recebemos centenas de chamadas de solidariedade. Nós tivemos pessoas a ficar nas primeiras semanas...que estavam a ser solidárias. E isso marcou bastante.
- Eu prevejo muitas dificuldades futuras na economia em Portugal.
- Neste momento, estamos ao sabor daquilo que construímos, dos proveitos que tivemos, das ajudas estatais.
- Só que o próprio estado também vai ter de se ajudar, infelizmente.
- A economia portuguesa vai ter de se ajudar.
- Vai-se começar a travessar um deserto.
- Eu acho que a economia vai afundar

D11. Como se sente com tudo isto?

- Sempre preocupado.
- Sempre a tentar arranjar soluções para que a empresa tenha sempre um futuro.
- Em todos os momentos de adversidades tivemos de ter trunfos e aplicá-los de forma a não ter perdas.
- É difícil de colmatar o salão, muito difícil, mas há uma coisa que nós conseguimos que foi minorizar essa rentabilidade que deixámos de ter.
- Foi-se conseguindo através de alguma estratégia da própria unidade... Nalguns serviços conseguiu-se rentabilizar mais em detrimento da perda de eventos que passamos a ter.

D12. Considera-se uma pessoa resiliente?

- Sim, sempre. A idade também tem ajudado. Também a confiança da própria equipa, os próprios recursos humanos, da própria localização.
- Se há momentos em que nos deixa preocupados, há outros fatores que nos deixam sempre resilientes e a querer sempre lutar e nunca desistir.

D13. Considera-se um empreendedor?

- Sim.

D14. Quais as características que melhor o identificam?

- Nunca desistir, lutar sempre.
- Ter sempre estratégias para implementar no negócio.
- Estar sempre atento às novas ferramentas que vão surgindo no Mercado.
- Estar presente em todas essas vertentes e tentar apostar e tentar perceber o Mercado como é que ele está a funcionar.
- Não ficar parado.
- Há que se espreitar sempre novas oportunidades.
- Queremos aumentar o negócio porque sentimos que somos capazes.
- Apesar das adversidades nunca desistir.

Perfil pessoal e dados da empresa

Sexo	Masculino
Idade:	51
Nacionalidade:	Portuguesa
Habilitações literárias:	Licenciatura em gestão
Localização da empresa:	Penacova
Setor de atividade a que pertence:	Hotelaria
Dimensão da empresa:	Pequena empresa
Ano em que fundou a empresa:	2011

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

E5

D1. Vem de uma família de empreendedores?

- Sim.

D2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

- Difícil.

D3. Que perdas teve?

- Perda da atividade e de património construído e património natural.

D4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou?

- Em choque.
- Como recuperar a atividade?

D5. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?

- Apresentei 5 propostas aos proprietários do empreendimento – que foram rejeitadas.

D6. Quais as razões que o motivaram a reerguer a empresa?

- Os proprietários decidiram suspender a atividade e vender o património e empresa.
- Iniciei outra atividade com turismo.

D7. Teve apoios? De quem? Foram suficientes?

-

D8. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar?

- Sim. Perca 100% da atividade.

D9. Está a ter algum tipo de apoio?

- Não, estou a lançar outro projeto.

D10. Que futuro prevê para a sua empresa? E para a economia em geral?

- Inovar e encontrar outro modelo de negócio.
- Inovar e criação de modelos de negócio colaborativos, menos dependentes de turismo.

--

D11. Como se sente com tudo isto?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> Inspirada e motivada. |
|---|

D12. Considera-se uma pessoa resiliente?

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> Sim. |
|--|

D13. Considera-se um empreendedor?

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> Sim – talvez mais uma inovadora. |
|--|

D14. Quais as características que melhor o identificam?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> Inovadora, resiliente, criativa e colaborativa. |
|---|

Perfil pessoal e dados da empresa

Sexo	Feminino
Idade:	58
Nacionalidade:	Portuguesa
Habilitações literárias:	Mestrado
Localização da empresa:	Góis
Setor de atividade a que pertence:	Turismo
Dimensão da empresa:	Pequena empresa
Ano em que fundou a empresa:	2011

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

E6

D1. Vem de uma família de empreendedores?

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Sim. |
|--|

D2. Como é ser-se empresário na região centro do país?

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Bom. |
|--|

D3. Que perdas teve?

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Perda total. |
|--|

D4. Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Complicado.• Toda a minha vida desmoronou. |
|---|

D5. Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou?

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Não. |
|--|

D6. Quais as razões que o motivaram a não recuperar a empresa?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Com a minha idade, não sinto vontade de trabalhar até os 75 anos. |
|---|

D7. Teve apoios? De quem? Foram suficientes?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• (não respondeu) |
|---|

D8. Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• (não respondeu) |
|---|

D9. Está a ter algum tipo de apoio?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• (não respondeu) |
|---|

D10. Que futuro prevê para a sua empresa? E para a economia em geral?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• (não respondeu) |
|---|

D11. Como se sente com tudo isto?

- Tenho de continuar com a vida, mas nem sempre é fácil.

D12. Considera-se uma pessoa resiliente?

- Sim.

D13. Considera-se um empreendedor?

- Sim.

D14. Quais as características que melhor o identificam?

- Tenho uma forma diferente de encarar a vida, para que fique mais fácil e possa aproveitar mais.

Perfil pessoal e dados da empresa

Sexo	Feminino
Idade:	66
Nacionalidade:	Holandesa
Habilitações literárias:	Licenciatura em gestão
Localização da empresa:	Oliveira do Hospital
Sector de atividade a que pertence:	Restauração e alojamento local
Dimensão da empresa:	Pequena empresa
Ano em que fundou a empresa:	2017

Apêndice 10 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E1

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto	Variáveis
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Penso que sim	Vem de uma família de empreendedores? R: Não sei se se pode considerar ou não, mas eu penso que sim. O meu pai era construtor civil, portanto se isso for considerado empreendedorismo, sim.	
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Resiliência; loucura; resiliência	Como é ser-se empresário na região centro do país? R: • "É juntar resiliência com fator de loucura..." • "Estamos no interior, estamos longe de tudo. Os acessos rodoviários são péssimos..." • "Existe um conjunto de dificuldades e constrangimentos na atividade diária que é importante registar, nomeadamente, as vias de comunicação, bem como os próprios meios de comunicação." • "Tem de se ter muita resiliência."	Resiliência
<p>Como se comportam os empresários perante a catástrofe?</p> <p>Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?</p> <p>Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se recuperar? Sozinhos ou com o apoio do estado?</p> <p>Razões pelas quais decidiram recuperar ou não a empresa?</p>	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Perdas; o que é que vai acontecer a seguir? Reagimos de imediato; melhorámos; resiliência	Que perdas teve? R: • Sim, essencialmente em termos de clientes, de hóspedes, porque felizmente em termos estruturais a empresa não sofreu danos. • Quem gere recursos e quem tem contas mensais no final do mês começa a interrogar-se o que é que vai acontecer a seguir. Será que vamos ter a capacidade? • O nosso grande potencial no turismo, no interior, é a paisagem. Tendo nós a paisagem toda destruída questionamos o que vai ser. • Os clientes demoraram a voltar, mas nós reagimos de imediato. • Melhorámos substancialmente os nossos serviços. • A parte da resiliência também tem aqui um fator que é extremamente importante e que pesa muito nas decisões.	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno
		Sentimentos /reações/attitudes	Salvaguardar, integridade física, refazer, estratégia, comunicação, noutros mercados, preços reduzidos	Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou? R: • A primeira coisa foi salvaguardar a integridade física dos nossos hóspedes. • Comecei a questionar-me o que é que vai acontecer a seguir? O que é que eu vou fazer? • Tivemos de refazer toda a estratégia de comunicação, entrar noutros mercados a preços mais reduzidos.	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, empreendedor, locus de controlo interno
		Recuperar /Não recuperar	“Arregaçar as mangas”; procurar soluções; criatividade; resiliência; mobilizar a equipa	Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? R: • Sim, “arregaçar as mangas” e entrar no mercado e procurar soluções. • Temos de ser criativos. E aqui passou muito pela criatividade, pela resiliência, por mobilizar a equipa.	Resiliência, intenção empreendedora, locus de controlo de

		Motivos	Questão social, investimento, loucura, decisão, "arregaçar as mangas", entrar no mercado, procurar soluções, não há soluções milagrosas, não vem nos livros	Quais as razões que o motivaram a recuperar a empresa? R: • A questão social, a nossa causa, essa tem de ser colocada logo em primeira instância. • Olhar para todo este investimento e perguntar o que é que vai acontecer a todo este investimento? Vai ficar às moscas? Vai ficar cheio de silvas? Vai ficar abandonado? • E claro que juntando a loucura de um investimento destes a um momento de decisão, evidentemente que a decisão teria de passar por "arregaçar as mangas" e entrar no Mercado e procurar soluções. • Porque isto não há soluções milagrosas. • Nada daquilo que nós fazemos vem nos livros.	Intenção empreendedora, empreendedor, locus de controlo interno
		Apoios	Nunca se materializaram	Teve apoios? De quem? Foram suficientes? R: • Muitas promessas, que nunca se materializaram.	
	A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	Suspendi a atividade; garantimos confiança; reorganizámos o serviço; limitámos a capacidade máxima	Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar? R: • Suspendi a atividade 3 meses e meio. • Perdemos cerca de 400 mil euros de receita. • Para garantimos confiança máxima reorganizámos o serviço, nomeadamente de refeições e limitámos a capacidade máxima de alojamento nos 80%.	Foco regulatório (foco de prevenção)
		Apoios	Apoios; catástrofe	Está a ter algum tipo de apoio? R: • Neste momento tivemos alguns apoios. Não aquilo que foi prometido, mas pelo menos tivemos alguns apoios, porque foi uma catástrofe a nível nacional e a nível global.	Locus de controlo externo, catástrofe
Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?	A empresa e a economia em geral	Futuro	Incerteza	Que futuro prevê para a sua empresa? R: • Neste momento ninguém consegue fazer previsões. • A incerteza é a pior arma que nós hoje temos para trabalhar. Com a incerteza que hoje se vive ninguém consegue programar. É o maior constrangimento que neste momento se vive.	
Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?	Catástrofe	Sentimentos	Desorientação; comportamento dos outros	Como se sente com tudo isto? R: • Com alguma desorientação. • Hoje não conseguimos programar. • Antes dependia exclusivamente da minha capacidade de gestão. A minha empresa dependia exclusivamente de mim. Hoje a minha empresa depende do comportamento dos outros.	Locus de controlo (controlo externo)
Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Resiliência; loucura	Considera-se uma pessoa resiliente? R: • Resiliência misturada com loucura.	Resiliência
		Intenção empreendedora	Sim	Considera-se um empreendedor? R: • Acho que sim.	
		Caraterísticas de personalidade	Resiliência; nunca estou satisfeito; empreendedor	Quais as características que melhor o identificam? R: • Resiliência, eu acho que é a primeira. • Empreendedor também. • Nunca estou satisfeito com aquilo que tenho.	Resiliência, empreendedor

Apêndice 11 – Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E2

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto	Variáveis
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Não	Vem de uma família de empreendedores? R: • Não. Funcionários por conta de outrem.	
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Instituições, trabalho	Como é ser-se empresário na região centro do país? R: • Seria muito melhor, para todos os intervenientes, se as Instituições tivessem feito o seu trabalho. Exemplos: o verde seria uma área a preservar... Investimento em melhoramentos. Preservação florestal com um rumo definido e não uma gestão de dia a dia.	Locus de controlo (controlo externo)
<p>Como se comportam os empresários perante a catástrofe?</p> <p>Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?</p> <p>Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se recuperar? Sozinhos ou com o apoio do estado?</p> <p>Razões pelas quais decidiram recuperar/ ou não a empresa?</p>	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Ardeu, afetada, esperança	Que perdas teve? R: • Ardeu, por completo a casa t2, que devido á sua tipologia, era a que vendia mais e, nesse sentido a que trazia a maior fatia de proveitos para a Empresa. • 70 % das árvores com a área da piscina também afetada. • Os pinheiros mansos tinham resistido com fortes chamuscadelas apenas, olhei para aquilo como uma esperança.	Reconhecimento de oportunidade de negócio, intenção empreendedora
		Sentimentos /reações/atitudes	Miscelânea de pensamentos; mesquinho e individualista; Porque é que aquilo tinha acabado de me acontecer?	Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou? R: • Não consigo descrever-lhe... • É curioso, mas, passado alguns momentos, entre a miscelânea de pensamentos, a única coisa razoável em que pensei foi..... Porque é que não aceitei uma oferta que nos tinham feito em junho desse ano!? • Um pouco mesquinho e individualista, mas foi o que me ocorreu perante aquela visão. Porque é que aquilo tinha acabado de me acontecer?	Locus de controlo externo
		Recuperar /Não recuperar	Sim, apoios do governo	Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? R: • Sim. • Passados alguns dias o Governo (através de fundos Europeus para o sucedido) anunciou medidas de apoio. • Fui a duas reuniões na Câmara, a primeira estava presente, a agora Ministra da Coesão Territorial, antes Secretária de Estado. Foi prometido o céu!	Locus de controlo externo
		Motivos	Estudo interno, fundo de tesouraria	Quais as razões que o motivaram a recuperar a empresa? R: • Após termos feito um pequeno estudo interno, onde juntámos o nosso fundo de tesouraria, mais o apoio, seguramente no Verão poderíamos estar a operar.	Tolerância ao risco, locus controlo (controlo interno e externo)

		Apoios	Candidatura; não consegui recuperar, catástrofe, perdemos, interrompemos, falimos	<p>Teve apoios? De quem? Foram suficientes? R:• Candidatura apresentada (...) junto da CCDRC em Dezembro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Depois de aprovada, foi transferida para o Turismo de Portugal IP em Lisboa. • Seriam suficientes se tudo tivesse corrido como foi, apregoado, na Reunião onde esteve presente um membro do Governo. • Mas, na realidade, não foi assim. Não consegui recuperar. • Ficou a faltar a palavra, a decência de cumprir o que se promete às pessoas... <p>Refiro-me agora ao Turismo de Portugal IP (...) a Candidatura estava aprovada, mas eles achavam que, apesar de a CCDR ter aprovado, eles não concordavam.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fui a duas reuniões ao Turismo de Portugal IP, explicando isto mesmo, e, uma das respostas que deram, foi a seguinte, somos quatro para cerca de duzentos processos. Processos estes das mais variadas áreas do Turismo e cada uma com o seu programa. O meu era ligado às catástrofes, mas, era tratado como se não fosse. • Perdemos o nosso fundo de tesouraria e interrompemos a candidatura. Falimos e vendemos o terreno por uma miserável quantia. 	Locus de controlo externo, catástrofe	
A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	Não iria aguentar mais; adversidades; dura realidade	<p>Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar? R: • Não iria aguentar mais, algo parecido com aqueles tempos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Posso apenas imaginar o que poderia estaria a passar, depois de ter assistido "in loco" ao funcionamento do Estado Português, perante adversidades. • Existe o que os decisores anunciam por todo o lado e mais algum, e depois, existe a realidade, a dura realidade. 			
	Apoios	Nunca aceitar nenhuma "ajuda", "apoio " do Estado	<p>Está a ter algum tipo de apoio? R:• Jamais, neste momento se ainda fosse um "player", mantinha a minha máxima que, ironicamente era, nunca, mas nunca aceitar nenhuma "ajuda", "apoio",...do Estado.</p>			
<p>Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?</p> <p>Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?</p> <p>Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?</p>	A empresa e a economia em geral	Futuro	"No future"; regressão	<p>Que futuro prevê para a sua empresa? E economia em geral? R: • "no future".</p> <ul style="list-style-type: none"> • Regressão em tudo o que poderia ter sido um sinal para uma mudança. 	Reconhecimento de oportunidade de negócio	
	Catástrofe	Sentimentos	Porque é que não vendi isto? NÃO; aliviado	<p>Como se sente com tudo isto? R: • "Porque é que não vendi isto três meses antes" e nem estaria aqui.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verdadeiramente, um pouco aliviado, porque, de novo, outra vez, NÃO. Quando menciono, NÃO, refiro-me aos procedimentos, anunciam uma coisa, mas, na realidade no terreno o que se passa é outra, completamente diferente, e, sempre para, os do costume. 		
	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Resiliência		<p>Considera-se uma pessoa resiliente? R: • Sim, giro o meu dia-a-dia. Um dia de cada vez. Isso também é resiliência.</p>	Resiliência
		Intenção empreendedora	Sempre		<p>Considera-se um empreendedor? R: • Sempre.</p>	
	Caraterísticas de personalidade	Previdente		<p>Quais as características que melhor o identificam? R: • Previdente, tento sempre ser previdente.</p>	Foco regulatório (foco de prevenção)	

Apêndice 12 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E3

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto	Variáveis
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Posso dizer que sim	Vem de uma família de empreendedores? R: • Posso dizer que sim. Na geração anterior, o meu pai. Coisas pequenas, negócios pequenos.	
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Muito difícil; não me posso queixar; apoios	Como é ser-se empresário na região centro do país? R: • Seria pior se estivesse no interior do país. As desigualdades serão maiores. Mas, é muito difícil para as pequenas empresas. • São muitas as obrigações. Obrigações estas que são comuns às empresas de maior dimensão. • Mas apesar de estar numa zona despovoada, não me posso queixar tenho tido apoios e em termos logísticos chega tudo na mesma. • O pior é a internet que, às vezes não funciona muito bem.	Resiliência
<p>Como se comportam os empresários perante a catástrofe?</p> <p>Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?</p> <p>Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?</p> <p>Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?</p>	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Muito afetada	Que perdas teve? R: • Muito afetada. Fechou mesmo. • O fogo entrou na propriedade e destruiu 2 das 6 casas que temos. Destruíu a zona envolvente e quase todo o enquadramento paisagístico. • Ficaram umas árvores folhosas que tinha plantado e que são muito importantes para o enquadramento paisagístico.	
		Sentimentos /reações/attitudes	Trauma, esperança	Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou? R: • Foi um trauma que fica para o resto da vida. Em cada verão que vem, a cada nuvem de fumo é um aperto no coração. • Demorei muito a perceber a dimensão. Eu não estava lá. As estradas estavam cortadas. Não havia telecomunicações. Soube pelo facebook. Preparei-me para o pior. Imaginei aquelas árvores que plantei queimadas... • Recordo a satisfação de ver que as árvores não tinham ardido. Não doeu tanto assim... • Para mim, as árvores não terem ardido foi um sinal de esperança.	Empreendedora, resiliência
		Recuperar /Não recuperar	Possível recuperar	Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? R: • Quando vi as árvores de pé, senti que era possível recuperar. • Sim. Neste momento está tudo reconstruído.	Resiliência, empreendedorismo
		Motivos	Ligação afetiva; paixão; desejo de reerguer; valor	Quais as razões que o motivaram a reerguer a empresa? R: • Existe uma ligação afetiva entre a empresa e o promotor. • É uma paixão, uma ligação muito forte. • Um desejo de reerguer. • Ali está a ser gerado valor.	Empreendedor, perceção do sucesso do negócio

		Apoios	Candidatei; reconstruí tudo; melhorei	Teve apoios? De quem? Foram suficientes? R: • Sempre tive. Sempre me candidatei a tudo. • Projeto Comunitário PRODER, do antigo quadro comunitário; do IIEFP; Vales de internacionalização; Linha valorizar (investir numa casa nova). • Sim. Reconstruí tudo e ainda melhorei.	Locus de controlo (controlo interno e externo), reconhecimento de oportunidades de negócio	
A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020		Perdas /prejuízos	Suspendi; doloroso; querer; medo	Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar? R: • Suspendi. • Preparo a reabertura... • Mas é um processo muito doloroso. • É um querer trabalhar e ter medo de trabalhar.	Locus de controlo interno, empreendedorismo	
		Apoios	Candidatámo-nos; apoio	Está a ter algum tipo de apoio? R: • Candidatámo-nos ao apoio do Turismo de Portugal. • Estamos a tratar da candidatura à linha Adaptar, para comprar equipamento de proteção e ao apoio reinício. • Recorremos, também, às moratórias dos créditos bancários.	Locus de controlo (controlo interno e externo)	
		A empresa e a economia em geral	Futuro	Acredito; receio; azar; “Há quem chore e há quem venda lenços”; chorar; complicado; esperança; soluções	Que futuro prevê para a sua empresa? E para a economia em geral? R: • Acredito que vamos ter mercado, atendendo ao plano de reservas e aquelas pessoas que iam para fora do país e que já não vão. • Mas receio a possibilidade de ter um azar. • “Há quem chore e há quem venda lenços.” Neste momento estou a chorar... • Vai ser complicado. • O que está a ser feito é bom, estão a ser tomadas medidas rápidas. • Se as redes que estão a ser lançadas não existissem, acredito que mais empresas iriam falir. • Acredito na capacidade do povo Português. • Não se pode perder a esperança. • Espero que se encontrem outras soluções	Resiliência, locus de controlo externo
Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?		Catástrofe	Sentimentos	No limite; falhar; cansada; confiar; capacidade	Como se sente com tudo isto? R: • No limite. • É tudo. Sou mãe, tenho 2 filhas em casa em teleescola. É uma sensação de que estou a falhar em todos os campos. • Sinto-me cansada. • Mas tenho de confiar na vida, na minha capacidade, no percurso com as pessoas que me acompanham.	Resiliência
Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?		Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Sim	Considera-se uma pessoa resiliente? R: • Sim. Não tenho dúvidas. Já tive muitas provas disso.	Resiliência
Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?			Intenção empreendedora	Pessoa de projetos; ADN	Considera-se um empreendedor? R: • Sim, apesar de numa pequena escala. • Sou uma pessoa de projetos. Sempre quis ter o meu projeto. Sempre quis o meu espaço para criar. • Está no meu ADN.	Intenção empreendedora

		<p>Caraterísticas de personalidade</p>	<p>Capacidade de trabalho; criativa; polivalente; determinada; apaixonada; otimista; capacidade para me auto motivar; acredito que tenho sempre uma ajuda; há algo acima de mim que me dá força; há coisas que são para acontecer e outras não; está nas minhas mãos o que vai acontecer; pois a forma como vejo as coisas interfere no resultado</p>	<p>Quais as características que melhor o identificam? R:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de trabalho. • Tenho um bocado falta de autoconfiança, dou muito para não falhar. • Sou criativa, polivalente, determinada, apaixonada, otimista. • No final penso que tudo vai correr bem. • Tenho capacidade para me auto motivar. • Acredito que tenho sempre uma ajuda. Há algo acima de mim que me dá força. • Há coisas que são para acontecer e outras não. • Mas, também acredito que está nas minhas mãos o que vai acontecer, pois a forma como vejo as coisas interfere no resultado. 	<p>Empreendedora, locus de controlo (interno e externo)</p>
--	--	--	---	--	---

Apêndice 13 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E4

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto	Variáveis
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Não	Vem de uma família de empreendedores? R: Não.	
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Desafio; sonho	Como é ser-se empresário na região centro do país? R: • Eu acho que é sempre um desafio, tanto mais com a idade que se começa a investir nesta área e se cria o próprio sonho. • Porque investir ao pé de casa foi criar o próprio sonho, apesar de ter arrancado numa fase de crise económica profunda ...	Oportunidade de negócio, empreendedor, tolerância ao risco
<p>Como se comportam os empresários perante a catástrofe?</p> <p>Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade?</p> <p>Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado?</p> <p>Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?</p>	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Perda	Que perdas teve? R: • Uma das bases de sustentação do negócio da empresa são os eventos. A grande perda que nós tivemos tem a ver com essa base... Foi o nosso salão de eventos que ardeu totalmente e até ao momento ainda não foi possível a reconstrução desse espaço.	
		Sentimentos /reações/attitudes	Pior momento; sentimento; preso na memória; perda	Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou? R: • Aconteceu no pior momento porque a empresa já estava a desenvolver a sua atividade na sua máxima força. • É um sentimento que vai desaparecendo lentamente, mas que fica sempre preso na memória de todos nós. Não foi só a perda de rentabilidade (...), mas também há esta parte sentimental de perda. • Foi o de tentar salvar o edifício e toda a área envolvente, tentar salvaguardar os nossos clientes, a vida deles, que era o mais importante...	
		Recuperar /Não recuperar	Candidatámo-nos; projeto de financiamento; melhorar	Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? R: • Candidatámo-nos a um projeto de financiamento... • Fizemos um projeto novo para o mesmo local... Tentámos melhorar o que tínhamos. Sabíamos quais são as lacunas que teve esse espaço, vamos então tentar melhorar um pouco aquilo que nós tínhamos.	Locus de controlo (controlo interno e externo), intenção empreendedora, reconhecimento de oportunidades de negócio
		Motivos	Não perder; garantias; resultados; futuro	Quais as razões que o motivaram a reerguer a empresa? R: • Não perder o projeto que foi iniciado em 2011. • Temos as garantias que se tivermos as bases, os eventos, a restauração e o hotel temos o projeto construído, um projeto que vai dar resultados. • Vai dar futuro não só ao proprietário do negócio, mas também aos sócios e a todas as pessoas que investiram cá e continuam a trabalhar cá...	Tolerância ao risco, locus de controlo interno, empreendedor
		Apoios	Espera	Teve apoios? De quem? Foram suficientes? R: • Foi ao projeto Reabilitar, mas continuamos à espera.	Locus de controlo externo

	A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	Suspendemos; dificuldade; segurança; consciência; responsabilidade	<p>Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar? R: • Suspendemos a atividade... Foram dois meses e meio completamente encerrados, sem atividade nenhuma.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tinha sido um início de ano muito bom. Já no ano passado terminou o ano muito positivo, com crescimento a nível de ocupação, vendas, serviços, restauração. • Infelizmente a pandemia colocou um travão durante dois meses e meio. • No primeiro mês da reabertura ainda sentimos dificuldade no arranque. Mas, retomámos com segurança. E as pessoas vão tendo consciência e responsabilidade. Nós estamos no interior...começou também a haver a procura. Somos uma unidade pequena, também transmite mais conforto ao cliente. 	Foco regulatório (foco de prevenção)
	A empresa e a economia em geral	Apoios		<p>Está a ter algum tipo de apoio? R:</p>	
<p>Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?</p> <p>Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?</p> <p>Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?</p>	Catástrofe	Futuro	<p>Difíceis de construir; difíceis de manter; difíceis de prever; muito incerto; tomar decisões; otimismo; solidariedade; dificuldades futuras; afundar</p> <p>Preocupado; arranjar soluções; futuro; adversidades; trunfos; não ter perdas; minorizar; estratégia; rentabilizar</p>	<p>Que futuro prevê para a sua empresa? E para a economia em geral? R: • São tempos bastante difíceis de construir, bastante difíceis de manter, tempos bastante difíceis de prever, é sempre muito incerto...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os movimentos de hotelaria tem muito a ver com os movimentos dos “média”. • Sempre que há uma notícia nos “média” recebemos sempre informação em direto... Isso faz parar sempre as reservas. • Mas a partir do momento que começamos a sentir necessidade e a sentir pressão para abrir, tivemos de abrir e tivemos de tomar decisões para a abertura. • Nunca nos passava pela cabeça que as coisas até fossem tão boas, que corresse tão bem. • Não é só uma questão de otimismo. Eu acho que quando as pessoas abraçam e sentem as adversidades e as preocupações... Eu lembro-me disso dos incêndios... Recebemos centenas de chamadas de solidariedade. Nós tivemos pessoas a ficar nas primeiras semanas...que estavam a ser solidárias. E isso marcou bastante. • Eu prevejo muitas dificuldades futuras na economia em Portugal. • Neste momento, estamos ao sabor daquilo que construímos, dos proveitos que tivemos, das ajudas estatais. • Só que o próprio estado também vai ter de se ajudar, infelizmente. • A economia portuguesa vai ter de se ajudar. • Vai-se começar a travessar um deserto. • Eu acho que a economia vai afundar <p>Como se sente com tudo isto? R:• Sempre preocupado.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sempre a tentar arranjar soluções para que a empresa tenha sempre um futuro. • Em todos os momentos de adversidades tivemos de ter trunfos e aplicá-los de forma a não ter perdas. • É difícil de colmatar o salão, muito difícil, mas há uma coisa que nós conseguimos que foi minorizar essa rentabilidade que deixámos de ter. • Foi-se conseguindo através de alguma estratégia da própria unidade... Nalguns serviços conseguiu-se rentabilizar mais em detrimento da perda de eventos que passamos a ter. 	Locus de controlo externo Resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno

Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Sim; confiança; recursos; localização; resilientes; lutar; nunca desistir	<p>Considera-se uma pessoa resiliente? R: • Sim, sempre. A idade também tem ajudado. Também a confiança da própria equipa, os próprios recursos humanos, da própria localização.</p> <p>• Se há momentos em que nos deixa preocupados, há outros fatores que nos deixam sempre resilientes e a querer sempre lutar e nunca desistir.</p>	Resiliência
	Intenção empreendedora	Sim	<p>Considera-se um empreendedor? R: • Sim.</p>	
	Caraterísticas de personalidade	Nunca desistir; lutar sempre; estratégias; atento; estar presente; apostar; não ficar parado; novas oportunidades; aumentar o negócio	<p>Quais as características que melhor o identificam? R: • Nunca desistir, lutar sempre.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ter sempre estratégias para implementar no negócio. • Estar sempre atento às novas ferramentas que vão surgindo no Mercado. • Estar presente em todas essas vertentes e tentar apostar e tentar perceber o Mercado como é que ele está a funcionar. • Não ficar parado. • Há que se espreitar sempre novas oportunidades. • Queremos aumentar o negócio porque sentimos que somos capazes. • Apesar das adversidades nunca desistir. 	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno, tolerância ao risco, intenção empreendedora, perceção do sucesso do negócio

Apêndice 14 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E5

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto	Variáveis
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Sim	Vem de uma família de empreendedores? R: • Sim.	
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Difícil	Como é ser-se empresário na região centro do país? R: • Difícil.	
Como se comportam os empresários perante a catástrofe? Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade? Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado? Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Perda	Que perdas teve? R: • Perda da atividade e de património construído e património natural.	
		Sentimentos /reações/attitudes	Choque; recuperar	Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou? R: • Em choque. • Como recuperar a atividade?	Intenção empreendedora
		Recuperar /Não recuperar	Propostas, rejeitadas	Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? R: Apresentei 5 propostas aos proprietários do empreendimento – que foram rejeitadas	Locus de controlo interno, empreendedora
		Motivos	Suspender a atividade, outra atividade	Quais as razões que o motivaram a reerguer a empresa? R: •Os proprietários decidiram suspender a atividade e vender o património e empresa. • Iniciei outra atividade com turismo.	Resiliência, reconhecimento de oportunidades de negócio
		Apoios		Teve apoios? De quem? Foram suficientes? R:	
	A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	Perda	Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar? R: • sim. Perda 100% da atividade.	
	Apoios	Lançar, outro projeto	Está a ter algum tipo de apoio? R: • Não, estou a lançar outro projeto.	Resiliência, Locus de controlo interno, empreendedorismo	
Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?	A empresa e a economia em geral	Futuro	Inovar	Que futuro prevê para a sua empresa? E para a economia em geral? R: • Inovar e encontrar outro modelo de negócio. • Inovar e criação de modelos de negocio colaborativos, menos dependentes de turismo.	Locus de controlo interno, Intenção empreendedora
Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?	Catástrofe	Sentimentos	Inspirada; motivada	Como se sente com tudo isto? R: • Inspirada e motivada.	Resiliência, empreendedor, intenção empreendedora
Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente perceciona o sucesso nos negócios?	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Sim	Considera-se uma pessoa resiliente? R: • Sim.	Resiliência
		Intenção empreendedora	Sim; inovadora	Considera-se um empreendedor? R: sim – talvez mais uma inovadora	
		Caraterísticas de personalidade	Inovadora; resiliente; criativa e colaborativa	Quais as características que melhor o identificam? R: • Inovadora, resiliente, criativa e colaborativa.	Resiliência, empreendedora

Apêndice 15 - Tabela de análise de conteúdo da Entrevista E6

Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registo	Unidade de contexto	Variáveis
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Sim	Vem de uma família de empreendedores? R: • Sim.	
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Bom	Como é ser-se empresário na região centro do país? R: • Bom.	
Como se comportam os empresários perante a catástrofe? Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade? Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado? Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Perda total	Que perdas teve? R: • Perda total.	
		Sentimentos /reações/attitudes	Complicado; desmoronou	Como se sentiu ao ver todos aqueles danos? Qual foi a primeira coisa em que pensou? R: • Complicado. • Toda a minha vida desmoronou.	
		Recuperar /Não recuperar	Não	Resolveu “arregaçar as mangas” e recuperar aquilo que o fogo lhe tirou? R: • Não.	
		Motivos	Não sinto vontade	Quais as razões que o motivaram a não reerguer a empresa? R: • Com a minha idade, não sinto vontade de trabalhar até os 75 anos.	Perceção do risco (risco como ameaça)
		Apoios		Teve apoios? De quem? Foram suficientes? R:	
A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos			Suspendeu a atividade da sua empresa como meio de contingência? Que danos lhe está a causar? R:	
		Apoios		Está a ter algum tipo de apoio? R:	
Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?	A empresa e a economia em geral	Futuro		Que futuro prevê para a sua empresa? R:	
	Catástrofe	Sentimentos	Continuar com a vida; nem sempre é fácil	Como se sente com tudo isto? R: • Tenho de continuar com a vida, mas nem sempre é fácil.	
Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe? Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Sim	Considera-se uma pessoa resiliente? R: • Sim.	
		Intenção empreendedora	Sim	Considera-se um empreendedor? R: • Sim.	
		Caraterísticas de personalidade	Forma diferente de encarar a vida	Quais as características que melhor o identificam? R: • Tenho uma forma diferente de encarar a vida, para que fique mais fácil e possa aproveitar mais.	

Apêndice 16 – Tabela da intensidade das unidades de registro

			Entrevistas						
			E1	E2	E3	E4	E5	E6	
Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Unidade de registro						Nível de intensidade
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras	Penso que sim	Não	Posso dizer que sim	Não	Sim	Sim	Alta
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Resiliência; loucura; resiliência	Instituições; trabalho	Muito difícil; não me posso queixar; apoios	Desafio; sonho	Difícil	Bom	Baixa
Como se comportam os empresários perante a catástrofe? Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade? Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado? Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Perdas; o que é que vai acontecer a seguir? Reagimos de imediato; melhorámos; resiliência	Ardeu, afetada, esperança	Muito afetada	Perda	Perda	Perda total	Alta
		Sentimentos /reações/atitudes	Salvaguardar, integridade física, refazer, estratégia, comunicação, noutros mercados, preços reduzidos	Miscelânea de pensamentos; mesquinho e individualista; Porque é que aquilo tinha acabado de me acontecer?	Trauma, esperança	Pior momento; sentimento; preso na memória; perda	Choque; recuperar	Complicado; desmoronou	Alta
		Recuperar /Não recuperar	“Arregaçar as mangas”; procurar soluções; criatividade; resiliência; mobilizar a equipa	Sim; apoios do governo	Possível recuperar	Candidatámo-nos; projeto de financiamento; melhorar	Propostas; rejeitadas	Não	Alta
		Motivos	Questão social; investimento; loucura; decisão; "arregaçar as mangas"; entrar no mercado; procurar soluções; não há soluções milagrosas; não vem nos livros	Estudo interno; fundo de tesouraria	Ligação afetiva; paixão; desejo de reerguer; valor	Não perder; garantias; resultados; futuro	Suspender a atividade; outra atividade	Não sinto vontade	Baixa

		Apoios	Nunca se materializaram	Candidatura; não consegui recuperar; catástrofe; perdemos; interrompemos; falimos	Candidatei; reconstruí tudo; melhorei	Espera				Baixa
	A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	Suspendi a atividade; garantirmos confiança; reorganizámos o serviço; limitámos a capacidade máxima	Não iria aguentar mais; adversidades; dura realidade	Suspendi; doloroso; querer; medo	Suspendemos; dificuldade; segurança; consciência; responsabilidade	Perda			Alta
		Apoios	Apoios; catástrofe	Nunca aceitar nenhuma “ajuda”; “apoio” do Estado	Candidatámo-nos; apoio		Lançar; outro projeto			Baixa
Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?	A empresa e a economia em geral	Futuro	Incerteza	“ No future ”; regressão	Acredito; receio; azar; “Há quem chore e há quem venda lenços”; chorar; complicado; esperança; soluções	Difíceis de construir; difíceis de manter; difíceis de prever; muito incerto; tomar decisões; otimismo; solidariedade; dificuldades futuras; afundar	Inovar			Alta
Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe? Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?	Catástrofe	Sentimentos	Desorientação; comportamento dos outros	Porque é que não vendi isto? NÃO; aliviado	no limite; falhar; cansada; confiar; capacidade	Preocupado; arranjar soluções; futuro; adversidades; trunfos; não ter perdas; memorizar; estratégia; rentabilizar	Inspirada; motivada	Continuar com a vida; nem sempre é fácil		Alta
	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Resiliência; loucura	Resiliência	Sim	Sim; confiança; recursos; localização; resilientes; lutar; nunca desistir	Sim	Sim		Alta
		Intenção empreendedora	Sim	Sempre	Pessoa de projetos; ADN	Sim	Sim; inovadora	Sim		Alta

		Caraterísticas de personalidade	Resiliência; nunca estou satisfeito; empreendedor	Previdente	Capacidade de trabalho; criativa; polivalente; determinada; apaixonada; otimista; capacidade para me auto motivar; acredito que tenho sempre uma ajuda; há algo acima de mim que me dá força; há coisas que são para acontecer e outras não; está nas minhas mãos o que vai acontecer; pois a forma como vejo as coisas interfere no resultado	Nunca desistir; lutar sempre; estratégias; atento; estar presente; apostar; não ficar parado; novas oportunidades; aumentar o negócio	Inovadora; resiliente; criativa e colaborativa	Forma diferente de encarar a vida	Alta
--	--	---------------------------------	---	------------	--	---	--	-----------------------------------	------

Apêndice 17 - Tabela das variáveis em estudo mais expressivas

			Entrevistas						
			E1	E2	E3	E4	E5	E6	
Questões da investigação	Categorias	Subcategorias	Variáveis						Variável (eis) mais expressiva (s)
Ter raízes empreendedoras e a localização da empresa são fatores importantes para o sucesso do negócio?	Empreendedorismo	Raízes empreendedoras							
	Localização da empresa	A localização condiciona a atividade da empresa	Resiliência	Locus de controlo (controlo externo)	Resiliência	Oportunidade de negócio, empreendedor, tolerância ao risco			Resiliência
Como se comportam os empresários perante a catástrofe? Conseguem reconhecer oportunidades de negócio perante a adversidade? Terão os empresários capacidade empreendedora e financeira para se reerguer? Sozinhos ou com o apoio do estado? Razões pelas quais decidiram reerguer/ ou não a empresa?	A ocorrência dos incêndios em outubro 2017	Perdas/prejuízos	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno	Reconhecimento de oportunidade de negócio, intenção empreendedora					Reconhecimento de oportunidades
		Sentimentos /reações/attitudes	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, empreendedor, locus de controlo interno	Locus de controlo externo	Empreendedora, resiliência		Intenção empreendedora		Resiliência e empreendedor
		Recuperar /Não recuperar	Resiliência, intenção empreendedora, locus de controlo de controlo interno	Locus de controlo externo	Resiliência, empreendedorismo	Locus de controlo (controlo interno e externo), intenção empreendedora, reconhecimento de oportunidades de negócio	Locus de controlo interno, empreendedora		Resiliência, locus de controlo interno, intenção empreendedora e empreendedor
		Motivos	Intenção empreendedora, empreendedor, locus de controlo interno	Tolerância ao risco, locus controlo (controlo interno e externo)	Empreendedor, percepção do sucesso do negócio	Tolerância ao risco, locus de controlo interno, empreendedor	Resiliência, reconhecimento de oportunidades de negócio	Perceção do risco (risco como ameaça)	Locus de controlo interno, empreendedor

		Apoios		Locus de controlo externo, catástrofe	Locus de controlo (controlo interno e externo), reconhecimento de oportunidades de negócio	Locus de controlo externo			Locus de controlo externo	
	A ocorrência do surto epidemiológico provocado pelo vírus COVID-19 a partir de março 2020	Perdas /prejuízos	Foco regulatório (foco de prevenção)		Locus de controlo interno, empreendedorismo	Foco regulatório (foco de prevenção)			Foco regulatório (foco de prevenção)	
		Apoios	Locus de controlo externo, catástrofe		Locus de controlo (controlo interno e externo)		Resiliência, Locus de controlo interno, empreendedorismo		Locus de controlo (controlo interno e externo)	
<p>Poderão algumas características de personalidade ter impacto nas decisões e intenções dos empresários?</p> <p>Quais as características que identificam este tipo de empresários perante a catástrofe?</p> <p>Quais as características que possibilitam identificar um perfil de empresário que facilmente percebe o sucesso nos negócios?</p>	A empresa e a economia em geral	Futuro		Reconhecimento de oportunidade de negócio	Resiliência, locus de controlo externo	Locus de controlo externo	Locus de controlo interno, Intenção empreendedora		Locus de controlo externo	
	Catástrofe	Sentimentos	Locus de controlo externo		Resiliência	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno	Resiliência, empreendedor, intenção empreendedora		Resiliência	
	Perfil do empresário perante a catástrofe	Resiliência	Resiliência	Resiliência	Resiliência	Resiliência	Resiliência	Resiliência		Resiliência
		Intenção empreendedora				Intenção empreendedora				
		Caraterísticas de personalidade	Resiliência, empreendedor	Foco regulatório (foco de prevenção)	Empreendedora, locus de controlo (interno e externo)	Resiliência, reconhecimento de oportunidades, locus de controlo interno, tolerância ao risco, intenção empreendedora, percepção do sucesso do negócio	Resiliência, empreendedor			Resiliência, empreendedor e locus de controlo interno